

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

ANANDA ZAMBI DE ALBUQUERQUE

RITA EM QUATRO TEMPOS:
UMA ANÁLISE DE PERFIS JORNALÍSTICOS DE RITA LEE

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

ANANDA ZAMBI DE ALBUQUERQUE

RITA EM QUATRO TEMPOS:
UMA ANÁLISE DE PERFIS JORNALÍSTICOS DE RITA LEE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Cassilda Golin Costa

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Albuquerque, Ananda Zambi de
Rita em quatro tempos: uma análise de perfis
jornalísticos de Rita Lee / Ananda Zambi de
Albuquerque. -- 2018.
111 f.
Orientadora: Cassilda Golin Costa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Rita Lee. 2. Perfil jornalístico. 3. Narrativa.
4. Personagem. 5. Jornalismo Literário. I. Costa,
Cassilda Golin, orient. II. Título.

ANANDA ZAMBI DE ALBUQUERQUE

RITA EM QUATRO TEMPOS:
UMA ANÁLISE DE PERFIS JORNALÍSTICOS DE RITA LEE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Cassilda Golin Costa

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Cassilda Golin Costa – UFRGS

Orientadora

Prof Dr. Basílio Sartor – UFRGS

Examinador

Ana Laura Freitas

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me darem todas as condições para eu seguir em frente nessa empreitada maluca de estudar há 3.500 km longe do lar, e também por me aturarem em todos os finais de semestre.

Aos meus amigos - a quem prefiro chamar de segunda família -, por sempre me lembrarem que eu sou capaz de conquistar o que eu quiser.

Ao Nonada - Jornalismo Travessia, que me acolheu de forma que eu jamais poderia imaginar e que acabou se tornando a minha segunda escola de jornalismo.

À Cida Golin, por ter me orientado com serenidade e por ter acreditado em mim até quando eu mesma não acreditei.

Ao rock brasileiro, a quem devo grande parte do que sou hoje.

Por fim, à Rita Lee, pelo tanto que me ensinou ao longo deste estudo e por ter feito um monte de gente feliz.

*Um belo dia vou lhe telefonar
Pra lhe dizer que aquele sonho cresceu*

Rita Lee

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo observar a construção da figura da cantora e compositora Rita Lee pelo jornalismo brasileiro no período entre os anos de 1971 e 2007. Serão analisados quatro perfis jornalísticos publicados em diferentes veículos - Fatos e Fotos, Nova, Jornal do Brasil e Rolling Stone - à luz da análise pragmática da narrativa, a fim de identificar quais estratégias foram utilizadas para a estrutura da narração, bem como para a construção do enredo e para a caracterização da personagem. Com esse estudo, conclui-se que a história de Rita Lee foi contada, nesses quatro perfis, por meio de mais recursos literários do que biográficos, mas sem perder a noticiabilidade do momento. Além disso, a protagonista das narrativas foi retratada tanto de maneira tipificada quanto complexificada.

Palavras-chave: Rita Lee; música; narrativa; personagem; perfil jornalístico; jornalismo literário.

ABSTRACT

This monography aims to perceive the construction of Rita Lee's representation and career by the Brazilian media in the period between 1971 and 2007. Four journalistic profiles published in different journals and magazines will be analyzed - Fatos e Fotos, Nova, Jornal do Brasil and Rolling Stone - through the pragmatic analysis of narrative, to identify which strategies were used to structure the story, as well to construct the plot and the character. This study concludes that Rita Lee's history was told, in these four profiles, through more literary than biographical resources, but that didn't make them lose the newsworthiness of the time. Furthermore, the narrative's main character was represented as a type as well as a complex person.

Keywords: Rita Lee; music; narrative; character; journalistic profile; New Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rita na capa da revista Fatos e Fotos.....	35
Figura 2: primeira página de Rita, a garota Lee.....	36
Figura 3: Rita Lee como tendência	38
Figura 4: Rita e Chacrinha.....	39
Figura 5: abertura da matéria e foto.....	42
Figura 6: terceira e quarta páginas do perfil.....	43
Figura 7: foto destaque da matéria.....	49
Figura 8: imagens de arquivo.....	49
Figura 9: página inteira da matéria.....	50
Figura 10: Rita na capa da revista Rolling Stone.....	53
Figura 11: retrato de Rita.....	54
Figura 12: Rita Lee com estilo masculinizado.....	57
Figura 13: Rita nos anos 1970.....	59

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Jornalismo e narrativa	14
2.1. Elementos de base narrativa: a narratologia.....	14
2.2. A narrativa jornalística.....	17
3. Personagens reais e ficcionais: o perfil como gênero	22
3.1. O conceito de personagem.....	22
3.2. A personagem no jornalismo.....	23
3.3. Perfis jornalísticos.....	25
4. Rita em perspectiva: análise narrativa dos perfis	30
4.1. Rita Lee e seu legado.....	30
4.2. Metodologia de análise.....	33
4.2.1. <i>A produção do corpus</i>	34
4.3. Análise dos perfis.....	35
4.3.1. <i>Rita, a garôta Lee</i>	35
4.3.2. <i>Rita Lee: sexy, debochada, corajosa</i>	41
4.3.3. <i>Rita Lee trabalha em paz</i>	48
4.3.4. <i>“Não nasci para casar e lavar cuecas”, revela Rita Lee</i>	53
5. Considerações finais	63
6. Referências bibliográficas	67
7. Anexos	70

1 INTRODUÇÃO

Rita Lee Jones. Esse é o nome da personalidade feminina mais marcante da história do rock brasileiro. Cantora, compositora, instrumentista e arranjadora, Rita passou por poucas e boas para chegar onde chegou: expulsão de banda, prisão grávida, overdoses e muitas críticas. A escolha da artista como objeto de pesquisa se deu por causa dessas características e também por razões pessoais. Além da vontade de aliar jornalismo e música, quis aprofundar minha pesquisa particular sobre cantautoras brasileiras. Como meu despertar inicial para essa arte foi por meio do rock brasileiro feito nos anos 1970 e 1980, eu não poderia escolher outra personagem senão a criativa, irreverente e polêmica Rita Lee.

Esta monografia tem como objetivo geral verificar de que maneira a imprensa construiu a trajetória e a figura da cantora e compositora mais importante da história do rock brasileiro. Faremos isso por meio da análise de perfis jornalísticos publicados em distintos veículos e em diferentes décadas - mais precisamente nos anos de 1971, 1978, 1990 e 2007, produzidos pelas revistas Fatos e Fotos, revista Nova, Jornal do Brasil e Rolling Stone, respectivamente. O estudo será baseado na metodologia da análise pragmática da narrativa, cujos principais teóricos são Luiz Gonzaga Motta (2013) e Jonathan Culler (1999). Também aplicaremos as ideias de Kovach e Rosenstiel (2004), Casadei (2007), Candido (2007), Vilas Boas (2003) e Sodré e Ferrari (1986).

Os objetivos específicos deste trabalho são observar o ordenamento do enredo em cada um dos textos, levando em conta variáveis da narratologia, como narração, ponto de vista, linguagem empregada e nível de autoridade; verificar como a protagonista e as personagens secundárias são construídas e definidas pelas matérias; e avaliar a qualidade dos textos à luz dos critérios básicos de perfis jornalísticos.

O primeiro capítulo faz um panorama pelos estudos da narrativa - a narratologia -, discorrendo sobre a origem da narração, suas funções, variáveis e importância não só nas histórias fictícias como também nas factuais, ou seja, no nosso cotidiano. O capítulo também conceitualiza o jornalismo e expõe os desafios de se construir uma narrativa jornalística, envolvendo a busca pela verdade e a disputa dos narradores - explícitos e implícitos - pelo poder de voz.

Na segunda parte deste trabalho, será desenvolvida a questão das personagens, que possuem uma complexidade para além da representação, e que podem ser delimitadas em algumas categorias. Também veremos a importância delas na narrativa jornalística, visto que as personagens

desempenham um papel de testemunho da verdade. Ao final deste capítulo, estudaremos as propriedades dos perfis jornalísticos, que têm relação com a escrita biográfica e se utilizam da técnica do Jornalismo Literário, e a importância das personagens na construção do enredo.

O terceiro capítulo conta com uma breve passagem sobre a vida e a obra de Rita Lee. Logo após, são apresentados a metodologia, os critérios, os objetos e, enfim, a análise. Estudaremos os seguintes perfis: *Rita, a garôta Lee*, publicado em 1971 na revista Fatos e Fotos; *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa*, produzida pela revista Nova em 1978; *Rita Lee trabalha em paz*, publicada em 1990 pelo Jornal do Brasil e, por fim, “*Não nasci para casar e lavar cuecas*”, revela *Rita Lee*, produzida pela revista Rolling Stone em 2007. Serão consideradas as variáveis da narratologia apresentadas por Culler, assim como as caracterizações das personagens e os elementos básicos dos perfis.

Por fim, na última parte, faremos um cruzamento entre os resultados obtidos em cada texto e, assim, estabeleceremos uma conclusão final sobre o apanhado geral, baseando-se nos conceitos estudados ao longo deste trabalho.

2 JORNALISMO E NARRATIVA

Este capítulo irá tratar das relações entre o jornalismo e a narrativa. Partiremos de elementos da narratologia, advindos especialmente dos estudos literários. Também veremos qual é o papel da personagem nas histórias ficcionais e factuais, analisando suas semelhanças e diferenças.

2.1. Elementos de base narrativa: a narratologia

Para o jornalista Luiz Gonzaga Motta, existem seis motivos para estudarmos as narrativas: para entender quem somos; compreender como os homens representam o mundo; esclarecer as diferenças entre narrativas factuais e fictícias; entender como representamos o tempo; verificar como o excepcional e o usual tornam familiares o que antes não eram; e, finalmente, para melhor contar as narrativas. (MOTTA, 2013). Teórico da literatura, Jonathan Culler (1999) acredita que as histórias têm a função de dar prazer, de ensinar sobre o mundo, de policiar e desmistificar as coisas e de fazer críticas sociais. Por isso, a teoria da narrativa, chamada de narratologia, acaba sendo não só um estudo ligado à literatura, mas também um método multidisciplinar. A narratologia se apoia em teorias da estrutura narrativa, como noções de enredo, de diferentes tipos de narradores e de técnicas narrativas (CULLER, 1999).

Segundo o psicólogo Jerome Bruner, o ser humano tem uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade (BRUNER, 1998 apud MOTTA, 2010, p. 143), ou seja, a experiência de narrar é ancestral, é anterior à aquisição da linguagem. Como o ser humano sempre possuiu um impulso básico de ouvir e narrar histórias (CULLER, 1999), ele foi desenvolvendo habilidades comunicativas - orais, verbais, gestuais, sonoras, etc. -, até as narrativas se tornarem presentes e necessárias já no início de nossas vidas, a partir da infância.

A narrativa é um acontecimento ou uma série de acontecimentos relacionados temporalmente, fictícios ou factuais, contados por meio de imagens ou palavras (ou ambos), dotados de início, meio e fim - o que Aristóteles define como enredo. Para Culler,

As histórias [...] são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. A explicação científica busca o sentido das coisas colocando-as sob leis - sempre que *a* e *b* prevalecerem, ocorrerá *c* - mas a vida ge-

ralmente não é assim. Ela segue não uma lógica científica de causa e efeito mas a lógica da história, em que entender significa conceber como uma coisa leva a outra, como algo poderia ter sucedido: como Maggie acabou vendendo software em Cingapura, como pai de Jorge veio a lhe dar um carro (CULLER, 1999, p. 84).

Ou seja, a narrativa transforma o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo - como questões sobre natureza, relações humanas, identidades, crenças e valores, por exemplo - em relatos (MOTTA, 2010). Para Mendes, a narrativa, “mais que a linguagem, é o instrumento fundamental de constituição e instituição do mundo para o sujeito humano e para as sociedades humanas” (MENDES, 2001, p. 27 apud MOTTA, 2012, p. 229).

Porém, no livro *Jornalismo e sociedade*, Motta expõe que, com os estudos pragmáticos linguísticos, a partir da visão de L. Wittgenstein, J. Austin, J. Searle e outros, as narrativas

passaram a ser vistas não mais como simples representações das ações humanas cristalizadas, mas como formas de organização discursiva da realidade em função de estratégias comunicativas. [...] A organização narrativa do discurso, segundo essa nova perspectiva, não seria aleatória nem ingênua, mas configurada com o fim de produzir certos efeitos de sentido. A ênfase voltou-se para as intencionalidades do processo narrativo (MOTTA, 2012, p. 226).

Sendo assim, além de possuírem uma dramaticidade e uma atitude argumentativa persuasiva (MOTTA, 2013), as narrativas seguem uma lógica de construção de sentidos, o que faz com que o objetivo da narrativa, real ou imaginativa, seja a busca de algum significado para as questões mundanas e para a vida humana, sendo ele real ou não.

E as histórias povoam todo o nosso cotidiano, como Frank Kermode exemplifica com algo, a princípio, trivial: o som de um relógio. “Quando dizemos que um relógio faz ‘tique-taque’, damos ao ruído uma estrutura ficcional, diferenciando entre dois sons fisicamente idênticos, para fazer de *tique* um começo e *taque* um final” (KERMODE, 1967, apud CULLER, 1999, p. 85). Organizar os fatos em uma forma temporal é também uma maneira de humanizar o tempo. Para Mendes (2001), o trabalho da narrativa é justamente ordenar a experiência e tentar organizar o mundo confrontando-o, experimentando-o e sondando-o constantemente (apud MOTTA, 2012, p. 230).

A narratologia busca compreender as estratégias e os procedimentos empregados na análise das histórias ficcionais e não ficcionais (CULLER, 1999), e Motta emprega esse método focando no ato de narrar como uma prática cultural da sociedade, privilegiando o estudo da enunci-

ação (ato produtor da narrativa) ao do enunciado completo e de maneira a combinar com o conceito de fenomenologia, estudo dos fenômenos e como se manifestam, que “possibilita perceber as narrativas em sua essência e em suas relações” (MOTTA, 2013, p. 123).

O teórico americano Jonathan Culler desenvolve a ideia de que o enredo, “independente de qualquer linguagem específica ou meio representacional”, exige transformações na narrativa que sejam significativas, além de que o final da história deva se relacionar com o começo (CULLER, 1999, p. 86). O enredo é uma forma de organizar os acontecimentos e transformar o produto final em história, e também é uma maneira de apresentar a narrativa que proporciona ser lida sob vários pontos de vista diferentes, como o exemplo apresentado no texto:

[...] uma sequência de atos por parte de três personagens pode ser configurada (por escritores e leitores) num enredo elementar de amor heterossexual, em que um jovem procura casar-se com uma jovem, seu desejo encontra resistência na oposição paterna, mas alguma reviravolta nos acontecimentos permite aos jovens amantes ficarem juntos. Esse enredo com três personagens pode ser apresentado na narrativa do ponto de vista da heroína sofredora, ou do pai irado, ou do jovem, ou de um observador externo intrigado com os acontecimentos, ou de um narrador onisciente que consegue descrever os sentimentos mais íntimos de cada personagem ou que adota uma distância intencional desses acontecimentos (CULLER, 1999, p. 86-87).

Por isso, o autor coloca em contraposição os níveis de acontecimento e enredo e os de história e discurso. O enredo ou história é o material apresentado, enquanto que o discurso é o ponto de vista do qual a história é contada. O enredo já é uma configuração de acontecimentos, já que ele pode organizar a história de diversas maneiras - Culler dá o exemplo de um casamento, que pode finalizar uma história ou ser o começo de outra que apresenta percalços ao decorrer da trama. Mesmo assim, o mais importante é a inferência e a construção dos leitores em cima desse enredo: “Confrontado com um texto (um termo que inclui filmes e outras representações), o leitor o compreende identificando a história e depois vendo o texto como uma apresentação específica daquela história” (CULLER, 1999, p. 87). Sendo assim, para o autor americano, a distinção básica da teoria da narrativa é entre enredo e apresentação, história e discurso (CULLER, 1999).

Culler apresenta cinco variáveis da narratologia: quem fala, o que diz respeito à posição dos narradores, que podem ser protagonistas, participantes ou observadores da história; para quem se fala, pois a narrativa costuma subentender um público específico, criado pelo autor; quando se fala, já que a narração pode ser feita no momento em que os eventos ocorrem ou após

os acontecimentos; que linguagem é empregada, que pode distinguir a narração feita com um eu-lírico de um adulto ou de uma criança, por exemplo; com que autoridade o narrador fala, ou seja, até que ponto o que o narrador fala é de fato verdade; e, por último, qual é o ponto de vista do narrador, já que o focalizador não é, necessariamente, o mesmo que o narrador. Sobre essa última variável, Culler a subdivide em possibilidades diferentes de foco nos acontecimentos: o temporal, relacionado à época em que ocorreram; a distância, ou seja, podendo contar a história com muitos detalhes ou de forma superficial; a velocidade, relacionado à frequência dos acontecimentos; ou as limitações de conhecimento, que dizem respeito à perspectiva do narrador - como o chamado “olho de câmera”, que faz os relatos de fora da personagem, ou o narrador onisciente, que se porta como se tivesse acesso aos pensamentos e desejos mais íntimos do protagonista, por exemplo (CULLER, 1999).

Mas, segundo Iser (1999), as histórias, tanto factuais como ficcionais, não são completas. Elas sempre contêm hiatos e lacunas que são negociados entre autor e leitor no ato da leitura, estreitando o espaço e atenuando a assimetria entre eles. “O padrão textual se revela um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está” (ISER, 1999, p. 28 apud MOTTA, 2010, p. 162).

Hoje em dia, para Motta, as narrativas estão presentes majoritariamente na mídia, como em novelas, canções, clipes, filmes, *talk-shows*, *blogs*, redes sociais e no jornalismo.

2.2. A narrativa jornalística

Assim como as narrativas em geral, a curiosidade pela notícia também é um impulso básico do homem, o que, segundo Moloch e Lester, é “uma necessidade intrínseca - um instinto, digamos - de saber o que acontece além de sua própria experiência direta” (apud KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 17), o que os jornalistas Bill Kovach e Tom Rosenstiel denominam Instinto de Percepção. Para esses autores, “precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos. O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 18).

O jornalismo é, teoricamente, o exercício de coletar e organizar informações fundamentais que afetam a sociedade e transmiti-las para o indivíduo, sendo o jornalista, assim, um mediador entre os fatos e os consumidores de notícias. Mas na verdade, a profissão é muito mais do que

esse simples ato. O jornalismo, devido a sua intensa interação com a comunidade, acaba ajudando na constituição desta, criando linguagens, conhecimentos e objetivos comuns com base naquela realidade (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004). Além disso, para os jornalistas Bill Kovach e Tom Rosenstiel, “a imprensa funciona como um guardião, tirando as pessoas da letargia e oferecendo voz aos esquecidos” (2004, p. 31). Ou seja, ele influi diretamente na constituição e no funcionamento da sociedade. Luiz Gonzaga Motta acrescenta que a narrativa jornalística é uma experimentação da realidade, que “permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes, colocá-los a prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade” (MOTTA, 2012, p. 233).

Mas dentre as tantas e tão complexas funções da profissão, a premissa que melhor responde essa questão é a de que o jornalismo tem a função de “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 31), ou seja, de transmitir a verdade de forma que as pessoas tenham informação suficiente para serem independentes. Kovach e Rosenstiel explicam a importância dessa função, trazendo exemplos:

O jornalismo, afinal, fornece um elemento muito especial, único, a uma determinada cultura: informação independente, confiável, precisa e compreensível, elementos importantes para que o cidadão seja livre. O jornalismo destinado a fornecer outras coisas diferentes acaba subvertendo a cultura democrática. É o que acontece quando os governos controlam a informação, como fez a Alemanha nazista ou a União Soviética. E de novo vemos isso acontecer em lugares como Cingapura, onde a informação é controlada para incentivar o capitalismo, mas desencorajar a participação na vida pública (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 20)

O jornalismo, na sua essência, tem como princípio maior a busca pela verdade, pois “as notícias são o material que as pessoas usam para aprender e pensar sobre o mundo além de seus próprios mundinhos”. Além da expansão dos horizontes, a verdade cria uma sensação de segurança na sociedade, “que se origina da percepção dos fatos e está na essência das notícias” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 61).

Porém, esse princípio é impossível de ser plenamente alcançado, pois o jornalista realiza as pautas já com certas ideias preconcebidas (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004) - o jornalista também é um ser humano dotado de bagagem de vida, opiniões e de pontos de vista que influenciam diretamente no fazer jornalístico. Há profissionais que defendem outros princípios em vez da verdade, como a imparcialidade e o equilíbrio, por exemplo. Mesmo assim, são características

ainda abstratas e subjetivas (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004). Para Luiz Gonzaga Motta, narrar nunca é um ato desprovido de ideologia - é um dispositivo argumentativo que possui um fundo ético e moral e que tenta seduzir e envolver o interlocutor, o destinatário ou a audiência (MOTTA, 2013). Por isso, o autor acredita que a “verdade jornalística” é aquela que “se desenvolve entre a matéria inicial e a interação entre público leitor e os jornalistas, ao longo do tempo” (MOTTA, 2012, p. 68). Kovach e Rosenstiel dão o seguinte exemplo no livro *Os elementos do jornalismo*:

“O jornalista do New York Times informa que o time do Giants perdeu por 20-8”, comentava o crítico da imprensa Richard Harwood em uma de nossas reuniões de trabalho. “Bem, aí temos um pequeno pedaço de informação. Mas o porquê da derrota dos Giants pode ser contado em centenas de maneiras diferentes - cada matéria escrita através de uma lente diferente, embaçada por estereótipos e preferências pessoais” (jornalistas preocupados, 1997, p. 66 apud KOVACH e ROSENSTIEL, 2004).

Além disso, os narradores - veículo, jornalista e personagens - estão sempre em uma tensa disputa pelo poder de voz, já que cada um deles tem interesses específicos com relação à narrativa, transformando-a em um objeto dinâmico (MOTTA, 2013).

A narrativa jornalística possui uma estrutura diferente das narrativas ficcionais, principalmente as *hard news*, nas quais se incluem, literalmente, matérias mais “duras”, como política, economia, página policial, internacional, entre outras. Elas são mais enxutas, objetivas e seguem uma lógica diferente daquela do enredo, por meio da técnica da pirâmide invertida, que consiste em responder as principais perguntas (o quê, quem, onde, quando, como e por que) no parágrafo inicial, chamado de lide. Para Motta, essas exigências do lide fazem parte da estratégia narrativa (MOTTA, 2012). Mesmo as notícias tendo como característica principal uma pretensão à objetividade, elas também carregam uma natureza dramática, e a sua retórica “é tão ampla e rica quanto a literária” (MOTTA, 2013, p. 160).

Apesar das notícias serem, segundo Motta (2010), fragmentos dispersos e descontínuos de significações parciais, é possível considerá-las narrativas, pois “reunindo informações dispersas sobre um mesmo tema ou assunto [...], o analista junta as pontas, encontra os conectivos e encaixamentos narrativos, os antecedentes e consequentes, recompõe a serialidade, a sequência e a continuidade da intriga” (MOTTA, 2013, p. 97), intriga esta que, segundo o autor, caracteriza fundamentalmente a narrativa noticiosa, e que segundo Ricoeur, representa as ações. Sendo assim, as narrativas noticiosas proporcionam aos indivíduos uma experiência temporal, visto que

ela pontua e demarca calendários (o político, o econômico, o esportivo, o cultural, etc.), que nos ajuda a compreender quem somos e onde estamos no momento (MOTTA, 2012).

Além da narrativa factual não conseguir contemplar plenamente o compromisso com a verdade e objetividade, ela acaba sendo uma história reconfigurada. Enquanto Jonathan Culler questiona se a narrativa literária é uma fonte de conhecimento ou de ilusão (CULLER, 1999), Motta acredita que a recomposição das notícias é uma nova síntese que gera um produto cultural novo e diferente, pois “é na interpretação imaginativa do leitor, ouvinte ou telespectador que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade, das qualidades intrínsecas, modos e estilos do texto” (MOTTA, 2010, p. 163). Sendo assim, a notícia é uma co-construção da verdade (MOTTA, 2010), em que

[...] as fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias revelam os mitos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais do noticiário: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante (MOTTA, 2010, p. 166).

E essa co-construção é dinâmica, na medida em que as histórias são constantemente recriadas no imaginário através de elementos fáticos e estéticos. “É por meio da recepção imaginativa que as intrigas jornalísticas se refiguram na remontagem da serialidade recomposta a partir das informações fragmentadas a respeito de um mesmo episódio” (MOTTA, 2012, p. 237). Além da recriação entre factual e ficcional, a narrativa jornalística também se constrói baseada em um movimento fluido e volátil entre passado e futuro (MOTTA, 2012).

Kovach e Rosenstiel, no livro *Os elementos do jornalismo*, citam um manual do século 14 que diz que não importa se a história é factual ou ficcional: ela não é dada pelo seu próprio valor, e sim pelo seu significado (LEVINE, 1998, apud KOVACH e ROSENSTIEL, 2004). Motta diz que as notícias só adquirem sentido pleno no ato da recepção e pelos sujeitos receptores (MOTTA, 2012).

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a reportagem pode ser considerada a parte literária do jornalismo, devido ao seu modo de personalizar a informação com intensidade, sem a pressa e a brevidade de uma notícia. Neste trabalho, estudaremos perfis jornalísticos, que são

feitos a partir de técnicas do Jornalismo Literário, como veremos mais adiante, e que possuem uma estrutura quase literária e ficcional. Segundo esse tipo de estudo,

a aplicação de conceitos como ação, encadeamento, sequência, encaixe, analepse (flash-back), prolepse (flashforward), conflito, intriga, episódio, ritmo, suspense, desfecho e outros oriundos da narratologia literária pode ser útil para revelar aspectos antes nebulosos: quem é o narrador jornalístico, como ele organizou sua estratégia narrativa noticiosa em função de efeitos de sentido pretendidos (efeitos de veracidade ou efeitos estéticos), por exemplo (MOTTA, 2013, p. 108).

Para Motta, o que acaba se tornando o principal eixo das histórias, tanto ficcionais quanto factuais, são as personagens, porque elas são fortemente individualizadas (2010) e performam os acontecimentos relatados no decorrer das narrativas (MOTTA, 2013).

3 PERSONAGENS REAIS E FICCIONAIS: O PERFIL COMO GÊNERO

3.1. O conceito de personagem

Para o crítico literário Antonio Candido, quando no contexto do enredo, as personagens de romance são o elemento mais atuante e comunicativo da arte novelística moderna. Para a jornalista Eliza Bachega Casadei, sem a construção de personagens não há jornalismo, pois ele precisa de testemunhas para existir. Seja nas histórias ficcionais ou factuais, as personagens desempenham um papel de suma importância nas narrativas. Nos textos biográficos - com os quais trabalharemos nesta monografia -, as personagens são importantes principalmente para a construção da verdade presumida do texto noticioso (CASADEI, 2007).

Na etimologia da palavra, “personagem” vem de *persona*, cujo significado se aproxima ao de máscara, ou seja, de uma “entidade tomada pelo indivíduo que variará segundo as convenções sociais” (SILVA, 2010). Os filósofos Platão e Aristóteles atrelaram a ideia de personagem ao conceito primário de mimese, que é a mímica, a imitação ou a representação verossímil do mundo, explorando possíveis desenvolvimentos de condutas e comportamentos humanos (MOTTA, 2013). Porém, ela não é e nunca foi pura e simplesmente representação: em *Poética*, Aristóteles já destacava aspectos mais complexos da personagem, como o reflexo da vida humana e a construção dela, sujeita às leis particulares do texto. Essa teoria do filósofo grego, juntamente com a de Horácio - que acrescentou ao conceito as ideias de entretenimento, função pedagógica e aspecto moral - sobre as questões da personagem perdurou até o desenvolvimento do romance, no século XIX, cuja personagem passou a representar o “universo psicológico de seu criador” (BRAIT, 1985, p. 37 apud BERNARDES, 2015 p. 36). Com a publicação de *Aspectos do Romance* (1927), do romancista inglês E. M. Forster, o gênero sofreu significativas mudanças e a personagem ganhou uma nova definição: a de um ser de linguagem (BRAIT, 1985, apud BERNARDES, 2015, p. 36).

As personagens podem ser identificadas em diversos papéis: como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, etc. (MOTTA, 2010), e geralmente são subdivididas em algumas categorias.

Antonio Candido distingue o tratamento do personagem ficcional de dois modos principais: como seres facilmente delimitáveis, marcados por certos traços caracterizantes; e como seres mais complexos, que contém certa profundidade. Isso corresponderia, respectivamente, às

personagens de costumes e às de natureza, categorias definidas por Johnson (1960) no século XVIII, a partir de técnicas de caracterização, ou seja, a partir de elementos utilizados para descrever e definir a personagem.

E. M. Forster (1927) distingue as personagens em planas e esféricas. O autor subdivide as planas em duas categorias: em tipos e em caricaturas. A personagem-tipo é enfatizada justamente por aquilo que lhe deu notoriedade - é o caso de esportistas, cantores, milionários, etc. A personagem-caricatura contempla aqueles indivíduos com tendência à exibição, atípicos e excêntricos o suficiente para ser feito um retrato cômico. Já a personagem-indivíduo se encaixa no tipo esférico, em que ela possui características e comportamentos mais peculiares (SODRÉ e FERRARI, 1986). Phillippe Hamon as hierarquiza em três níveis: em referencial, anáfora e figurante, cujo primeiro diz respeito àquelas personagens que se referem a um sentido pleno e fixo, contando a história de vida de personalidades que os leitores já conhecem; o segundo “circunda alguém desconhecido do grande público e só pode ser apreendida dentro do texto”; e o terceiro representa personagens distanciados e passivos nas obras, que servem mais para “ilustrar lugares e dar atmosfera ao ambiente narrado” (apud SILVA, 2010, p. 406-407). Essas classificações podem ser aplicadas tanto para as personagens ficcionais quanto para as factuais.

3.2. A personagem no jornalismo

A construção da personagem factual, para Casadei (2007), está muitas vezes ligada ao testemunho, pois ela representa uma verdade presumida, elemento da qual o jornalismo sobrevive. Segundo a autora, esse ato de testemunhar tem sentido porque se supõe que quem fala a verdade tem algum comprometimento moral com o que diz. Por isso, o testemunho também constrói um laço de sociabilidade entre os indivíduos.

Ricoeur explica o testemunho em três momentos: nas máximas “eu estive lá”, “acreditem em mim” e “se não acreditarem em mim, perguntem a outra pessoa”. A primeira refere-se a uma autodesignação, que acaba ligando identidade e história de vida da personagem com uma suposta moralidade; a segunda diz respeito a um pedido de crédito na palavra, autenticando ou não o testemunho; e a terceira é a crítica ao testemunho por meio do confronto com outras versões da história (RICOEUR, 2007, apud CASADEI, 2007). Mas os atos do presente podem ser ressignificados a partir dos atos do passado, o que, dependendo das escolhas dos acontecimentos a serem

expostos na narrativa, podem determinar diferentes interpretações para a vida da personagem em questão (PIGNATARI, 1996, apud CASADEI, 2007).

Em biografias e perfis, a imagem da personalidade evidenciada no texto depende de uma suposta ordem e coerência discursiva que é imposta a “vidas que são frequentemente contraditórias e heterogêneas”, o que Bourdieu chama de ilusão biográfica (apud CASADEI, 2007, p. 88). Para Casadei, essa ideia do sociólogo francês pode ser relacionada com a ideia de “projeto original” de Sartre, que é a tentativa de “costura entre os diversos comportamentos, emoções e raciocínios do sujeito” e extração do “significado destes aspectos em direção a um fim”, ou seja, uma tentativa de definir o sentido da vida da personagem, mesmo ela sendo plural (apud CASADEI, 2007, p. 78).

Na literatura, acredita-se que a personagem literária possui “um morfema vazio que vai definindo seu sentido progressivamente”, ou seja, que sua personalidade e singularidade são apresentadas e reforçadas no decorrer da narrativa (HAMON, 1976 apud CASADEI, 2007, p. 87). O mesmo acontece com a personagem factual, a não ser que ela seja uma pessoa pública e já tenha sua vida exposta. Mesmo assim, ainda existem espaços para serem preenchidos:

Assim, uma personagem como Sarney pode ser descrita tanto como “ex-presidente da República” quanto como “apoiador do regime militar”, sem que nenhuma destas duas informações seja falsa ou necessária em uma reportagem. Escolher uma ou outra (ou as duas) depende quase sempre do tipo de estória que se conta (da problemática da urdidura de enredo) e do tipo de discurso que se quer respaldar (CASADEI, 2007, p. 88).

O exemplo mostra o que Hayden White (1994) defende como urdidura de enredo - que um conjunto de eventos isolados não constitui, necessariamente, uma narrativa, e sim quando postos em relação, como por supressão, subordinação, realce, caracterização, repetição, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas, entre outros (WHITE, 1994, apud CASADEI, 2007, p. 85). Já Hamon (1976), propõe que a personagem seja estudada tal qual um signo, ou seja, não a partir das repetições e acumulações colocadas na narrativa, e sim a partir da relação de diferenças e semelhanças entre os demais signos do mesmo nível, referentes às outras personagens presentes no texto.

O julgamento da ação ou da fala, no jornalismo, também é estabelecido a partir de um jogo entre presente e passado, em que as informações biográficas das personagens fazem com que

elas adquiram uma espécie de consistência (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 341 apud CASADEI, 2007, p. 82). Tomando como exemplo a citação acima, “para o julgamento de algumas falas de José Sarney, [...] não foi suficiente explicitar sua posição atual como Senador. Passagens de sua vida no passado contribuíram sobremaneira para o julgamento” (CASADEI, 2007, p. 89).

A construção da pessoa humana na narrativa factual também passa por uma vinculação de coexistência entre pessoa e ato, relacionada a uma distinção entre o que se considera próprio sobre o ser de quem se fala - ligada à concepção particular de “indivíduo” - e o que seria apenas transitório ou exterior ao sujeito - como os atos, que representam momentos. Para Casadei, “esta relação (ou tensão) entre o permanente e o transitório diz respeito ao tipo de transferência presente entre uma determinada concepção de regularidade da pessoa e da efemeridade de sua fala ou de suas posições. Isto porque o discurso seria a manifestação por excelência da pessoa” (CASADEI, 2007, p. 82).

Para Motta, a apresentação de fragmentos noticiosos, dia após dia, sobre um assunto

remete a uma funcionalidade imaginária das personagens, suas posições nos conflitos, seus papéis dramáticos, suas conquistas e derrotas, recriando ‘literariamente’ heróis e vilões, uma nova organicidade para as personagens e ações em sequências narrativas que buscam um desenlace (MOTTA, 2012, p. 237).

Ou seja, a personagem factual também é construída a partir de elementos ficcionalizantes. Independente de serem ficcionais ou factuais, as personagens estão em uma posição, frequentemente, entre o ser reproduzido e o ser inventado (SILVA, 2010).

3.3. Perfis jornalísticos

Com relação à escrita biográfica, o escritor Contardo Calligaris afirma que a ideia da vida ser uma história é moderna, já que até metade do século XVIII, as únicas narrativas históricas se tratavam de grandes agrupamentos sociais, distinguindo hierarquias, funções e profissões dos retratados e que só posteriormente passaram a valorizar as dimensões psicológicas de uma só pessoa (apud CASADEI, p. 77-78).

Biografias e perfis jornalísticos são feitos baseados na técnica do Jornalismo Literário, também chamado de literatura da realidade ou literatura de não ficção, cujas referências narrativas vêm da técnica literária - elas não possuem a estrutura tradicional noticiosa de lide e pirâmide invertida - e que pode ser aplicada a qualquer área de cobertura jornalística. Enquanto as biogra-

fias tentam reconstruir todos os pormenores da vida do personagem em questão, os perfis focam em alguns momentos ou em um momento específico da vida da pessoa, tal qual um recorte, sendo relativamente curto tanto na extensão do texto quanto na validade de algumas informações (VILAS BOAS, 2003). Ainda assim, o perfil tem uma sobrevida maior do que uma notícia, por exemplo.

Dentre as variadas definições de perfil, que é o gênero que estudaremos neste trabalho, Steve Weinberg diz que ele é um *short-term biography* (biografia de curta duração); já Oswaldo Coimbra define como uma “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”; para Pereira Lima, o perfil é uma “matéria de caráter biográfico que retrata concisamente momentos de uma vida, através de entrevistas, descrições, narrações de episódios marcantes” (LIMA, 2002, n.p. apud ABREU, 2015, p. 17); e Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari descrevem o perfil como um texto que enfoca o protagonista e conta sua própria história. As ciências sociais também têm uma definição para o gênero, que alega que o perfil visa “humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea” (VILAS BOAS, 2003, p. 16-17). O elemento “vida”, aplicado nas definições, ressalta a forte subjetividade e alteridade presente nesse tipo de matéria jornalística. Segundo Vilas Boas,

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente de gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência dos outros, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situação do ponto de vista do interlocutor (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

O jornalista Sérgio Vilas Boas afirma que perfis jornalísticos já eram feitos na década de 1930 nos Estados Unidos, pois “esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa” (VILAS BOAS, 2003, p. 22), tendo como pioneira oficial do movimento a revista *The New Yorker* (1925). Posteriormente, surgiram outras publicações que adotaram o método, como *Esquire*, *Vanity Fair*, *Life* e *Harper's*, tendo como principais repórteres Joseph Mitchell e Lincoln Barnett. Nos anos 1960, nos Estados Unidos, o movimento que buscava trabalhar com o jornalismo de uma perspectiva mais subjetivista e com maior profundidade se fortaleceu, ganhando o nome de Novo Jornalismo. O termo refere-se a reportagens extensas, com uma escrita que utiliza técnicas da ficção, assim como o uso de pontos de vista e fluxo de consciência (ABREU, 2015). Os principais expoentes desse

movimento foram Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese - esse último que escreveu um dos perfis mais icônicos do Novo Jornalismo, o *Frank Sinatra está resfriado*. Segundo Vilas Boas (2003), essa é uma reportagem referência no que diz respeito à riqueza de recursos da literatura e da ficção (apud ABREU, 2015, p. 19). No Brasil, as revistas que mais se destacaram no gênero foram a *Realidade* e *O Cruzeiro*, cujos principais nomes foram Luiz Fernando Mercadante, José Hamilton Ribeiro e Roberto Freire.

Tido por Wolfe e por Edvaldo Pereira Lima como um dos gêneros mais importantes e promissores do jornalismo moderno (ABREU, 2015), o perfil tem como fortes características a imersão total do repórter no mundo do protagonista (VILAS BOAS, 2003); a descrição interior ou exterior de um personagem, como a valorização dos detalhes físicos e atitudes da pessoa (SODRÉ e FERRARI, 1986); a possibilidade do narrador se colocar também como personagem; ter liberdade para narrar em primeira pessoa; entre outras. Para o jornalista Luis Felipe Abreu, a forte presença do relato humanizado nesse gênero jornalístico faz com que ele seja um dos que tem maior potência de contato com o leitor (ABREU, 2015). Esse texto é publicado, em grande parte, em revistas, principalmente naquelas de periodicidade mensal.

São raros os casos - como em *Frank Sinatra está resfriado* -, mas não é estritamente necessário entrevistar a personagem para fazer esse tipo de reportagem.

Segundo Sodré e Ferrari (1986), existem três tipos de perfis: a transcrição literal da entrevista, conhecida no jornalismo como *ping-pong*, ou seja, pergunta e resposta; o texto corrido, em que as falas do protagonista estão em discurso indireto, com somente o repórter tendo poder de voz no texto; e o híbrido dos dois, que apresenta momentos de narração do jornalista e momentos de fala do perfilado. Os autores também afirmam que, diante do herói ou anti-herói, o repórter pode ter dois tipos de comportamento: manter-se distante, deixando o protagonista livre para se pronunciar; ou compartilhar com ele um determinado momento, cuja experiência será transmitida ao leitor pelo texto (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Todas as pessoas podem ser protagonistas de um perfil, mas não é fácil escolher um perfilado. Segundo o jornalista Edvaldo Pereira Lima, a personagem só o é porque tem alguma coisa a dizer: “O repórter encontra o protagonista de uma matéria por meio de sua própria impregnação na experiência humana” (LIMA, 2002, apud VILAS BOAS, 2003, p. 18). O jornalista Ricardo Kotscho (1995) avalia que existem diferentes abordagens para o perfil a depender das personagens: os sobre celebridades (o tipo mais comum) e o que as levaram à fama; os que são focados

em pessoas desconhecidas do grande público até então, e que possuem alguma peculiaridade; os perfis póstumos, análogos aos obituários; e os que são secundários dentro uma reportagem maior, chamado por Vilas Boas de miniperfis (apud ABREU, 2015, p. 20-21).

Vilas Boas afirma que um perfil jornalístico deve conter quatro partes fundamentais: as lembranças, que fazem parte da história de vida da personagem; o espaço onde a(s) entrevistas(s) foram realizadas; o contexto em que o entrevistado está inserido no momento e a interação personagem-narrador ou entrevistado-repórter, que é importante para captar características a princípio triviais - como gírias, gestos e manias - e reações - como atitudes e expressões faciais - do protagonista, que fazem toda a diferença na construção da imagem da personagem da narrativa:

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos (VILAS BOAS, 2003, p. 29)

Diferente das personagens de ficção, as personagens trabalhadas nos perfis costumam ser narradas através da metodologia da Jornada do Herói, formatada à luz da mitologia pelo antropólogo Joseph Campbell. Segundo a pesquisadora Monica Martinez, nessa teoria, a personagem principal passa por diversas fases ao longo da narrativa: o cotidiano, quando o protagonista é apresentado no seu mundo; o chamado à aventura, quando se rompe com a cotidianidade; a aceitação ou recusa desse chamado; os testes, ou seja, o período de crises, desafios e oportunidades; a internalização, que é a fase de reflexões sobre o que se passou; a recompensa, que ocorre quando o objetivo final é alcançado; e, por último, o retorno, ou seja, a volta ao cotidiano depois da aventura (apud VILAS BOAS, 2003).

O perfil jornalístico é um texto que brinca com o presente e o passado do(s) perfilado(s), como explica Casadei:

As informações biográficas sobre um indivíduo adquirem um papel não desprezível nas construções de sentido em um texto que faça o perfil de um personagem, ou que queira avaliar o valor de um determinado evento relacionado a esta pessoa no presente. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996:341) colocam mesmo que ‘os atos passados e o efeito por eles produzidos vêm a adquirir uma espécie de consistência, a formar um passivo extremamente nocivo ou um ativo muito apreciável (CASADEI, 2007, p. 82).

Vilas Boas compara os perfis jornalísticos a retratos fotográficos, ou *portraits*. Mas, para Abreu, o perfil é uma situação mais instável que a fotografia, pois ele se trata de uma longa cons-

trução narrativa (ABREU, 2015), que trabalha constantemente com passado, presente e futuro. Além disso, o protagonista, por ser um indivíduo, está em constante mudança física e psicológica. Por isso, o perfil traduz, “enquanto os *portraits* (retratos) expressam, necessariamente, uma fisionomia”, a trajetória de alguém (VILAS BOAS, 2003, p. 19).

4 RITA EM PERSPECTIVA: ANÁLISE NARRATIVA DOS PERFIS

Neste capítulo, apresentaremos a personagem-tema desta monografia, por meio da análise de quatro perfis jornalísticos, produzidos entre 1971 e 2007. Em um primeiro momento, apresentaremos uma breve contextualização biográfica da artista. A seguir, passamos à explanação metodológica.

O estudo deste trabalho se dará na aplicação do método da análise da narrativa no jornalismo, cujo um dos principais mentores é Luiz Gonzaga Motta (2013). Estudaremos quatro perfis de Rita Lee, publicados em diversos veículos e escritos em diferentes momentos da carreira e da vida da cantora: *Rita, A Garôta Lee* (1971), da revista *Fatos e Fotos*; *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa* (1978), da *Revista Nova*; *Rita Lee trabalha em paz* (1990), do *Jornal do Brasil*; e “*Não nasci para casar e lavar cuecas*”, *revela Rita Lee* (2008), da revista *Rolling Stone*. Os critérios escolhidos foram baseados em conceitos dos estudos da narratologia, das personagens e dos perfis, como vimos ao longo desta monografia, a fim de melhor responder nossa questão de pesquisa em torno da construção da personagem e das representações de Rita nos perfis.

4.1. Rita Lee e seu legado

A personagem cujos perfis estudaremos nesta monografia é plural, versátil, polêmica e transgressora. Cantora, compositora, instrumentista e escritora, Rita Lee Jones, desde sua passagem pelos Mutantes - uma das mais importantes e respeitadas bandas do mundo - até o fim de sua carreira como cantora, quebrou paradigmas, com letras e atitudes irreverentes, e abordou temas considerados tabus nos anos 1970 e 1980, como drogas e sexualidade feminina. A revista *Rolling Stone Brasil* divulgou, em 2008, uma lista com os 100 maiores artistas nacionais de todos os tempos, e colocou Rita em 15º lugar. Segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), ela é a terceira artista que mais vendeu discos no Brasil e a primeira mulher no ranking, alcançando a marca de 55 milhões de cópias vendidas. Segundo levantamento do governo, ela também foi a artista mais vetada na ditadura militar, com 14 músicas censuradas (SAMORA, 2013). Por isso e muito mais que Rita Lee, com 70 anos de vida e 55 de carreira, é considerada, até hoje, a rainha do rock brasileiro.

Rita fez parte, desde a adolescência, de algumas bandas, mas foi n’Os Mutantes - que se destacava pela irreverência, pelo experimentalismo e pela coragem de tocar guitarra elétrica num

tempo em que o violão e a bossa nova dominavam o cenário musical brasileiro - que ela ficou conhecida. Para o historiador Jefferson William Gohl, as apresentações da banda no III Festival de Música Popular Brasileira de TV Record, em 1967 - interpretando a música “*Domingo no Parque*”, com Gilberto Gil, e no III Festival Internacional da Canção, em 1968 - cantando “*É proibido proibir*” com Caetano Veloso, foram fundamentais para o reconhecimento dos Mutantes e de Rita:

Este foco sobre sua personalidade passava pela sua forma performática de se portar em palco, pelas características de suas canções, por aspectos que eram compartilhados com outros músicos naquele momento histórico em que se definiam a soma das movimentações conhecida como Tropicália (GOHL, 2014, p. 13).

Daí em diante, ocorreram alguns ajustes no trabalho da artista - nos discos d’Os Mutantes e nos discos “solo” (ainda com Arnaldo Baptista e Sérgio Dias) - frente a uma consolidação da indústria fonográfica brasileira, que estava se abrindo para uma modernização da MPB em termos de tecnologia e de aceitação de sonoridades de matrizes estrangeiras (GROPPO, 1996, apud GOHL, 2014, p. 76).

Rita Lee foi expulsa dos Mutantes em 1972, na década em que o mercado fonográfico cresceu exponencialmente no país - fenômeno ligado ao crescimento do mercado de bens culturais, de bens de consumo duráveis (GOHL, 2014). Para o escritor Luis Augusto Fischer, no radiodocumentário *A voz feminina do rock nacional – 55 anos de carreira de Rita Lee*¹, produzido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2018, Rita continuou em alta após iniciar sua carreira solo, devido a sua ironia e molecagem. Além do pioneirismo de misturar o rock com questões ainda consideradas tabus no Brasil, como drogas e questões femininas, como a sexualidade da mulher. Mas o que parecia arriscado deu certo: a artista emplacou vários sucessos em rádios e novelas, como “*Ovelha negra*”, “*Chega mais*”, “*Mania de você*”, “*Doce vampiro*”, “*Esse tal de Roque Enrow*”, entre outros.

Rita Lee sofria frequentes censuras por causa dos temas polêmicos de que tratava e da forma que os abordava - segundo a pesquisadora Gláucia Pimentel², em entrevista ao radiodocumentário da UFRGS, a artista enfrentava a situação no humor e no deboche. Não por acaso, o auge de sua carreira ocorreu quando Rita foi presa por porte de maconha, em 1976; com o detalhe

¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudioderadio/>. Acesso em: 21 de nov. de 2018.

² Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudioderadio/>. Acesso em: 21 de nov. de 2018.

que ela estava grávida. Para Gohl, essa foi uma prisão moral, motivada pelas músicas que tinham letras com palavrões, erotismos e uso de drogas (GOHL, 2014). A cantora ficou um ano em prisão domiciliar, precisando de autorização para ir fazer os shows. Foi nessa época que Rita Lee começou a fazer shows em ginásios e estádios e a ganhar discos de ouro e de platina.

Na década de 1980, a ditadura militar estava chegando ao fim e o rock ganhava mais popularidade, adquirindo o status de expressão da cultura jovem no país (CARNEIRO, 2011, apud GOHL, 2014, p. 17), o que ajudou Rita a continuar sendo um sucesso nacional até seu afastamento dos palcos, em 2013.

Para o jornalista musical Nelson Motta (2000), ela e Raul Seixas foram casos isolados de roqueiros bem sucedidos na década, por causa do extremo nacionalismo instaurado na ditadura militar do país que fez com que a MPB prevalecesse e o rock, que estourava na Inglaterra e nos Estados Unidos, fossem deixados de lado (apud ALVES, 2013, p. 65). O jornalista Okky de Souza, em reportagem realizada em 1983 para a revista *Veja*, afirmou que Rita Lee “abrasileirou” o rock: “Ela conferiu, ao ritmo importado, uma matreirice nas letras, um sentido de paródia e de deboche que tem raízes fundas no gosto popular brasileiro” (DE SOUZA, 1983, p. 74).

Mas não foi só em um só ritmo que Rita se aventurou. No livro *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita* (2003), Flora Süssekind analisa que a artista começou a carreira no rock, mas também flertou, ao longo dos anos, com outros gêneros, como psicodelia, pop rock, disco, new age, MPB, bossa nova e eletrônica, criando uma mistura singular e pioneira entre gêneros musicais internacionais e nacionais. Essa versatilidade não era exclusividade da música: Rita Lee também já interpretou personagens, apresentou programas de rádio e televisão, e publicou oito livros, incluindo sua autobiografia, lançada em 2016.

O jeito Rita Lee de cantar também foi motivo de destaque entre público e crítica. Okky de Souza compara a voz da artista com outras grandes cantoras brasileiras: “Se Gal Costa impressiona em cena pela apuradíssima técnica vocal e Simone pelo carisma como cantora dramática, Rita arrebatava a todos numa irresistível euforia” (DE SOUZA, 1983, p. 75). Para Nelson Motta, “sua voz pequena e cool, sua inteligência musical, seu bom gosto e sofisticação a aproximavam muito mais de uma cantora de bossa nova do que o volume, peso e potência vocal esperados de uma rainha do rock” (MOTTA, 2000, 293-308 apud ALVES, 2013, p. 65). E o jornalista não foi o único a ter essa opinião: no final dos anos 1970, João Gilberto, um dos precursores do gênero,

convidou Rita para cantar com ele a música “*Jou Jou Balangandans*” para um especial da TV Globo.

Para o compositor pernambucano João Falcão, no programa *Arquivo N³*, exibido em 2009 no canal Globo News, Rita “trouxe uma coisa cosmopolita, moderna, divertida, cheia de humor” para a música nacional, que “chegou para bagunçar um pouco a festa da MPB”. Agora caseira, com cabelos grisalhos, sóbria e defensora dos direitos dos animais, a artista está reclusa e jura que não vai mais pisar nos palcos. Segundo Rita, ela está enfrentando um dos maiores desafios de sua vida: envelhecer e ser uma pessoa normal (LEE, 2017).

4.2. Metodologia de análise

À luz da teoria de Jonathan Culler, um dos exercícios será observar a disposição das informações sobre Rita no texto - ou seja, como se deu a construção do enredo do perfil - e, em contrapartida, qual o ponto de vista do narrador em relação à protagonista - se a narração é feita em primeira ou em terceira pessoa -, o que influencia na estrutura e no discurso do texto, além de intervir na disposição das informações presentes no perfil.

Aplicaremos algumas variáveis da narratologia também categorizadas por Culler, como quem narra a história (protagonistas, participantes ou observadores da história); para qual tipo de público o texto foi escrito; se o perfil narrado no presente, no passado ou nos dois tempos verbais; qual a linguagem empregada e qual o nível de autoridade do narrador. Levaremos em conta os perfis jornalísticos que se utilizam de discurso indireto, cujo formato é de uma reportagem convencional em que só há um narrador, e esse narrador é geralmente o repórter; e o texto híbrido, em que o discurso direto e indireto se revezam, com o narrador e a personagem dividindo o lugar de fala.

Com relação às personagens, distinguiremos quais papéis a imprensa brasileira designou à Rita ao longo de sua carreira: como protagonista de costumes ou de natureza, como dividiu Johnson; ou como uma personagem plana (tipo ou caricatura) ou esférica (indivíduo), como categorizou E. M. Forster, divisão esta também utilizada por vários outros autores, como por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari.

³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eujQjsFDtg>>
<<http://www.youtube.com/watch?v=EXLb4SLvLEg>><<http://www.youtube.com/watch?v=X3qJviN7eZE>>.
Acesso em: 21 de nov. de 2018.

⁴ Grifo da autora.

Analisaremos quais as características essenciais de um perfil jornalístico estão presentes e como estão presentes nas matérias - qual o nível de imersão do repórter no mundo da protagonista, bem como a quantidade de descrições e de detalhes (físicos e psicológicos) reportados nas matérias jornalísticas sobre Rita.

Além disso, iremos analisar o que Sérgio Vilas Boas esquematizou como elementos que devem estar presentes em um perfil: as lembranças de Rita, o ambiente em que a entrevista (ou as entrevistas) foi concedida; o contexto do momento (se a cantora estava lançando algum disco, ou se estava envolvida com alguma polêmica, por exemplo) e a qualidade da interação entre Rita Lee e os repórteres que recebeu.

Por fim, observaremos os títulos e as chamadas das matérias, assim como suas fotos e legendas, considerando que são pontos hierarquicamente destacados para leitura das matérias.

4.2.1. *A produção do corpus*

A busca pelos perfis se deu em profundas pesquisas em veículos jornalísticos especializados em música e cultura pop no geral, como a revista *Rolling Stone*; na hemeroteca da Biblioteca Nacional, em que estão os acervos das revistas *Realidade*, *O Cruzeiro*, *InTerValo* e do *Jornal do Brasil*; acervos privados, como os da *Folha de S. Paulo*, do *Estado de S. Paulo* e do jornal *O Globo*, e blogs de fãs da cantora, como *Rita Lee: a rainha do rock*, onde encontrei perfis feitos pelas revistas *Fatos e Fotos* e *Nova*. Buscamos desde matérias publicadas na década de 1960 - em que Rita Lee e Os Mutantes estavam começando a serem reconhecidos nacionalmente - até reportagens mais recentes, como as escritas na época do lançamento de sua autobiografia, em 2016. Foram pré-selecionados 11 perfis, no qual escolhemos quatro, cujos critérios foram o de representar diferentes marcos em distintas épocas da carreira da cantora, bem como os que apresentam uma maior variedade de características próprias de um perfil jornalístico - imersão do repórter, descrição, recorte sobre a vida da personagem, entre outras. Todas as citações das matérias respeitam a ortografia da época.

4.3. Análise dos perfis

4.3.1. *Rita, a garôta Lee*

Este perfil, publicado no dia 27 maio de 1971 na revista Fatos e Fotos (número 538, ano XI, 66 págs.), foi escrito por Eugenia Fernandes, com fotos de Claus Meyer. A matéria mostra, entre transcrições literais de diálogos e impressões da autora, a vida agitada que Os Mutantes - e Rita em especial, que já chamava atenção dentre os integrantes da banda pela sua imagem e carisma - estavam levando devido ao crescente sucesso, como shows fora do estado de São Paulo e gravações de programas de televisão. Esta matéria ganhou destaque na capa dessa edição da revista, definindo-a como “a face 2001”, fazendo referência à música da banda e sugerindo, na linha de apoio, que a cantora é a representação da juventude da época:

Figura 1: Rita na capa da revista Fatos e Fotos



Fonte: revista Fatos e Fotos, nº 538, 1971

O título do perfil já transforma Rita em uma *it girl* - meninas que criam tendências - da época: “a garôta Lee” refere-se à marca americana de jeans Lee e acabou virando um criativo trocadilho com seu sobrenome. Rita tinha, realmente, uma relação com a moda: além do fato de

usar roupas inusitadas nos shows com Os Mutantes - a repórter até coloca no texto: “De noiva, de odalisca, de fada ou de hippie, não importa: - ‘é onda’” -, ela participava, eventualmente, dos desfiles promovidos pela antiga fábrica de lança-perfumes Rhodia, em uma feira que misturava moda, música, arte, dança e poesia, a Fenit. As três fotos que ocupam a primeira página da matéria remetem justamente a essa característica de Rita, cuja legenda chega até a diminuí-la somente a sua imagem:

Rita é isto. Calça Lee, jaqueta de segunda mão e uma sacola muito viajada, puxada pela cordinha. Quando canta sua voz frágil não tem grande importância. O que funciona é a imagem, sem retoques, do franjão loiro e do nariz sardento. Seu sorriso aberto, entre Os Mutantes – Arnaldo, Sérgio, Luís e Liminha -, é a mola mestra do sucesso à parte que ela às vezes contraria para poder viver (FERNANDES, 1971, p. 51).

Figura 2: primeira página de *Rita, a garôta Lee*



Fonte: revista Fatos e Fotos, ed. 538, 1971, p. 51

A Fatos e Fotos foi uma revista semanal brasileira de variedades, que circulou no Brasil entre as décadas 1960 e 1980. Já no subtítulo do perfil, percebe-se que o direcionamento dela é para o público jovem - o uso do termo “happening” (acontecimento, em inglês), movimento artístico que ocorreu nos anos 1950 ligado a performances e improvisações, para designar Rita é uma prova disso.

Antes de começar o texto, Eugenia Fernandes, a narradora jornalista, explica em um parágrafo introdutório qual método utilizou para melhor escrever sobre a cantora: pela imersão total da repórter na vida da personagem, uma das mais valiosas características de um bom perfil jornalístico. Nele, Eugenia diz que chegou a viajar junto com Os Mutantes para conhecer, de fato, a Rita Lee - “Quem quiser conhecer a Rita que vire mutante também. Foi o que fiz. Arrumei as malas e saí atrás.” (FERNANDES, 1971, p. 51) -, e que o texto é resultado de 24 horas de convivência com a cantora. Além de tornar mais precisa a descrição da personagem e de seus dados biográficos, a convivência intensa com a perfilada aumenta o nível de autoridade sobre o que a repórter fala.

O perfil começa com o seguinte diálogo:

“- Rita, em que dia você vai estar onde?”

- “Ó, vem na quinta-feira que eu estou ensaiando no Rute Escobar, a tarde inteira.”

Esse início de narrativa mostra a presença do discurso direto no texto e que a personagem principal, junto com a repórter, também será narradora dele. A seguir, Eugenia conta, com suas palavras, que o encontro não ocorreu porque Rita, Arnaldo e Sérgio mataram o tal ensaio para comprar uma moto de corrida. Ou seja, esse perfil, no que diz respeito ao discurso empregado, é híbrido - mistura as focalizações, oscilando entre momentos em que é transmitido o ponto de vista da narradora-perfilada e momentos em que é colocada a visão da narradora-repórter.

O texto começa com o relato desse fato pontual que evolui para uma analogia entre o espírito aventureiro e a atitude vanguardista da banda, que, além de estar em seu auge na época, após uma breve separação, estava fazendo uma adaptação de uma peça de Shakespeare chamada Dois Cavaleiros de Verona. Isso é notório no seguinte trecho:

As nove canções de Shakespeare, musicadas nesta peça por Arnaldo (arranjador do conjunto), são tão importantes quanto um escape envenenador; e os novos rumos da música pop brasileira são tão atraentes quanto rodar milhares de quilômetros. Se não fosse este ensaio, seria um espetáculo de TV, um show no interior, uma gravação no Rio, uma entrevista na rua, um compromisso qualquer e a moto ficaria pra depois, depois e depois. Fico com a impressão de que, aos 23 anos, Rita tem mesmo que escapular para viver (FERNANDES, 1971, p. 52).

Nesta mesma página, centralizada, está uma foto da cantora sentada em uma moto com o tipo de traje aqui já descrito, ilustrando a passagem acima.

Figura 3: Rita Lee como tendência



Fonte: revista Fatos e Fotos, ed. 538, 1971, p. 52

Esse parágrafo também fala sobre Rita Lee como uma personagem: uma menina entusiasmada, curiosa e acelerada. Levando em conta sua idade na época e o fato da repórter declarar que “o produto misto de Chacrinha e Shirley Maclaine” (p. 51) é, ao vivo, “muito menos que um mito” (p. 52), é possível concluir que, neste perfil, a cantora é caracterizada como uma personagem-tipo. Ainda assim, no topo da segunda página da reportagem, está disposta uma foto de Rita com o apresentador Chacrinha, ambos com trajes excêntricos, cuja legenda fala que os dois “foram os primeiros a descobrir o novo poder do ridículo” (p. 52):

Figura 4: Rita e Chacrinha

Fonte: revista Fatos e Fotos, ed. 538, 1971, p. 52

Por isso, mesmo a matéria retratando a cantora com uma personalidade não tão complexa, ela também mostra que Rita Lee é uma personagem que merece ser perfilada. Como escreveu a repórter no subtítulo da reportagem: ela é “uma marca registrada” (FERNANDES, 1971, p. 51).

O segundo diálogo exposto - em que Rita, a narradora personagem, admite que não cumpriu o compromisso com Eugenia e que passaria o fim de semana viajando - inicia o relato de outro momento pontual: a viagem junto com Os Mutantes. Esta é uma parte em que a repórter reforça o discurso em primeira pessoa, falando frequentemente sobre suas impressões sobre Rita e a banda, e utiliza o recurso da descrição detalhada:

Enquanto Os Mutantes encaixotam as guitarras, eu refaço as malas, e embarcamos juntos na primeira ponte aérea. Como bons ciganos, de tanto ir e vir, os Mutantes onde se acomodam montam um lar. Na poltrona B6, Rita está em casa. Calça Lee branca, Jaqueta blue-jean, tamancos de frigorífico (descoberta sua em Porto Alegre) e bolsa a tiracolo do Service National Des Chemins de Fer (roubada durante o cochilo de um chefe de estação em Paris), nela não fazem gênero, são o óbvio. Arnaldo, namorado de ginásio e companheiro de música, adormecido na poltrona em frente, não lhe estende as mãos, mas os pés; Rita, a namorada pop, acaricia (FERNANDES, 1971, p.52).

Nesse parágrafo também nota-se o uso do tempo presente no perfil. Sendo assim, esse texto foi escrito no presente e no passado do indicativo. Esse jogo de tempos verbais aproxima o leitor do narrador e do personagem (no caso, de ambos os narradores), por causa da sensação do “agora”, do “ao vivo”, que humaniza a história. Mesmo que os veículos de comunicação estejam

presos a um determinado tempo cronológico, é possível que os perfis trabalhem com o tempo presente sem perderem sua noticiabilidade.

No subcapítulo *Uma coisa é certa, ela diz o que pensa*, Eugenia Fernandes foca em expor a personalidade de Rita Lee, tratando-a como uma pessoa sincera e mais careta do que se esperava – quando, por exemplo, a jornalista transcreve uma declaração em que Rita reclama sobre a desorganização do programa *Som Livre Exportação*, especial semanal da TV Globo do que Os Mutantes participavam:

Quem vê a Rita assim, nessa rotação acelerada, pensa que vai conversar com uma **vedetinha**⁴ histérica e temperamental. Mas a imagem da menina do chiclete de bola na boca, da bolinha na bolsa e do uisquinho no copo não tem nada a ver. Ritinha está em outra.
– “Esse negócio de garota pra frente já ficou pra trás – Diz ela. Nunca fui isso não. As pessoas ficam pensando que sou muito avançada e quando a gente vai fazer show em cidade do interior acontece até uns mal-entendidos” (FERNANDES, 1971, p.52). .

Ao longo dessa parte, a narradora-repórter evoca mais impressões pessoais sobre Rita Lee - como o fato de achar que ela era “a bamba do som” (p. 52), desmentida pela própria cantora, o que justifica a parte do subtítulo do perfil que alega que a cantora é “um tremendo engano” - e também suas primeiras lembranças da cantora, como “na apresentação de Ando Meio Desligado, tocando minicassete para uma multidão” (FERNANDES, 1971, p. 52). Ou seja, esta reportagem contém um alto grau de subjetividade de Eugenia Fernandes, que define Rita, ao longo do texto, como uma pessoa inteligente, agitada, criativa e irreverente.

Em *Ser paulista é bom; mas americana é melhor*, finalmente aparecem dados biográficos sobre a história de Rita Lee, como o fato de que aos 19 anos começou a estudar Comunicações na USP e que não concluiu devido à vida atribulada e de sucesso dos Mutantes, e também sobre morar na Vila Mariana e ter duas irmãs, tendo nenhuma delas ligação com a música. Além disso, Eugenia conta ainda coisas excêntricas que Rita gosta de fazer, como “fotografar aranhas e lagartixas com sua câmera Pentax” (p. 52), brincar com Guna Lee, sua jaguatirica de estimação e dirigir com seu Jeep, Charles, pela cidade de São Paulo de madrugada.

A última parte do texto faz alusão ao futuro dos Mutantes - que, na época, estavam construindo três casas no mesmo terreno, na serra da Cantareira, uma para cada integrante da banda - e supõe o que aconteceria se o estilo musical deles se tornasse comercial. A repórter ironiza que, “Com cuca e dinheiro, o mínimo que esses três Mutantes construiriam seria uma segunda Alfa-

⁴ Grifo da autora.

Centauro” (FERNANDES, 1971, p. 52). Ao final, Eugenia termina o perfil fazendo um esforço de definir a personagem, já desmistificada, mas sem ser desqualificada: “Meio quatrocentona, meio **hippie**⁵, Rita é na verdade uma tremenda simpatia. Se ela não é exatamente o mito da garota 2001, azar. Ela é, e fica sendo, Rita – a garota Lee” (p. 52).

Podemos concluir que essa matéria, com relação à construção do enredo, é feita a partir de uma ordem não linear, em que começa narrando um acontecimento de um passado recente (o ensaio), passa para o momento presente (a viagem), volta para o passado (desta vez aplicando um recorte biográfico da perfilada) e, por fim, apresenta expectativas de futuro de Rita.

Também nota-se, com relação aos elementos fundamentais do perfil, que não houve muitas lembranças resgatadas por Rita. Em compensação, a narradora jornalista colocou suas próprias lembranças no texto, dando ainda mais subjetividade à matéria e aproximando ainda mais o leitor de Rita Lee e seu universo. No que diz respeito ao ambiente da entrevista e à qualidade da interação narrador-personagem ou repórter-entrevistado, houve vários encontros e em vários espaços, já que Eugenia Fernandes conviveu com ela por 24 horas ininterruptas. Talvez por isso a repórter conseguiu conquistar a confiança de Rita, a ponto dela se sentir à vontade para fazer reclamações sobre, por exemplo, o Som Livre Exportação, e confessar que gostaria de ser americana. Assim, essa imersão intensa da repórter no mundo da cantora garantiu uma boa qualidade de interação entre as duas e, conseqüentemente, um bom material para a escrita do perfil.

4.3.2. *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa*

Quando este perfil foi feito, muita coisa já havia acontecido na vida e na carreira da cantora: foi expulsa dos Mutantes, foi presa grávida por porte de maconha, completou 30 anos, casou e teve um filho, Beto, que na época estava com um ano. Publicada na revista *Nova* em abril de 1978, o texto, escrito pelo jornalista e escritor gaúcho Nei Duclós, dá um foco especial nesses episódios e tenta trazer a público uma imagem e personalidade de Rita longe dos holofotes - no caso, como uma pessoa caseira e cuidadora.

Em *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa*, percebe-se que o título da matéria visa tornar a personagem interessante - adicionando adjetivos que não são comumente postos juntos, como “sexy” e “debochada”, por exemplo - e empoderar a cantora. A revista *Nova*, publicação mensal

⁵ Grifo da autora.

da Editora Abril ligada à rede norte-americana *Cosmopolitan*, tinha como público-alvo o feminino, tratando de assuntos muito discutidos nesse universo, como beleza e moda, mas também de temas considerados tabus para a época, como sexo e trabalho. A linha de apoio segue o conceito de linguagem informal da revista e faz questão de dar um tom misterioso ao conteúdo do texto:

“Como será Rita Lee quando os refletores se apagam, ela desce do palco, tira a maquiagem, deixa de lado suas roupas cheias de brilho e vai para casa?”

Outra característica marcante dessa matéria, que percebemos já em um primeiro momento, é a sua extensão. Com cerca de 20 mil caracteres, esse perfil é um dos mais longos do *corpus*, tendo o formato de texto corrido, onde o único narrador é o repórter, no caso, o Nei Duclós. Além disso, a reportagem é ilustrada somente por uma foto de Rita, não creditada e sem legenda. Porventura, ela ocupa uma página inteira da revista.

Figura 5: abertura da matéria e foto



Fonte: revista Nova, edição 55, págs. 72-73

Figura 6: terceira e quarta páginas do perfil



Fonte: revista Nova, edição 55, págs. 74-75

Ao contrário da reportagem anterior, o narrador, Nei Duclós, escreveu esse texto baseado em apenas um encontro com a protagonista, no apartamento da cantora, e em diálogos com os pais de Rita. Porém, o discurso presente no perfil dá a entender que ele foi ininterrupto e com várias horas de duração, o que também garante certo nível de autoridade do jornalista ao perfilar Rita Lee.

O ponto forte dessa matéria é a descrição detalhada, que aparece já nos primeiros parágrafos, quando Duclós comenta sobre atributos físicos da cantora, como sua vestimenta - Rita aqui entra, novamente, como símbolo de tendência da moda - e fisionomia:

Ela está com a mais corriqueira calça jeans deste mundo, combinada (ou descombinada?) com uma bata roxa. Acreditem: chinelinhos com uns enfeites felpudos, como aquelas das nossas avós, estão nos seus pés. Nem sombra de riscos pretos em torno dos olhos, nem sombra de camadas e camadas de batom nos lábios. [...] Ela é alta, muito magra, tem a pele branca e olhos bem azuis. Os dentes são um pouco irregulares, e seus cabelos têm exatamente aquela densa cor de fogo que a televisão nos revela (DUCLÓS, 1978, p. 72).

Enquanto no perfil da revista Fatos e Fotos não havia muita descrição clara das atitudes da personagem, neste já é possível identificar que o repórter faz um detalhamento psicológico mais consistente:

Seus cabelos estão presos por grampos, mas a cada minuto ela os solta e torna a prender. Meio elétrica, gesticula sem parar, anda pelo apartamento. É engraçada. Me pediu um cigarro, logo no começo da nossa conversa - o seu, sempre Hollywood, havia acabado. Mais tarde pediria outro, mas então preferiu fazer a sua cenazinha: pôs as mãos para trás,

os pés um pouco para dentro, como uma menina envergonhada, sacudiu os ombros e torceu um pouco a cabeça de lado: "Você poderia me dar mais um cigarro?" Diz que faz isso não para provocar riso, o que fatalmente acaba por conseguir, mas por timidez. "Fica mais fácil eu fingir que sou tímida, sendo mesmo tímida, do que ficar tentando bancar a impetuosa, avalente" (DUCLÓS, 1978, p.72).

Com relação ao ponto de vista do narrador, ele também é construído a partir da primeira pessoa e o repórter também coloca suas impressões sobre Rita Lee no texto, como quando declara que a cantora não é bonita e gostosa (fazendo alusão à letra da música "Perigosa" - *Sei que eu sou bonita e gostosa / E sei que você me olha e me quer*) para os padrões da época, mas que o é de um jeito novo, "pelo seu à vontade, pela alegria que cria à sua volta, pela festa que inventa, como ela diz" (DUCLÓS, 1978, p. 72). Porém, essas opiniões do jornalista não são postas com tanta frequência quanto no primeiro perfil analisado nesta monografia e, por isso, o tempo verbal que prevalece no texto é o de terceira pessoa, não aproximando tanto o leitor da narrativa e da personagem como *Rita, a garôta Lee* faz.

A questão das lembranças da personagem também se mostra mais presente nesta matéria. Rita fala sobre acontecimentos específicos que, segundo ela, a fizeram amadurecer. Primeiro, ela comenta sobre sua prisão, grávida, em 1976, quando alguns policiais entraram em sua casa à procura de drogas e acharam restos de cigarro de maconha, o que foi suficiente para a colocarem em uma cela comum, com mais sete pessoas - onde cabiam quatro -, por trinta dias: "Foi um tempo complicado, mas me ajudou muito. Tudo aquilo era uma coisa tão distante de mim, nunca pensei que passaria perto de uma prisão, e de repente lá estava eu. E eu pude ver quem são as pessoas que estão lá, todas tão parecidas com a gente" (p. 74).

O segundo momento importante foi a chegada da maternidade. Beto Lee, seu primeiro filho, estava com um ano quando o perfil foi publicado. Mas essa lembrança, em vez de ser trazida pela artista no texto, é uma tradução da experiência do repórter com a cantora: "Beto, o bebê, dá lições diárias à Rita. Ela volta à infância, pensa novamente em valores como a importância da harmonia familiar. Beto se diverte ao seu lado". O narrador-repórter também evoca, em primeira pessoa, suas memórias na matéria, como quando diz que se lembra de uma apresentação da cantora, grávida, na TV, "em que ela alisava ostensiva e marotamente a barriga, enquanto tentava um rebolado dos velhos tempos em que seu corpo era esguio" (DUCLÓS, 1978, p. 74). Ao final do parágrafo, o narrador mostra que uma das facetas de Rita longe dos holofotes é justamente o seu forte lado maternal.

Ao longo do perfil, Nei Duclós retrata a personagem Rita Lee como uma mulher com diversos atributos - bonita e gostosa, tímida, maternal. Esse último é notado quando o narrador conta que Rita é apegada à família e que sempre está na casa de seus pais. Ele expõe a fala de Romilda Padula, mãe da cantora, para exemplificar essa preocupação com os seus: ela fala do episódio em que a cantora não gostou da reforma na casa, alegando que ela não deveria ser mudada, pois era uma lembrança de sua infância.

Além disso, o narrador enfatiza o seu lado carismático, como quando conta que a protagonista gosta tanto de inventar personagens a ponto de sair na rua e conversar com amigos caracterizada:

Pode ser que você já a tenha encontrado na rua e nem sequer tenha imaginado que era ela que caminhava ao seu lado. Porque, afinal, como suspeitar que aquela velhinha, toda arrumada à antiga, fosse Rita Lee? E como, meu Deus, Rita Lee pode ser uma velhinha? Porque esse é um dos muitos tipos que ela cria, e gosta tanto, e se diverte tanto. que sai por aí caracterizada. Há também a "Gina", uma solteirona muito exibida e assanhada, segundo a descrição que Rita faz dela. "Gina corre para o telefone cada vez que inventa uma música nova, só para avisar o Gilberto Gil", conta Rita (DUCLÓS, 1978, p. 74).

Outra manifestação do carisma de Rita é visível quando a artista e seu marido, Roberto de Carvalho - que em determinado momento da entrevista aparece na sala do apartamento, onde a interação narrador-personagem acontece, e participa da conversa -, contam sobre a experiência de terem passado o carnaval do ano anterior no Rio de Janeiro. Ao longo do relato, Rita e Roberto declaram que algumas celebridades internacionais que conheceram pessoalmente no evento, como Rod Stewart, Elton John e Peter Frampton, são “esnobes”, e então os dois desatam a imitá-los, em tom de deboche.

Pode-se dizer que Rita também é configurada neste perfil como uma personagem tipo, pois ele mostra que a cantora possui características e preferências da mesma forma que uma pessoa comum e anônima, como os fatos dela ser fã de Beatles e Dolores Duran, de ter como um dos assuntos preferidos a astrologia, de ser desligada com questões domésticas e de ter anemia. Porém, o narrador deixa claro que Rita, apesar de ser considerada por ele como “muito comportada”, gosta de sua fama de espevitada:

Ela parece apreciar a idéia de que todos a considerem sempre "bem maluca", "muito louca", "garota engraçada", comentários que sempre fizeram a seu respeito, desde o tempo de Os Mutantes, quando ela se fantasiava a cada apresentação do grupo. Não que queira esconder seu apego à família, sua timidez palpável. Mas, sabe como é, se todos ficam

sabendo disso, não acabará "dando um gelo" - expressão de Rita - nessa imensa festa que ela armou à sua volta? (DUCLÓS, 1978, p. 75).

Ainda sobre a personagem Rita Lee, ela apresenta uma grande evolução com relação à sua autoafirmação e sua ambição como musicista, se compararmos este perfil com *Rita, a garôta Lee*. Um dos momentos em que se nota isso é quando ela declara ao jornalista - segundo Duclós, "seriamente" - que sabe que tem talento e que "pode demorar", mas que irá alcançar o sucesso.

O pai de Rita, Charles Fenley Jones, também participa ativamente da matéria, demonstrando preocupação com o futuro incerto que a profissão de artista traz: "Poderia ter uma profissão que desse a ela o direito a aposentadoria por tempo de serviço, por velhice, e não dependesse dos caprichos do gosto do público". Ele ainda revela que gostaria que a filha fosse veterinária, dentista - profissão dele - ou "dentista cientista" (p. 75). Ele, Romilda Padula e Roberto de Carvalho podem ser considerados, segundo definição de Hamon, personagens secundários neste perfil - eles trazem informações, mas sua função principal é ajudar a ilustrar o ambiente e o contexto em que a protagonista vive.

Neste texto, as opiniões da perfilada aparecem com muita frequência e consistência. Ela faz declarações sobre diversos assuntos, como, por exemplo, quando define o movimento feminista como "uma grande confusão, uma espécie de clube da Luluzinha, onde homem não entra; muito pretensioso"; e quando declara que não acredita na eficiência de protestos: "Não acho que isso mude alguma coisa. Acredito que ajudo muito mais às pessoas com o meu trabalho" (p. 72). Assim como no perfil anterior, neste Rita também faz uma espécie de queixa à sua cidade natal, São Paulo - ela a define como uma cidade "séria e cinzenta", mas que proporciona muitas oportunidades: "Só aqui, nesta terra de imigrantes, é que pode surgir uma nova raça. É aqui que as loucuras chegam primeiro, como o requebro dos quadris de Elvis Presley e o iê-iê-iê dos Beatles" (p. 75).

Um parágrafo é dedicado ao casamento de Rita Lee com Roberto de Carvalho, marido e parceiro musical. O narrador faz uma breve introdução sobre o início do relacionamento através do depoimento da cantora, que diz que "no começo, um não ligava para o outro" e que a aproximação de fato se deu de forma devagar. E é por meio dos detalhes - gestos, palavras e atitudes - observados ao longo do contato que teve com a cantora que Duclós consegue transmitir o encontro amoroso bem-sucedido entre Rita e Roberto:

Com 25 anos, uma carreira artística que a família queria que fosse feita na música clássica, ele (Roberto) é o oposto da mulher. Calmo, um jeito de falar muito sossegado. Beija Rita no rosto quando aparece e adverte, brincalhão: "Não fica inventando aí, não". Rita logo avisa que tem novidade para ele, as revistas da semana inundadas com reportagens do carnaval carioca, mulheres seminuas, de braços abertos para a câmera, gente famosa que veio ver a festa toda (DUCLÓS, 1978, p. 74).

Como a consistência e a autoridade deste perfil é validada através do intenso trabalho de descrição e detalhamento dos acontecimentos e da personagem, ele conta, relativamente, com poucos elementos factuais, tendo como único acontecimento futuro colocado no texto a estreia de uma nova turnê, chamada *Babilônia*. Quando esse perfil foi escrito, Rita Lee estava no auge de sua vida e de sua carreira - além do casamento e da maternidade, isso é confirmado quando Nei Duclós afirma que os discos da cantora "nunca vendem menos de 200.000 cópias", que "sua agenda de shows é abarrotada", e que ela conquista cada vez mais admiradores, de todos os tipos (DUCLÓS, 1978, p. 75).

Outra informação nova que o texto traz é sobre a música "Ovelha Negra". Nei Duclós declara que a história da canção - que diz que os pais não falam com ela por desaprovação ao seu modo de vida (*Foi quando meu pai me disse filha / Você é a ovelha negra da família / Agora é hora de você assumir / E sumir*) - é uma invenção de Rita, e que, na verdade, a única restrição que seus pais fazem à carreira da cantora é que ela é desgastante (DUCLÓS, 1978).

Os elementos biográficos também marcam presença neste perfil. O repórter conta brevemente a história da migração da família Lee para o Brasil e fala sobre o comportamento de Rita na adolescência, que, segundo Romilda, era boa aluna no colégio e que havia ganhado competições esportivas na escola.

Podemos observar que o enredo deste perfil também não obedece à linearidade típica das narrativas, como início-meio-fim. Porém, comparada à primeira matéria, ele tem um formato mais próximo do tradicional, em que no início é descrito, com todos os detalhes, o momento impactante do primeiro encontro repórter-entrevistado (no caso, narrador-personagem), sendo a narrativa a seguir construída conforme os tópicos surgiam ao longo da entrevista - ou seja, da interação entre os dois -, e finalizando com uma espécie de definição geral da personagem: "Que falem. Que é estrangeira, que tudo o que faz não passa de brincadeira. Não está preocupada. Afinal, ela é de Capricórnio. É dessas que vai, vai, até conseguir o que quer" (DUCLÓS, 1978, p. 75).

Também nota-se a presença dos três tempos verbais, visto que no texto existem informações referentes ao passado, presente e futuro da artista. Porém, como comumente acontece nos perfis, a prevalência é da escrita no tempo presente, levando para o leitor a típica sensação de proximidade com o personagem perfilado.

4.3.3. *Rita Lee trabalha em paz*

Este perfil, publicado em quatro de junho de 1990 no Jornal do Brasil, é o mais curto e formal dentre os selecionados para este trabalho. Com cerca de seis mil caracteres e ocupando somente uma página do veículo, o texto representa uma importante ruptura: Rita Lee estava há três anos sem dar entrevistas. Além disso, a matéria tenta fazer um comparativo entre o perfil da cantora de anos passados e o daquele ano, pegando como gancho a gravação de mais um disco.

O Jornal do Brasil é um centenário e tradicional jornal carioca que, assim como na maioria dos veículos de comunicação de massa impressos, é dividido em várias editorias, como cidade, política, esportes, opinião, entre outros. *Rita Lee trabalha em paz* foi publicado no Caderno B, sessão que, como de praxe, tem a finalidade de destacar notícias e reportagens relacionadas à cultura e arte. Por se tratar de um jornal destinado ao público em geral, o texto não apresenta uma linguagem tão informal como os outros perfis, apesar de haver, por parte da jornalista cultural Cleusa Maria - a única narradora do enredo e repórter do perfil -, uma narração no tempo presente.

A página dedicada a Rita Lee é composta por uma grande imagem, feita por Zeca Feitosa, da cantora gravando a voz de alguma música - o que pode ser considerado representativo do momento presente da cantora -, e, no centro, fotos de arquivo que representam, esteticamente, diversas fases da cantora: de quando fazia parte dos Mutantes, da Tutti Frutti e do início de sua carreira solo, o que ilustra e reforça a comparação da repórter da Rita do passado com a do momento em que a matéria foi escrita. Do lado direito, há um pequeno texto que discorre sobre o álbum que estava sendo produzido, que se tornaria futuramente o *Rita Lee e Roberto de Carvalho* (1990).

Figura 7: foto destaque da matéria



Fonte: Jornal do Brasil, edição 57, p. 32

Figura 8: imagens de arquivo



Fonte: Jornal do Brasil, edição 57, p. 32

Figura 9: página inteira da matéria



Fonte: Jornal do Brasil, edição 57, p. 32

O texto começa fazendo jus ao título, explicando o porquê de Rita Lee trabalhar em paz, já associando a alguns dados biográficos: casamento de 15 anos, novo lançamento fonográfico e, segundo Cleusa, “silenciosa” - estava distante de jornalistas por causa das duras críticas que recebeu sobre seu disco anterior, o *Zona zen* (1988). Ou seja, a narradora abriu a matéria expondo o contexto em que estava inserida Rita, o que Sérgio Vilas Boas julga ser um elemento fundamental para a construção de um perfil.

Após, a repórter conta como e em que ambiente se deu a interação com a personagem. No caso, a entrevista foi realizada em uma madrugada no estúdio Mosh, em São Paulo, onde Rita e Roberto de Carvalho estavam gravando o álbum novo, regada a vinho branco (MARIA, 1990). No mesmo parágrafo, vê-se mais uma característica indispensável nesse tipo de texto: a descrição da personagem. Porém, ela é válida nesse lugar por estar relacionada com outros dados biográficos:

[...] assim que desce os degraus do banheiro do estúdio, onde vai retocar o batom rosado. Uma vaidade à toa, para quem continua graciosa, os olhos azuis e brilhantes quase encobertos pela franja vermelha. O corpo magricela, enfiado numa larga calça listrada, cami-

seta e uma camisa grande por cima, passou por uma bem-sucedida lipoaspiração, no final do ano passado. O rosto já havia levado um retoque, há cinco anos, depois que o fotógrafo Miro chamou a atenção de Rita para o olho esquerdo, que estava mais caído que o direito. Num rasgo de espontaneidade, ela tocou numa zona nevrálgica: “De tanta droga, caí e machuquei o olho. Mas falei para a revista Amiga que tinha sido um acidente de carro” (MARIA, 1990, p. 32).

A parte descritiva deste perfil é fraca, pois esse é um dos únicos momentos em que aparecem descrições físicas ou psicológicas de Rita Lee. Sendo assim, um dos pontos fortes desse texto é a forte presença das lembranças da protagonista, o que facilitou o trabalho da narradora de fazer a ponte entre a Rita do passado e a atual:

Na proximidade dos 43 anos, que completa em dezembro, Rita não sente saudades dos seus 30 anos. Foram tempos loucos. “Eu ficava muito doida, meio inconformada, sempre me perguntando: será que tem alguém fazendo rock melhor que eu, que sempre fui a vanguarda?” Mas lá se foram esses dias em que dava uma de madrastra do espelho-espelho-meu. Sente-se menos ansiosa, mais humilde e paciente (MARIA, 1990, p. 32).

A principal história desse perfil é, simplesmente, sobre como a artista amadureceu desde o início de sua carreira. Definida por Caetano Veloso como a mais completa tradução de São Paulo (MARIA, 1990), a personagem Rita Lee é bem desenvolvida durante todo o texto, sendo isso visível desde a legenda da primeira foto - “rejuvenescida por uma lipoaspiração, Rita, 42 anos, não tem mais vontade de jogar ácido na caixa-d’água do bairro” (MARIA, 1990, p. 32) - até o último parágrafo, em que Rita, segundo Cleusa, se encolheu e mordeu a ponta dos dedos “como uma criança” (p. 32). Isso se dá principalmente em comparações feitas pela própria cantora. Como, por exemplo, quando a narradora conta que a artista, naquele momento, não precisava mais de drogas para encarar a realidade, que preferia seguir o oráculo chinês *I Ching*, para deixar a vida fluir de maneira mais leve, e que estava fazendo análise junguiana há dois anos.

Apesar da matéria retratar uma Rita Lee mais serena e madura, com sentimentos comuns ao seres humanos - a artista aparenta ter ciúmes das esposas de Paul McCartney, John Lennon e Mick Jagger -, ela também mostra, em certo momento, um comportamento peculiar da protagonista, como quando Rita se justifica por estar envolvida com a direção musical da peça *Rebeldes*, com a participação especial em um episódio da série da TV Globo Delegacia de mulheres e com o terceiro livro da série infantil sobre o ratinho Dr. Alex: “Tenho de queimar combustão. Tenho que ficar ocupada para não pensar em me matar”, comenta segundos antes de afirmar que,

às vezes, se surpreende por se ver tão feliz” (MARIA, 1990, p. 32). Esse sentimento dicotômico de Rita exposto pela narradora faz com que a representação da protagonista nesse perfil seja a de uma personagem esférica ou, como define Sodré e Ferrari, uma personagem-indivíduo, ou seja, de personalidade mais complexa. Roberto de Carvalho, assim como no último perfil analisado, também aparece como uma personagem e de maneira tangencial, fazendo assim um papel de figuração no texto.

Outros fatos importantes na vida da artista foram abordados na matéria, de maneira a ser indispensável para o que o texto se propôs - a comparação. Um desses acontecimentos é a morte, num curto espaço de tempo, de vários membros da família da cantora, como os pais, as irmãs e os tios, “de um unido clã de imigrantes” (MARIA, 1990, p. 32). A outra novidade, com relação ao perfil passado, é o nascimento de mais dois filhos, além de Beto Lee, e o crescimento deles - Beto tinha 13 anos, João 11 e Antônio Lee nove. A jornalista coloca uma citação direta da cantora que dá a entender que esses acontecimentos contribuíram para o afloramento de um lado mais maternal de Rita, o que também influencia no seu, como diz o título, “trabalhar em paz”. “Com o tempo, comecei a ver que, agora, eu é que sou a rainha. Ser mãe é segurar a barra do filho. Ser filho é se soltar da barra da mãe. Acho que como mãe, sou uma ótima irmã” (p. 32).

Ao final da matéria, Cleusa Maria retoma a estratégia de descrever, baseado na sua observação, o ambiente e o contexto da entrevista, fechando o parágrafo com sua impressão subjetiva sobre a artista:

Dentro do estúdio, o relógio marca 1h da manhã. Rita coloca o braço sobre os ombros de Roberto, de pé à frente da mesa de som. Roberto enlaça a cintura da mulher, o som pesado da guitarra, do rock Uma noite em Hong Kong (primeira faixa do novo disco), dá ritmo aos passos do casal. Os dois dançam abraçados. Rita Lee não é mais a musa da vanguarda. Não é mais a rainha do rock. Talvez por isso mesmo, agora acha que é uma mulher feliz (MARIA, 1990, p. 32).

Podemos observar que o enredo deste perfil é, em quase sua totalidade, um relato do momento presente, se utilizando somente de algumas informações biográficas para dar consistência e sentido à história.

Enfim, podemos concluir que este perfil, escrito em terceira pessoa, é o mais superficial e formal do corpus, o que diminui o nível de autoridade do narrador sobre a história contada. Assim, o texto acaba não fazendo o leitor imergir tanto no mundo de Rita quanto as outras matérias aqui analisadas.

4.3.4. “Não nasci para casar e lavar cuecas”, revela Rita Lee

Por fim, “*Não nasci para casar e lavar cuecas*”, revela Rita Lee é o texto mais denso e complexo do corpus, em que mostra Rita aos 60 anos, já como artista consagrada, e ressalta a importância de sua trajetória para a música nacional. O perfil tem como elemento inovador a transcrição literal da troca de emails não só entre o repórter e a entrevistada, mas também entre o narrador e personalidades que têm histórias para contar sobre a presença Rita em suas vidas, como as cantoras Fernanda Takai e Zélia Duncan. O texto também conta com declarações de Marisa Orth, Paulo Coelho e Tom Zé.

Este perfil foi publicado em dezembro de 2007 (ed. 15), na tradicional revista especializada em música e cultura pop Rolling Stone, que também é reconhecida por fazer perfis de personalidades da área e de celebridades. Escrito pelo jornalista e crítico de música Marcus Preto e com fotografias de Jairo Goldflus, ele ganhou destaque na capa da edição, cuja chamada define Rita Lee como “a grande estrela do rock brasileiro”. A imagem escolhida tem a pretensão de ilustrar a artista com a ideia de muitas loucuras e vícios, representada principalmente pela feição e pelo cigarro na boca de Rita:

Figura 10: Rita na capa da revista *Rolling Stone*



Fonte: revista Rolling Stone, ed. 15, 2007

A fala “não nasci para casar e lavar cuecas”, que está no título do perfil, além de querer dizer que ela não tem talento para ser dona de casa, representa um traço de Rita que todos os outros perfis analisados neste trabalho também colocam em questão: a rebeldia e a relutância em ser subordinada a um homem. Logo após, na linha de apoio, Preto conta justamente que a cantora “entrou no masculino universo do rock, quebrou barreiras na ditadura militar e trouxe revoluções, sonoras e sexuais, para a sua música” (PRETO, 2008, p. 87). A primeira foto da matéria, que ocupa uma página inteira da revista, é um retrato fechado no rosto de Rita, e ele, de certa forma, reforça esse estereótipo: carão, maquiagem pesada e cabelo desgrenhado. Além disso, a imagem foi publicada em preto e branco, dando mais um tom “roqueiro”:

Figura 11: retrato de Rita



Fonte: revista Rolling Stone, ed. 15, 2007, p. 87

Uma das coisas que chama a atenção neste perfil é o jornalista - ou o narrador principal, pois domina a condução do enredo do texto do início ao fim - expor ao leitor como foi feita a matéria; de que forma se deram as entrevistas e quais foram os obstáculos enfrentados. Por exemplo, após iniciar a matéria descrevendo o momento de um ensaio da banda e das características físicas da cantora, Preto revela que trocou e-mails com a protagonista para combinarem quais seriam as instruções para a realização da reportagem. O jornalista transcreveu literalmente as mensagens recebidas, como esta:

Meu filho, a gente escrevinha por e-mail uma parte da entrevista (sou bem melhor nas teclas do que falando). Mas o lado 'alma' pode ser feito na nossa casa, no meio do mato, que é onde estou morando e de onde só saio para fazer shows e volto correndo. Sei que

não é muito excitante para um rapaz cheio de testosterona ficar no meio do mato com uma pobre senhora fútil como eu, mas podemos ficar lá bundando juntos, pelo menos por uma tarde, uma comidinha vegetariana. Vamos nos falando. Love you, Vovó Ritinha (2007, p. 88).

Marcus Preto também expõe e-mails que recebeu de artistas brasileiras que tiveram suas vidas e carreiras influenciadas pelo trabalho de Rita Lee, ou que até participaram de sua trajetória, como Fernanda Takai e Zélia Duncan. Zélia conta que o primeiro disco que ganhou na vida foi o *Fruto Proibido* (1975), e relata a emoção de, anos depois, ter trabalhado na mixagem de uma de suas músicas e de substituí-la na volta dos Mutantes em 2006: “Eu me sentia um pouco guardiã de um posto que só pode ser dela” (2007, p. 81). Assim, Fernanda, Zélia e a própria Rita também se tornam narradoras deste perfil, ainda que de forma secundária.

A matéria conta com um forte teor biográfico, chegando a parecer uma reportagem convencional em vários momentos do texto. Por exemplo, quando Preto relembra o sucesso da cantora nos anos 1960 e 1970, por declarações do cantor Tom Zé e do escritor Paulo Coelho, parceiros musicais de Rita Lee. Por isso, eles, além da atriz Marisa Orth, que opina sobre o contexto daquele momento de Rita, seriam outros narradores dessa história. Esse perfil acaba apresentando diversas focalizações: a história é contada, em alguns momentos, através de uma visão interna e participante dos acontecimentos, e em outros momentos de maneira externa, em que o narrador principal, Marcus Preto, expõe depoimentos de terceiros e se distancia, em certo grau, do universo de Rita Lee.

As memórias de todos os participantes do perfil são postas, de alguma forma, na reportagem. A começar pelas do narrador principal, que já no início do texto revela que, ao estar junto de Rita, lembrou-se de cenas da trajetória da artista e de sua própria vida:

Vejo passar um filme fragmentado no fundo da cabeça que dura apenas uma fração de segundo, mas alinhava dezenas de imagens de muitos tempos, cenas da vida dela e da minha: Festival da Record, "Domingo no Parque", os discos dos Mutantes, "Mamãe Natureza", inauguração do Teatro Bandeirantes com Tutti-Frutti, Hollywood Rock, "Ovelha Negra", gravidez na prisão, a trilha sonora de Malu Mulher, minha mãe nos anos 80, "Mania de Você", clipes do Fantástico, "Lança Perfume", meus primeiros LPs, prisioneiros de um arranha-céu, Rock in Rio 1, "Bwana", aberturas de novelas, "Bossa'n'Roll", porres homéricos (dela e meus), paixões frustradas (minhas e dela), crises de choro, amores históricos. Ponho o pé na realidade e faço o filme parar (PRETO, 2007, p. 88).

Neste texto é relatado, novamente, o episódio da prisão de Rita. Porém, aqui ela aparece com um recorte mais específico e com um maior grau de detalhamento, rememorado pela própria cantora:

Fiquei uma semana no Deic, um mês no hipódromo feminino e um ano em prisão domiciliar. A semana no Deic foi o pior momento de todos. Havia um carcereiro japonês que entrava na cela, mijava no chão e jogava baldes de cocô para que ninguém pudesse sentar. No hipódromo, a coisa foi mais branda, apesar dos interrogatórios diários. Depois de um mês lá, fui julgada e condenada a um ano de domiciliar, com guarda na porta e o escambau. A vontade de fugir de Alcatraz era grande, mas minha barriga era maior. Até hoje, quando vejo um camburão, as pernas balançam. (2007, p. 89)

Paulo Coelho também evoca suas memórias com Rita. Mas ele se lembra de momentos felizes com a cantora, como quando seu alter ego e o da artista, Roberto e Marina, respectivamente, conversavam e compunham muito juntos.

Ao contrário dos perfis anteriores, este perfil conta com diversos personagens além da perfilada, como os outros entrevistados - Fernanda Takai, Zélia Duncan, Paulo Coelho, Tom Zé e Marisa Orth -, e o próprio jornalista e narrador principal.

A personagem principal desse perfil apresenta aqui uma grande diversidade de facetas e características inéditas. O primeiro traço interessante mostrado pelo narrador logo no início do texto é o da familiaridade (e a preferência) de Rita com o mundo virtual, como já foi citado no início desta análise.

A seguir, o narrador-repórter conta que mesmo interagindo com Rita pessoalmente, isso não é garantia de que a artista irá lhe revelar a verdade:

Quando ela quer, mente e pronto - seja por e-mail, seja no cara a cara. "Vamos combinar que todo mundo mente?", lança. "Em entrevista, a coisa fica sendo ainda mais sedutora. Afinal, inventar coisas absurdas a seu respeito não é mais interessante para um jornalista do que simplesmente contar-lhe como sua vidinha verdadeira é besta?" [...] Querendo quebrar mais um pouco a linha entre invenção e realidade, ela ainda me provoca: "Querido, inventa bastante coisa sobre mim nessa minha matéria?" (PRETO, 2007, p. 89).

Esse flerte que a artista tem com a mentira já aponta para uma complexidade incomum da personalidade de Rita Lee - uma característica de personagens esféricas.

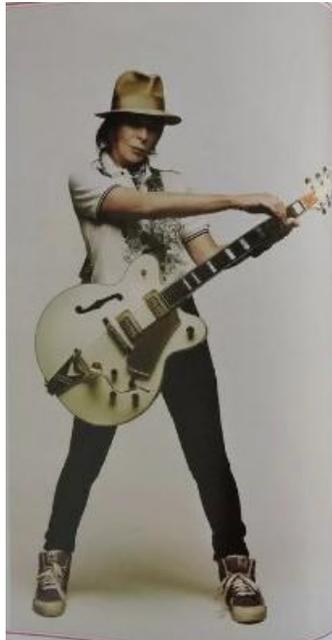
Ao longo do texto, o jornalista expõe mais traços interessantes da cantora. Apesar de reconhecer seu pioneirismo na música brasileira como uma das poucas artistas cantoras e composi-

toras até os anos 1970, ela apresenta uma baixa autoestima quando Preto fala sobre a qualidade de suas músicas:

Ela sempre gostou de dizer que não acha muita graça no repertório que construiu nestes 40 anos de estrada. Inconformado, forço um pouco a barra, de alguma coisa ela tem que gostar. "Tá bom, vai. Entre as minhas mais de 400 composições, tem umas dez das quais modestamente me orgulho de ter feito: 'Mania de Você', 'Orra Meu', 'Lança Perfume', 'Doce Vampiro', 'Caso Sério', 'Coisas da Vida', 'Obrigado Não', 'Flagra'... Ah, sei lá, meu!" (PRETO, 2007, p. 90).

Além disso, com relação ao seu potencial como musicista, Rita se define como “um pára-raio do inconsciente coletivo que não sabe cantar nem tocar nada e se mete a besta” (p. 90). Em outro e-mail, a cantora alega ser adepta da “auto-esculhambação”, mas que, ao mesmo tempo, não liga mais para críticas de terceiros: “Como tropicalista da gema, estou cagando e andando para quem me detesta e continuarei fazendo o que me der na telha” (p. 93). Em um momento anterior no texto, Rita declara que sabe de seu pioneirismo na história do rock brasileiro, o que dialoga com a foto da página 88, em que a personagem principal está com um visual um tanto masculinizado e mexendo em uma guitarra:

Figura 12: Rita Lee com estilo masculinizado



Fonte: revista Rolling Stone, ed. 15, 2007, p. 88

Essa questão da predominância masculina no meio musical também é colocada na matéria por Rita. Ela revela ao narrador-repórter que a maioria de suas influências musicais e performáticas, muito por haver poucas mulheres nesse meio nos anos 1970, são homens, como Mick Jagger, David Bowie, Rod Stewart, Caetano Veloso e Gilberto Gil (PRETO, 2007). Segundo a cantora, a tendência de fazer parte do mundo masculino surgiu já na infância, quando “queria a mesma liberdade dos moleques que brincavam na rua com carrinho de rolimã”. Quando entrou para a música, Rita Lee notou que o rock era um ambiente masculino e decidiu “encher o saco deles”, como forma de resistência (p. 89).

Outra informação nova apresentada neste perfil é sua relação conflituosa com Os Mutantes depois de sua expulsão da banda, usando como gancho o acontecimento da reunião da formação original em 2006. Segundo o texto, Rita recusou o convite porque, além de ter sido por causa dessa ruptura que ela teve seu apogeu na carreira solo, a artista não acredita no propósito dos “revivals”: “Sempre fui avessa a essa coisa pobre de revival, esse caça-níquel sem vergonha de quem não tem coragem de partir para outros mares nunca d'antes navegados” (p. 91). Além disso, Rita declara ao narrador principal que os irmãos Baptista - pejorativamente chamado por ela de “os manos” - torciam pela sua derrota artística. Nesta mesma página, ocupando a maior parte dela, está colocada uma imagem de Rita anos 1970, segurando um animal - uma das paixões da cantora:

Figura 13: Rita nos anos 1970



Fonte: revista Rolling Stone, ed. 15, 2007, p. 91

A característica que pode ser considerada a mais comum - ou “tipo” - de Rita Lee dentre as apresentadas aqui é o seu lado familiar. Na parte final do texto, Preto conta que Rita faz músicas não só com Roberto, mas também com seus filhos Beto e João. Além disso, o narrador repórter alega que a chegada da neta Izabella - filha de Beto Lee - a fez mudar o seu estado de espírito para melhor, sendo esse um dos assuntos preferidos de Rita: “Bicho, se eu soubesse que ser avó era tão genial eu nem teria sido mãe” (p. 93). Mesmo assim, Rita Lee é retratada aqui como uma personagem esférica ou complexa, pois além da manifestação desses traços singulares, ela está sendo interpretada por diversos narradores e, conseqüentemente, através de diversos pontos de vista, o que faz da personagem um ser completo e suscetível a vários tipos de caracterização.

Apesar de ser ela a perfilada e, conseqüentemente, a personagem principal da história, o narrador-repórter Marcus Preto também é um personagem fundamental nessa história, pois ele evoca lembranças e opiniões de forma a conquistar Rita, existindo uma alta qualidade de interação narrador-personagem e interferindo diretamente nas respostas da cantora. Isso é notório quando a cantora pede para o narrador provar uma empada para saber se nela há carne ou não, já que ela é vegetariana:

Ela coloca na minha boca uma das empadinhas que estão no bufê do estúdio em São Paulo e foca seus olhos azuis nos meus, esperando a resposta. Dou uma dentada e vejo

os pedaços de palmito. Digo isso a ela. ("Ai, graças a Deus, gosto tanto de empadinhas...") (PRETO, 2007, p. 90).

Este perfil contém uma ampla gama de dados biográficos, e muitos deles são novos, se compararmos com os outros perfis aqui analisados. Um deles é a questão do vegetarianismo da cantora. Quando esse texto foi publicado, Rita já não comia carne há 20 anos, devido à sua já citada aqui paixão pelos animais. Marisa Orth conta um episódio com Rita Lee que mostra que a cantora acredita que comer carne de animais é a mesma coisa que comer carne humana:

Lembra daquele caso do canibal alemão que queria comer uma pessoa - gastronômica-mente, eu digo - e colocou um anúncio nos classificados de um jornal procurando candidatos? Ouvi aquela notícia e fiquei chocadíssima. Pois a Rita nem se abalou. Pra ela, isso acontece todo dia e ninguém percebe, já que ela não vê a menor diferença entre comer carne de gente e carne de bicho. Quando me explicou isso, botou a mão na minha coxa e disse: 'Se eu posso comer a pata de uma vaca, por que não poderia comer uma fatia dessas 'coxona'?' (2007, p. 90).

Este texto relata, novamente, a história de Rita Lee com Roberto de Carvalho, que eram, no contexto do perfil, casados já há 31 anos. A grande extensão da matéria também possibilitou a inclusão de mais detalhes e novidades sobre o romance dos dois. Mas uma das informações novas que este perfil traz sobre o assunto é o fato de Roberto ter recebido duras críticas desde que começou a se envolver emocional e profissionalmente com Rita. Segundo a cantora, "os mais burros diziam que ele estava dando um golpe para aparecer às minhas custas" (p. 90), e garante que entre o casal nunca houve saias-justas com relação a isso. A outra novidade é que o perfil também conta que, entre 1991 e 1995, a dupla esteve separada. Neste perfil, Roberto não aparece com declarações próprias e é, assim, um figurante nesse enredo.

Um assunto que, dentre o corpus, foi abordado somente neste perfil foi a questão dos processos criativos da cantora. Ela conta que se sente mais inspirada nas madrugadas e que já compôs músicas enquanto estava dormindo, como por exemplo "Baila Comigo".

Preto também conseguiu extrair de Rita declarações sobre assuntos delicados, como a questão do alcoolismo e da dependência química, que lhe custaram diversas internações:

Até então, eu tinha repulsa a beber, álcool era uma droga careta. Meu avô, meu pai e minha irmã mais velha eram alcoólatras. Nunca achei que poderia virar uma até experimentar o barato rápido que a bebida dava, e ainda tinha a vantagem de você nem ser presa por encher o rabo. Ainda misturava com calmantes, baseado, pó e o que pintasse pela frente. Volta e meia eu entrava em coma e tinha que ir para o hospital fazer lavagens es-

tomacais e tomar soro. Minhas entradas e saídas das clínicas, que eu chamo carinhosamente de hospícios, eram para desintoxicar e botar a cabeça no lugar (2007, p. 90).

Logo a seguir, a cantora declara que está sóbria há dois anos - só não se livrou do cigarro -, ou seja, desde que sua neta nasceu.

Outro ponto tocado pela primeira vez foi a questão do lado ruim da fama. Rita Lee conta que no auge de sua trajetória artística sentiu um “assédio descontrolado” das pessoas, fazendo-a se sentir solitária. Quando este perfil foi publicado, Rita estava prestes a completar 60 anos de idade e 40 de carreira - ou seja, já havia conquistado a estabilidade de uma artista respeitada -, e Marcus Preto cita o fato da artista ter passado mal durante um show, que ocorreu uma semana antes do fechamento da publicação, para desenvolver suas atuais limitações com relação a turnês. Rita declarou que, além de não ter a mesma disposição de antes, ainda se sente incomodada com algumas coisas que só quem é conhecido passa: “Dói dormir em hotel, comida que você não sabe quem preparou, viajar de avião, encontrar gente que fica tirando foto sua no celular sem pedir permissão...” (p. 93). Nessa época, Rita já estava iniciando o seu afastamento dos palcos, morando em uma casa afastada de São Paulo e saindo dela somente para fazer os shows.

Como já foi visto ao longo desta monografia, os perfis possibilitam uma liberdade maior de criação com relação ao texto. No caso desta matéria, é visível uma forte presença de opiniões com relação à cantora, manifestadas pelo narrador, pelos seus entrevistados e até mesmo pela personagem principal. Como, por exemplo, quando Preto arrisca que Rita é amada por todo mundo, com o que Rita discorda, alegando ser, desde sempre, *persona non grata*. Tom Zé também contribui com esse elemento subjetivo do texto, em que considera o disco de estreia de Rita e Roberto, o *Rita Lee* (1979), um “marco da sexualidade brasileira” (p. 90).

O enredo deste longo perfil traça um tipo de trajetória já vista nesta monografia, que é a que começa com um relato e descrição do momento presente, fazendo um apanhado da trajetória artística e pessoal da cantora, passando pela personalidade de Rita e terminando, novamente, com o contexto do momento em que a artista se encontra. Neste texto, é mostrada uma Rita Lee avó, reservada (mas sem parar de compor e fazer shows) e feliz. Mas ela alerta, no final do último e-mail mandado a Marcus Preto: “Se a gente ficar satisfeita, é melhor morrer, né não?” (p. 93). O narrador repórter, novamente se colocando também como personagem, justifica o porquê da escolha desse final, levando em conta as suas próprias impressões e vivências pessoais:

Pelo simples fato de sentir nele que o filme que correu no fundo da minha cabeça enquanto olhava o perfil da ruiva no ensaio ainda não está completo. E pode nos render mais trilha sonora para novos porres homéricos, paixões frustradas, crises de choro, amores históricos e tantas outras cenas espetaculares (PRETO, 2007, p. 93).

Com esse trecho, além de notarmos novamente a tentativa do jornalista de se aproximar do público, podemos observar também que ele emprega durante o texto, muitas vezes, o uso da primeira pessoa, escrevendo com o pronome “eu”. Apesar disso, a linguagem predominante nele está mais próxima da formal, visto que nota-se o uso rigoroso das regras gramaticais e não se nota alguma presença de gírias. Até mesmo por isso, podemos concluir que esse perfil é destinado à população em geral, apesar da *Rolling Stone* ser, teoricamente, direcionada ao público jovem.

A seguir, nas considerações finais, cruzaremos os resultados obtidos com a análise de cada perfil para verificarmos suas semelhanças e diferenças, bem como a evolução da personagem Rita Lee e de sua trajetória artística à luz da teoria da narrativa e dos estudos de personagens e perfis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *tique-taque* do relógio de Frank Kermode pode até durar um segundo, mas o de Rita Lee, aqui neste trabalho, durou mais de quatro décadas. Retomando a ideia de que estudamos as narrativas para compreender os outros e a nós mesmos, entender como se dão as representações do mundo e do tempo e para melhor contar as histórias (MOTTA, 2013), observamos que a narrativa sobre a cantora, construída aqui a partir de perfis jornalísticos publicados entre os anos de 1971 e 2007, se deu através de um ordenamento das experiências de Rita de uma maneira humanizada e desmistificada.

Sob a tese de que a narrativa constrói sentidos a fim de buscar significados (MOTTA, 2013), podemos analisar a evolução da trajetória artística de Rita por meio do conjunto dos perfis como um todo, levando em conta a ordem linear de enredo início-meio-fim. No perfil publicado na revista Fatos e Fotos, a cantora estava inserida no contexto em que sua então banda, Os Mutantes, estava no auge do sucesso e ela estava em evidência. Já no texto da revista Nova, Rita também está no seu apogeu artístico, mas dessa vez em carreira solo. Em *Rita Lee trabalha em paz*, vê-se que a artista já tinha ganhado o título de rainha do rock brasileiro. Por fim, no perfil publicado na Rolling Stone, Rita aparece quase como uma entidade: como uma artista com décadas de sucesso e com um lugar marcado na história da música brasileira.

No que diz respeito à vida pessoal de Rita Lee, também podemos observar a ordem linear de acontecimentos. No perfil de 1971, podemos destacar que a artista ainda morava com a família e namorava o colega de banda Arnaldo Baptista. Em *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa*, a cantora estava casada com outra pessoa (Roberto de Carvalho) e com um filho pequeno. No texto do Jornal do Brasil, Rita havia perdido a família, tinha se tornado mãe de mais dois meninos e estava sóbria. E na última matéria, Rita Lee estava afastada da cidade grande, continuava casada e havia se tornado avó. Assim, podemos concluir que o enredo geral sobre a artista, considerando os perfis como um todo, seguiu uma lógica de crescente ascensão, sem haver necessariamente um declínio.

Com relação às características básicas de um perfil, todos os textos analisados contaram com uma boa imersão do repórter no universo de Rita Lee. O de menor engajamento é o *Rita Lee trabalha em paz*. Isso pode ser justificado devido ao veículo que produziu a matéria - o Jornal do Brasil - ser um jornal diário e, portanto, obedecer a uma lógica de mercado mais instantânea e abrangente. Podemos associar esse fato com a questão da tensa disputa pelo poder de voz, citado

por Motta (2013) anteriormente neste trabalho, que ocorre entre os vários narradores da história, sendo um deles o próprio veículo de comunicação. Também podemos concluir que o perfil que apresenta maior imersão do repórter no mundo da entrevistada é o “*Não nasci para casar e lavar cuecas*”, revela Rita Lee, publicado na Rolling Stone, pois além da entrevista ter ocorrido através de diversas trocas de mensagens e em vários ambientes, o fato de que a revista era publicada mensalmente favoreceu uma disponibilidade maior para tal e, conseqüentemente, para uma caracterização mais densa da personagem.

O nível de imersão dos jornalistas, no caso do material analisado neste trabalho, foi diretamente proporcional ao grau de aproximação com o tema principal transmitido nas matérias. Ou seja, quanto maior o engajamento dos narradores principais na pauta, maior foi a sensação de aproximação do leitor com o universo de Rita.

Vimos neste trabalho que, para Vilas Boas (2003), outro elemento fundamental de um perfil é a lembrança. Nesse quesito, todos os textos as evocam de alguma forma, e as memórias que mais predominam nos textos são a origem familiar de Rita e o episódio de sua prisão domiciliar quando estava grávida. Os primeiro e o último perfil destoam novamente dos demais; o de 1971 não apresenta tantas lembranças da cantora, já que na época ela estava começando a ficar conhecida e, por isso, não haveria interesse do narrador principal e do público em conhecer o seu passado mais a fundo. Já no de 2007, há uma robusta reconstituição biográfica de Rita, que se deu pelas falas da personagem principal, depoimentos (lembranças) de pessoas que conviveram e conviviam com ela na época em que o perfil foi escrito.

Com relação à presença de elementos factuais nos textos, podemos concluir que todos os perfis trazem novidades do contexto atual de Rita ao leitor, mas a matéria que mais apresenta informações noticiosas é o *Rita Lee trabalha em paz*, do Jornal do Brasil.

Também vimos neste trabalho a questão da personagem como máscara, conceito trazido por Silva (2010) e como mimese, utilizado por Platão e Aristóteles (apud MOTTA, 2013). Com relação à construção da personagem Rita Lee nos perfis, nota-se que, à luz das definições de E. M. Forster (1927), a cantora foi retratada como personagem-tipo e personagem-indivíduo - ou seja, em alguns textos, como em *Rita a garôta Lee* e *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa*, a artista é definida como uma pessoa comum quando longe dos holofotes; já nos de 1990 e 2007, pode-se considerar que Rita foi vista pelos narradores como uma personagem mais complexificada. Apesar desses rótulos - que, segundo o “projeto original” de Sartre, visam tentar definir o sentido

da vida da personagem para melhor compreensão do público (apud CASADEI, 2007, p. 78) -, na verdade Rita, assim como toda personagem factual, é plural. E mesmo assim, ela ainda apresenta lacunas - os morfemas vazios de Philippe Hamon - a serem preenchidas e desenvolvidas.

Com relação ao desenvolvimento da personagem Rita Lee, considerando o conjunto de perfis, nota-se, desde o início, um crescente amadurecimento profissional da artista, até a matéria de 2007, em que Rita novamente trata com ironia o seu potencial para a música. No texto da revista Fatos e Fotos, a cantora não se considera uma musicista; no perfil seguinte, o de 1978, ela já se enxerga como uma artista talentosa, apesar de acreditar que ainda não estava fazendo sucesso o suficiente; e em “*Não nasci para casar e lavar cuecas*”, revela Rita Lee, a artista volta a se achar aquém musicalmente.

Considerando o crescimento pessoal de Rita, é possível observar que, ao longo do período estudado, ela passou por várias mudanças de preferências e comportamentos. Porém, alguns traços permaneceram, como, por exemplo, seu gosto pela astrologia e pela criação de personagens.

Também podemos destacar o modo como a mídia impressa lidou com o fato de Rita ser uma mulher fazendo parte do cenário do rock nacional. Principalmente nos dois primeiros perfis, a cantora foi tratada de maneira objetificada, com sua aparência importando mais para os jornalistas do que seu talento musical. Somente no perfil produzido pela Rolling Stone que Rita Lee é perguntada sobre suas produções e seus processos criativos. Também se percebe, nos quatro perfis, um certo enaltecimento da perfilada pelos narradores-repórteres, fazendo com que a imagem da artista fosse reproduzida de forma superlativa e apaixonada.

Em todos os perfis, há a presença de outros personagens além de Rita. Porém, uma figura tem extrema importância nos perfis da *Nova*, do *Jornal do Brasil* e da *Rolling Stone*: Roberto de Carvalho. Ele sempre aparece como personagem secundário - ainda que em *Rita Lee: sexy, debochada, corajosa* ele seja ativo, ou seja, participa da entrevista -, mas essa predominância e constância mostra que, mesmo como figurante, as vidas de Roberto e Rita são indissociáveis. Nesse sentido, o texto *Rita, a garôta Lee* destoa totalmente, pois nele, além da cantora estar namorando Arnaldo Baptista, a relação dos dois não é colocada na matéria com tanta importância.

Assim, podemos concluir que Rita Lee foi retratada pela imprensa brasileira como uma artista que conseguiu se destacar já no início da carreira musical - menos pelo seu talento do que pela representação de sua imagem e de sua personalidade forte - e que, com o passar do tempo e alguns desafios, foi conquistando sucesso em uma crescente sem fim, provando que tinha poten-

cial para cantar, compor e fazer tudo que queria fazer. Rita Lee Jones pode até ter contado com a ajuda de outros personagens para uma trajetória bem-sucedida, mas é somente dela o mérito de quebrar padrões e revolucionar a narrativa da música brasileira.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luis Felipe Silveira de. **Escrever a vida**: potências de biografema no perfil jornalístico. 2015. Trabalho de conclusão (bacharelado em Comunicação Social - hab. Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125981/000971973.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

ALVES, Vanessa Röpke. **A mulher nas músicas de Rita Lee em telenovelas**. 2013. Trabalho de conclusão (bacharelado em Jornalismo). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5366/1/2013_VanessaR%C3%B6pkeAlves.pdf. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

A voz feminina do rock nacional – 55 anos de carreira de Rita Lee. Porto Alegre: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 6 de ago. de 2018. Duração 14min. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudioderadio/>. Acesso em 25 de nov. de 2018.

BERNARDES, Aline Dias. **Um narrador apaixonado**: a construção narrativa da personagem Carmen Miranda na biografia *Carmen*, de Ruy Castro. 2015. Trabalho de conclusão (bacharelado em Comunicação Social - hab. Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125951/000971832.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

CANDIDO, Antonio. A personagem de romance. In: _____ et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80.

CASADEI, Eliza Bacheга. A construção de personagens no jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredos. **Ciberlegenda**. Niterói, n. 22, p. 77-91, 2010. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/38/26>. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

CULLER, Jonathan. Narrativa. In: _____. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

DUCLÓS, Nei. Rita Lee: sexy, debochada, corajosa. **Nova**, São Paulo, n. 55, abril de 1978.

FERNANDES. Eugenia. Rita, a garôta Lee. **Fatos e Fotos**, São Paulo, n. 538, 27 de maio de 1971.

GOHL, Jefferson William. **Esse tal de roque enrow! A trajetória de Rita Lee de outsider ao mainstream (1967-1985)**. 2014. Tese (doutorado em História) - Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17182/1/2014_JeffersonWilliamGohl.pdf. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2004.

LEE, Rita. *Uma autobiografia*. São Paulo: Globo, 2017.

LEE, Rita. Arquivo N. Globo News. 2009. Programa de TV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eujQjsFDtg> <<http://www.youtube.com/watch?v=EXLb4SLvLEg>> <<http://www.youtube.com/watch?v=X3qJviN7eZE>>. Acesso em: 24 de nov. de 2018.

MARIA, Cleusa. Rita Lee trabalha em paz. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 de jun. 1990, Caderno B, p. 32. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=rita%20lee. Acesso em 25 de nov. de 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: editora da UnB, 2013.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-166

_____. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: Representação, apresentação ou experimentação da realidade? In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: editora Insular, 2012.

PRETO, Marcus. “Não nasci para casar e lavar cuecas”, revela Rita Lee. **Rolling Stone**, São Paulo, n. 15, p. 86-93, dez. 2007. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/nao-nasci-para-casar-e-lavar-cuecas-revela-rita-lee>. Acesso em: 25 de nov. de 2018.

SAMORA, Guilherme. Rita Lee: "Mostrar a bunda é normal. Envelhecer é que é tabu". **Marie Claire**, São Paulo, 2 de abr. De 2013. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2013/04/rita-lee-mostrar-bunda-e-normal-envelhecer-e-que-e-tabu.html>. Acesso em 25 de nov. de 2018.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 403-412, jul. a dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Okky de. **A aclamação da rainha**. In: Veja, São Paulo, n. 766, maio 1983.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

7. ANEXOS

Anexo 1 - Reportagem *Rita, a garôta Lee*, publicada na revista Fatos e Fotos (1971).

Rita, a garôta Lee

Musicalmente ela é um tremendo engano. Como gente é uma marca registrada. Gozando e comunicando, ela é um happening na vida atribulada dos Mutantes e um pouco daquilo que todo jovem quer ser

Reportagem de EUGENIA FERNANDES • Fotos de CLAUS MEYER

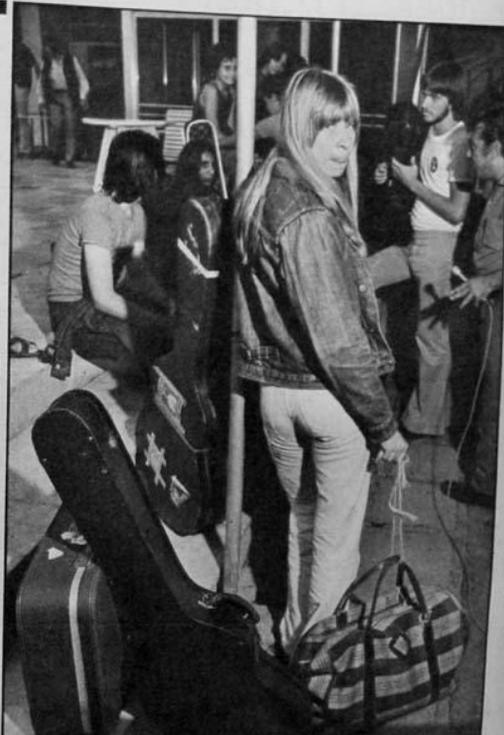
Quem quiser conhecer a Rita que vire mutante também. Foi o que fiz. Arrumei as malas e saí atrás. A vida rocambolesca desta garôta Lee — produto misto de Charinha e Shirley MacLaine — está aqui, tôda contida, em 24 horas muito ligadas. As vésperas da estréia de seu musical shakespeariano e entre uma e outra gravação do Som Livre, ela é quem diz: "A gente se diverte muito no meio disto tudo."

Rita, em que dia você vai estar onde?

— "O, vem na quinta-feira que eu estou ensaiando no Rute Escobar, a tarde inteira."

Fois é, estaria. Acontece que justamente naquela quinta-feira ela e os meninos — Sérgio e Arnaldo — acordaram cuspindo uma de velocidade e registraram de estalo comprar uma fórmula. Se mandaram. E levaram nisso o tempo de ensaio, a paciência do diretor inglês e a boa vontade do elenco. Mas afinal não era um negócio como os outros. Conseguiram a máquina de 13 milhões, por 4 milhões. Tôda equipada, manuseável, pronta para correr no circuito de Araraquara, num dos próximos fins de semana.

Na pista, é bem possível que ela chegue em primeiro lugar, mas a fama dos Dois Cavaleiros de Velocidade jamais sairá na data prevista. Entretanto, o entusiasmo de Rita não é o mesmo quando se refere ao seu hobby: a moto. Vibra em dobro.





Rita é isto. Calça Lee, jaqueta de segunda mão e uma sacola muito viajada, puxada pela cordinha. Quando canta, sua voz frágil não tem grande importância. O que funciona é a imagem, sem retoques, do franjão louro e do nariz sardento. Seu sorriso aberto, entre Os Mutantes — Arnaldo, Sérgio, Luis e Liminha —, é a mola mestra do sucesso à parte que ela às vezes contraria para poder viver.

51

As nove canções de Shakespeare, musicadas nesta peça por Arnaldo (arranjador do conjunto), são tão importantes quanto um escape envenenado; e os novos rumos da música pop brasileira são tão atraentes quanto rodar milhares de quilômetros. Se não fosse este ensaio, seria um espetáculo de TV, um show no interior, uma gravação no Rio, uma entrevista na rua, um compromisso qualquer e a moto ficaria para depois, depois e depois. Fico com a impressão de que, aos 23 anos, Rita tem mesmo que escapular para viver.

Rita, espere por você a tarde toda, que foi que houve?

— "E, foi **cano** mesmo. Mas amanhã vou pro Rio, no sábado temos um show em Lorena e no domingo estou de volta."

Enquanto os Mutantes encaixotam as guitarras, eu refaço as malas, e embarcamos juntos na primeira ponte aérea. Como bons ciganos, de tanto ir e vir, os Mutantes onde se acomodam montam um lar. Na poltrona B6, Rita está em casa. Calça Lee branca, jaqueta blue-jean, tamancos de frigorífico (descoberta sua, em Pôrto Alegre) e bolsa a tiracolo do Service National des Chemins de Fer (roubada durante o cochilo de um chefe de estação, em Paris), nela não fazem gênero, são o óbvio. Arnaldo, namorado de ginásio e companheiro de música, adormecido na poltrona em frente, não lhe estende as mãos, mas os pés; Rita, a nome-rada pop, acaricia.

Uma coisa é certa, ela diz o que pensa

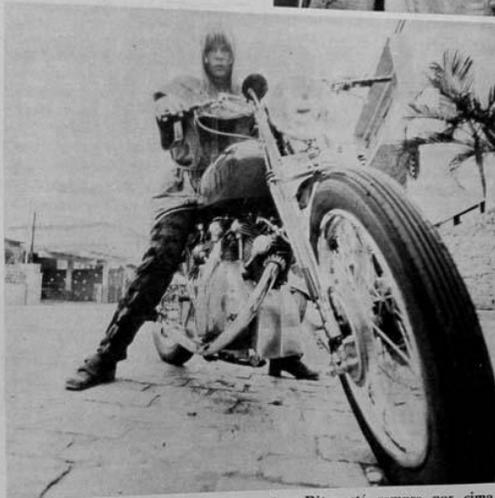
— "Assim não dá — ela começa. Está tudo muito desorganizado. As passagens vêm em cima da hora e a gente nem sabe onde vai ser o programa. Parece que é no clube Sirio e Libanês, sei lá." Ela tem bronca séria com as gravações do **Som Livre Exportação**, tôdas as semanas em externas.

— "Com essa de ser diferente a qualidade de som é uma droga, não se escuta nada." Mas a verdade é que o Som Livre está trazendo de volta a imagem unificada dos Mutantes, depois de uma fase de separação, meio beatleniana, em versão **happy end**. Agora, juntos, com mais dois, somando cinco, o conjunto vai dar um recado diferente. **Top Top** nas paradas é um exemplo.

Quem vê a Rita assim, nessa rotação acelerada, pensa que vai conversar com uma **vedetinha** histérica e temperamental. Mas a imagem da menina do chicle de bola na bolsa, da bolinha na bolsa e do uisquinho no copo não tem nada a ver. Ritinha está em outra.

— "Este negócio de garôta pra frente já ficou pra trás — diz ela. Nunca foi isso não. As pessoas ficam pensando que sou muito avançada e quando a gente vai fazer

Rita e Chacrinha foram os primeiros a descobrir o nôvo poder do ridículo



Se a onda do momento são as motos, Rita está sempre por cima.

show em cidade do interior acontece até uns mal-entendidos." Eu também tinha esta impressão, mas Rita ao vivo é muito menos que o mito.

Sempre pensei, por exemplo, que ela era a bamba do som. Talvez, pela marca de suas aparições individuais no **show-mod** **Build-Up**, da Rhodia, e no júri do último Festival Internacional da Canção, achei que a moça inspirava aquele respeito.

— "Ô, eu engano todos os instrumentos — diz ela para destruir. Nunca estudei música. Engano na flauta, no pandeiro, na guitarra e no teremi."

Teremi? Nunca ouvi falar. — "É um instrumento eletrônico inventado por um alemão e construído aqui (ou lá, voando é difícil saber) em São Paulo, pelo Cláudio, irmão mais velho dos meninos. Tem uma espécie de antena. Tem uma aproximação da mão ele vai com a aproximação dos sons." É fato. Quem tiver a gravação de **Caminhante Noturno** pode identificar o seu som: onde entrar uma onda de zu-

nido, é éle, o teremi. A essa altura me volta uma das primeiras lembranças que tenho de Rita Lee, na apresentação de **Ando Meio Desligado**, tocando minicassete para uma multidão. Na verdade, Ritinha continua a mesma. Gozadora e livre.

Sua presença nos Mutantes, menos que um valor artístico tradicional, de bom ouvido e boa voz, é uma maneira de ser. Suas roupas alucinadas têm uma mensagem. De noiva, de odalisca, de fada ou de **hippie**, não importa. — "é onda". Enquanto os críticos mais severos queimam pestanas e fundem os lps, tentando uma explicação, Rita resume tudo numa filosofia irrevolvente.

— "A gente se diverte muito no meio disto tudo." O resto é resto.

Ser paulista é bom; mas americana é melhor

Neste contexto é quase dispensável dizer que Rita, aos 19 anos, fez um vestibular para a faculdade de Comunicações, na USP, e pas-

sou. Se o sucesso não atravessa seu caminho e Rita continua o curso, ia **dar banho** nos catadráticos. Em aulas práticas, particulares, ninguém a supera. Mesmo fora do palco.

— "Na minha família sempre fui fora de série — diz ela. Tenho mais duas irmãs e nenhuma delas gosta de música." Tanto é que na Vila Mariana, no casarão do velho Lee, tetrateto do general americano, nunca houve ensaios.

— "Nos reunimos sempre na casa de amigos ou então na casa dos meninos inventando nossas músicas. As vezes apareço lá no **Carola**, um barzinho fechado ali da 13 de Maio. A gente vai entrando e se quiser pode tocar. Se não quiser também não precisa. É ponto de pessoal de teatro." Até aí, nada. Mas quando — "só pra curtir" —, Rita apronta com seu **jeep** amarelo e corta o centro da cidade, pela madrugada, é para ninguém botar defeito. E muita gente já comenta: são coisas da Rita.

Fotografar aranhas e lagartixas com sua câmara **Pentax** é mais uma das coisas de Rita. Brincar com uma jaguatirica (da família das onças) doméstica — a **Guna Lee** — é outra. Treinar caratê em academia de japonês, também. E cantar, evidentemente. No mais, é gostar de São Paulo — "cidade mesmo tá aí" — e levar a mágoa de não ser americana — "musicalmente eu teria muito mais chances." Mas quem nasceu Rita Lee sabe fazer da fossa um festival.

Vida comunitária sob teto de vidro

— "Preocupação de ganhar dinheiro não tenho muita. Pra gostar de música é preciso ter a cabeça muito limpa. Comercialização não dá. Se a gente quisesse podia ganhar muito mais." Fico imaginando se ela ganhasse tudo que tem e mais o que deixou de ganhar. Com cuca e dinheiro, o mínimo que estes três mutantes construiriam seria uma segunda Alfa-Centaurio. Por enquanto, como na história dos três porquinhos, eles estão construindo três casas na serra da Cantareira.

— "Elas ficam no mesmo terreno, mas uma afastada da outra. Têm telhados de vidro. Vou fazer lá um estúdio, inclusive para gravações. A idéia surgiu por causa da cortiço de família. Ela explica, da cortiço de família. Ela explica, "A gente ensaia na casa dos meninos, não tem problema, mas sempre atrapalha um pouco. Depois, é chato eu ficar chegando em casa, todo dia, às 4 horas da manhã. Lá vai ser como um abrigo atômico. Quando a bomba estourar a gente não morre."

Meio quatrocentona, meio **hippie**, Rita é na verdade uma tremenda simpatia. Se ela não é exatamente o mito da garôta 2001, azar. Ela é, e fica sendo, Rita — a garôta Lee. △

RITA, A GARÔTA LEE

Musicalmente ela é um tremendo engano. Como gente é uma marca registrada. Gozando e comunicando, ela é uma happening na vida atribulada dos Mutantes e um pouco naquilo que todo jovem quer ser

Reportagem: Eugenia Fernandes | Fotos de Claus Meyer

Quem quiser conhecer a Rita que vire mutante também. Foi o que fiz. Arrumei as malas e saí atrás. A vida rocambolesca desta garota Lee – produto misto de Chacrinha e Shirley MacLaine – está aqui, toda contida, em 24 horas muito ligadas. Às vésperas da estréia do seu musical shakespeariano e entre uma e outra gravação do Som Livre, ela é quem diz: “A gente se diverte muito no meio disso tudo.”

Rita, em que dia você vai estar onde?

–“Ó, vem na quinta-feira que eu estou ensaiando no Rute Escobar, a tarde inteira.”

Pois é, estaria. Acontece que justamente naquela quinta-feira ela e os meninos - Sérgio e Arnaldo – acordaram curtindo uma de velocidade e resolveram de estalo comprar uma moto de fórmula. Se mandaram. E levaram nisso o tempo de ensaio, a paciência do diretor inglês e a boa vontade do elenco. Más afinal não era um negócio como os outros. Conseguiram a máquina de 13 milhões, por 4, no trambique. Toda equipada, macetada, pronta para correr no circuito de Araraquara, num dos próximos fins de semana.

Na pista, é bem possível que ela chegue em primeiro lugar, mas a estréia dos Dois Cavaleiros de Verona jamais sairá da data prevista. No entanto, o entusiasmo de Rita é o mesmo quando se refere ao teatro ou a moto. Vibra em dobro.

As nove canções de Shakespeare, musicadas nesta peça por Arnaldo (arranjador do conjunto), são tão importantes quanto um escape envenenador; e os novos rumos da música pop brasileira são tão atraentes quanto rodar milhares de quilômetros. Se não fosse este ensaio, seria um espetáculo de TV, um show no interior, uma gravação no Rio, uma entrevista na rua, um compromisso qualquer e a moto ficaria pra depois, depois e depois. Fico com a impressão de que, aos 23 anos, Rita tem mesmo que escapulir para viver.

Rita, esperei por você a tarde toda, que foi que houve?

- É, foi cano mesmo. Mas amanhã vou pro Rio, no sábado temos show em Lorena e no Domingo estou de volta.”

Enquanto Os Mutantes encaixotam as guitarras, eu refaço as malas, e embarcamos juntos na primeira ponte aérea. Como bons ciganos, de tanto ir e vir, os Mutantes onde se acomodam montam um lar. Na poltrona B6, Rita está em casa. Calça Lee branca, Jaqueta blue-jeans, tamanhos de frigorífico (descoberta sua em Porto Alegre) e bolsa a tiracolo do Service National Des Chemins de Fer (roubada durante o cochilo de um chefe de estação em Paris), nela não fazem gênero, são o óbvio. Arnaldo, namorado de ginásio e companheiro de música, adormecido na poltrona em frente, não lhe estende as mãos, mas os pés; Rita, a namorada pop, acaricia.

Uma coisa é certa, ela diz o que pensa

- “Assim não dá – ela começa. Está tudo muito desorganizado. As passagens vêm em cima da hora e a gente nem sabe onde vai ser o programa. Parece que é no clube Sírio e Libanês, sei lá.” Ela tem bronca séria com as gravações do Som Livre Exportação, todas as semanas em externas.

- “Com essa de ser diferente a qualidade de som é uma droga, não se escuta nada.” Mas a verdade é que a Som Livre está trazendo de volta a imagem unificada dos Mutantes, depois de uma fase de separação, meio beatleniana, versão happy end. Agora juntos, com mais dois, somando cinco, o conjunto vai dar um recado diferente. Top Top nas paradas é um exemplo.

Quem vê a Rita assim, nessa rotação acelerada, pensa que vai conversar com uma vedetinha histórica e temperamental. Mas a imagem da menina do chiclete de bola na boca, da bolinha na bolsa e do uisquinho no copo não tem nada a ver. Ritinha está em outra. – Esse negócio de garota pra frente já ficou pra trás – Diz ela. Nunca fui isso não. As pessoas ficam pensando que sou muito avançada e quando a gente vai fazer show em cidade do interior acontece até uns mal-entendidos.” Eu também tinha esta impressão, mas Rita ao vivo é muito menos que um mito.

Sempre pensei, por exemplo que ela era a bamba do som. Talvez, pela marca de suas aparições individuais no show-moda Build-Up, da Rhodia, e no júri do último Festival Internacional da Canção, achei que a moça inspirava aquele respeito.

- “Ô, eu engano todos os instrumentos - diz ela para destruir. Nunca estudei música. Engano na flauta, no pandeiro, na guitarra e no teremi.”

Teremi? Nunca ouvir falar.

– “É um instrumento eletrônico inventado por um alemão e construído aqui (ou lá, voando é difícil saber) em São Paulo, pelo Cláudio, irmão mais velho dos meninos. Tem uma espécie de antena com a aproximação da mão ele vai modulando os sons.” É fato. Quem tiver a gravação de Caminhante Noturno pode identificar o seu som; onde entrar uma onda de zunido, é ele, o teremi. A essa altura me volta uma das primeiras lembranças que tenho de Rita Lee, na apresentação de Ando Meio Desligado, tocando minicassete para uma multidão. Na verdade Ritinha continua a mesma. Gozadora e livre.

Sua presença nos Mutantes, menos que um valor artístico tradicional, de bom ouvido e boa voz, é uma maneira de ser. Suas roupas alucinadas tem uma mensagem. De noiva, de odalisca, de fada ou de hippie, não importa: - “é onda”. Enquanto os críticos mais severos queimam pestanas e fundem os lps, tentando uma explicação. Rita resume tudo numa filosofia irreverente:

- “A gente se diverte muito no meio disso tudo.” O resto é resto.

Ser paulista é bom; mas americana é melhor

Neste contexto é quase dispensável dizer que Rita, aos 19 anos, fez um vestibular para a faculdade de Comunicação na USP, e passou. Se o sucesso não atravessa o seu caminho e Rita continua o curso, ia dar banho nos catedráticos. Em aulas práticas, particulares ninguém a supera. Mesmo fora do palco.

- “Na minha família sempre fui fora de série – diz ela. Tenho mais duas irmãs e nenhuma delas gosta de música.” Tanto é que no Vila Mariana, no casarão do velho Lee tetraneto do general americano, nunca houve ensaios.

- “Nos reunimos sempre na casa de amigos ou então na casa dos meninos inventando nossas músicas. Às vezes apareço lá no Carola, um barzinho fechado ali na 13 de Maio. A gente vai entrando e se quiser pode tocar. Se não quiser também não precisa. É ponto de pessoal de teatro.” Até ai, nada. Mas quando – “só pra curtir” -, Rita apronta com seu Jeep amarelo e corta o centro da cidade, pela madrugada, é pra ninguém botar defeito. E muita gente já comenta: são coisas da Rita.

Fotografar aranhas e lagartixas com sua câmera Pentax é mais uma das coisas de Rita. Brincar com uma jaguatirica (da família das onças) doméstica – a Guna Lee – é outra. Treinar caratê em academia de japonês, também. E cantar evidentemente. No mais é gostar de São Paulo

– “cidade mesmo tá aí” – e levar a mágoa de não ser americana – musicalmente eu teria muito mais chances.” Mas quem nasceu Rita Lee sabe fazer da fossa um festival.

Vida comunitária sob teto de vidro

- “Preocupação de ganhar dinheiro não tenho muita. Pra gostar de música é preciso ter a cabeça muito limpa. Comercialização não dá. Se a gente quisesse podia ganhar muito mais.” Fico imaginando se ela ganhasse tudo que tem e mais o que deixou de ganhar. Com cuca e dinheiro, o mínimo que esses três Mutantes construiriam seria uma segunda Alfa-Centauro. Por enquanto, como na história dos três porquinhos, eles estão construindo três casas na serra da Cantareira.

- “Elas ficam no mesmo terreno, mas uma afastada da outra. Tem telhados de vidro. Vou fazer lá um estúdio, inclusive para gravações. A idéia surgiu por causa da curtição de família. Ela explica. “A gente ensaia na casa dos meninos, não tem problema, mas sempre atrapalha um pouco. Depois é chato eu ficar chegando em casa todo dia às 4 horas da manhã. Lá vai ser como um abrigo atômico. Quando a bomba estoura a gente não morre.”

Meio quatrocentona meio hippie, Rita é na verdade uma tremenda simpatia. Se ela não é exatamente o mito da garota 2001, azar. Ela é, e fica sendo, Rita – a garota Lee.

Anexo 2 - Reportagem Rita Lee: sexy, debochada, corajosa, publicada na revista Nova (1978).

Rita Lee

Sexy, debochada, corajosa

Como será Rita Lee quando os refletores se apagam, ela desce do palco, tira a maquiagem, deixa de lado suas roupas cheias de brilho e vai para casa?

Nei Dúclôs

□ Ela está com a mais surtiguete crônica (sem deste mundo, combinada — ou descombinada? — com uma bela voz. Acreditem: chinelinhos com uns efeitos folguéis, como aqueles das roupas avós, estão nos seus pés. Nem sombras de ríscos pretos em torno dos olhos, nem sombras de camadas e camadas de batom nos lábios. Fungo feito um galincho cascado, frassindo bem o nariz, quando percebe que esse tipo de graça faz seu filho de 1 ano muito feliz. Um único e próximo sinal de que tenho à minha frente a figura da rainha do rock deste país — aquela mulher que compôs uma das mais conhecidas músicas do momento, a divertida Peripás, onde afirma: "Sei que eu sou bonita e gostosa" — está nas meias que ela usa, umas meias amarelas engraçadas, estampadas, "muito loucas", detalhe que a gente espera encontrar, ou acha que combina a perfeição com Rita Lee.

Ela é alta, muito magra, tem a pele branca e olhos bem azuis. Os dentes são um pouco irregulares, e seus cabelos têm exatamente aquela densa cor de fogo que a televisão nos revela. Mas todo o resto que a televisão e seus shows ao vivo costumam mostrar — uma Rita Lee oulada, agressiva, extravagante, irreverente, debochada e sexy — não está ali, sobre o tapete macio, rodando em torno de Beto, o filho, fazendo caretas. Seus 30 anos, que parecem bem menos, não conseguem tirar dela o ar de garota travessa. Fico pensando se é possível, pelo menos, dizer que ela é, como em sua música, "bonita e gostosa". Bem, bonita, naquele conceito clássico de beleza, que exige traços bem delineados, olhos de cor rara, boca que pareça ter sido traçada a cinzel. Rita Lee não é "Gostosa", depende do que se considera como tal — para quem acha que essa definição se encaixa perfeitamente em Fátima de Belém, e seus tantos atributos,

por exemplo, também não é coisa que se diga de Rita Lee.

Mas não se pode negar: nada melhor do que descrever Rita afirmando que ela é bonita e gostosa. Ela é isso de um jeito novo, pelo seu à vontade, pela alegria que cria à sua volta, pela festa que inventa, como ela diz. Sendo mais claro: ela gosta de *ela mesma*, ela se sente bonita e gostosa e não deixa de nos contagiar por completo.

Seus cabelos estão presos por grampos, mas a cada minuto ela os solta e torna a prender. É meio elétrica, gesticula sem parar, anda pelo apartamento. É engraçada. Me pediu um cigarro, logo no começo da nossa conversa — o seu, sempre Hollywood, havia acabado. Mais tarde pediria outro, mas então preferiu fazer a sua cenazinha; pôs as mãos para trás, os pés um pouco para dentro, como uma menina emvergonhada, secou os ombros e torceu um pouco a cabeça de lado: "Você poderia me dar mais um cigarro?". Diz que faz isso não para provocar riso, o que fatalmente acaba por conseguir, mas por timidez. "Fica mais fácil eu fingir que sou tímida, sendo mesmo tímida, do que ficar tentando bancar a impetuosa, a valente."

Essas impressões todas vão surgindo enquanto vamos tentando traçar uma conversa mais consistente. Ela mesma diz: "Você já notou que eu não consigo falar da mesma coisa por muito tempo, que eu mudo de papo a toda hora?" Claro, quem não notaria? Assim como logo peto as esperanças de ouvir respostas distintas. Tudo sempre começa com uma "não sei", "acho que não". Mas ela supera os seus pequenos silêncios, e começa a falar. Admiração, por exemplo, ela tem pelos Beatles, claro. Quando o conjunto se desfaz, ela adotou os Rolling Stones, patão que dura até hoje — os Stones, aliás, estão em dois posters gigantes nas paredes da sala de seu apartamento. Mas tem mais na sua lista de preferências: Dolores Duran. Para Rita, Dolores foi uma pessoa incrível: "Ela sempre me impressionou porque era uma mulher que compunha e cantava". Um certo sabor de feminismo nas suas palavras? Sim, pode ser. Certa vez, Rita já declarou que achou os movimentos feministas "uma grande confusão, uma espécie de clube da Luluzinha, onde homem não entra, muito pretensioso". Mas acredita na "emancipação feminina" no trabalho.

E depois tem essa história de querer transformar o mundo. Sim, isso é necessário. É preciso romper essa espécie de seriedade oficial que parece aprisionar as pessoas. Mas que ninguém espere ver Rita Lee, um dia, no meio da rua, numa passeata seja lá por que for. "Não acho que isso mudará alguma coisa. Acredito que aquilo é muito mais às pessoas com o seu trabalho." Ela já cansou de ouvir também, que deveria se aproximar mais dos "medalhões" da música popular brasileira, juntar o seu jeito debochado de ver o mundo com as coisas desse pessoal e ver no que dá. Ah!, ela não fará isso. Por quê? Ela pensa um momento, põe a mão no peito, ri e diz: "Porque, afinal, é



contas, era sou uma garota, irã!”

Mas ela sabe que, apesar de dar essa impressão, não é mais uma garota. E, embora ainda não tenha se acostumado com seus 30 anos, lembra-se de coisas que a fizeram amadurecer. Sua prisão, por exemplo. Foi em 1976. Rita estava separada de seu primeiro marido, Arnaldo, um dos integrantes do conjunto musical Os Mutantes, com o qual ela começou sua carreira artística, doze anos atrás, e morava com a empresária num quem trabalhava na ocasião. Rita estava começando um caso de amor com um outro músico, Roberto, seu atual marido. Estava começando também uma gravidez. A vida andava animada. A casa onde Rita morava, em São Paulo, também. Era um lugar aberto, no sentido literal da palavra. Portas abertas para todos, a qualquer hora. Ninguém sabe de onde partiu a denúncia, sequer se houve denúncia, ou, enfim, o que aconteceu ao certo. O que Rita lembra com precisão é que um dia alguns policiais entraram porta adentro em busca de maconha, pó, ácido, drogas. O que houvesse. E encontraram um resto de cigarro de maconha num cinzeiro. No dia seguinte, os jornais contavam a história da prisão: as fotos mostravam Rita, meio abatida, o corpo já revelando o começo da gravidez. Será solta, não teve culpa, não fumou, é uma vítima, mas será que é, egrávida desse jeito — eram várias considerações que o noticiário ia alinhavando diariamente. Na verdade, Rita Lee ficaria presa durante trinta dias. Numa cela comum, com mais sete pessoas, num espaço onde se arrumariam apenas quatro. “Foi um tempo complicado, mas me ajudou muito. Tudo aquilo era uma coisa tão distante de mim, nunca pensei que passaria perto de uma prisão, e de repente lá estava eu. E eu pude ver quem são as pessoas que estão lá, todas tão parecidas com a gente”, ela comenta.

Afinal, veio uma espécie de liberdade vigiada, pôde ir para casa, mas tinha que cumprir horários, obedecer como que um toque de recolher: nada de andar por aí à noite. Exceções eram abertas aos seus shows, inevitavelmente realizados em horas “proibidas” pelo regulamento que tinha

de seguir. Afinal, veio a liberdade total, uma vez que não foi provada sua culpa no episódio todo.

Aí ela começou a viver a sua segunda fase de ser gente grande: esperar o filho nascer. Mas não se pense numa Rita Lee sisuda, aguardando quietamente em casa o fim da gravidez: lembro-me de uma apresentação dela na TV, nessa época, em que ela alisava ostensiva e marotamente a barriga, enquanto tentava um rebolado dos velhos tempos em que seu corpo era esguio. E então nasceu Roberto que, com o pai, hoje forma a dupla dos “dois Roberts, únicos amores da minha vida”. Beto, o bebê, dá lições diárias à Rita. Ela volta à infância, pensa novamente em valores como a importância da harmonia familiar. Beto se diverte ao seu lado. Quando Rita não está em casa, ou quando viaja, ele fica aos cuida-

Os pais de Rita acham que ela é comportada demais!

dos de uma babá e da própria família de Rita — seus pais moram a poucos quarteirões de seu apartamento, no bairro da Aclimação, em São Paulo. Mas quando Rita está por perto, Beto se atira em sua direção, ofega, quer folia.

E folia é a especialidade de Rita Lee. A qualquer hora, em qualquer circunstância. Pode ser que você já a tenha encontrado na rua e nem sequer tenha imaginado que era ela que caminhava ao seu lado. Porque, afinal, como suspeitar que aquela velhinha, toda arrumada à antiga, fosse Rita Lee? E como, meu Deus, Rita Lee pode ser uma velhinha? Porque esse é um dos muitos tipos que ela cria, e gosta tanto, e se diverte tanto, que sai por aí caracterizada. Há também a “Gina”, uma solteirona muito exibida e assanhada, segundo a descrição que Rita faz dela. “Gina gosta

de conviver com a juventude, comê pó e corre para o telefone cada vez que inventa uma música nova, só para avisar o Gilberto Gil”, conta Rita. Confesso que fiquei curioso para conhecer Gina.

Quando Roberto, o marido, aparece na sala, já passa do meio-dia — ele acabou de acordar. Rita falava justamente do romance dos dois. No começo, um não ligava para o outro. Rita havia gostado do arranjo que Roberto, então guitarrista do conjunto de Ney Matogrosso, tinha feito para a música *Bandido Coração*, que Rita compôs. “Mas, mesmo assim, cada um fazia pose para o seu lado”, ela lembra. A aproximação foi acontecendo devagarinho até que a dupla se formou, profissional e afetivamente. Roberto não é só o marido de Rita, é também seu empresário, o guitarrista de seu conjunto, parceiro de algumas músicas. Com 25 anos, uma carreira artística que a família queria que fosse feita na música clássica, ele é o oposto da mulher. Calmo, um jeito de falar muito sossegado. Beba Rita no rosto quando aparece e adverte, brincalhão: “Não fica inventando aí, não”. Rita logo avisa que tem novidade para ele, as revistas de semana inundadas com reportagens do carnaval carioca, mulheres seminuas, de braços abertos para a câmera, gente famosa que veio ver a festa toda. Rita já havia confessado que gosta de ir ao Rio de Janeiro “cutie o beautiful people”, ou seja, as pessoas da moda, os “badaláveis” e “badalados”. E foi o que fizeram, ele e Roberto, no último carnaval. Transformam-se em dois adolescentes quando contam suas peripécias. Procuraram falar com Rod Stewart, um dos iniciadores do movimento de música pop — “um snob, um chato de origem humilde, mas que acabou se convencendo com o próprio sucesso”. Viram Peter Frampton, também ídolo do mundo pop — “um bobão andava pra lá e pra cá, meio comêda, procurando não ver o que” (Roberto imita Frampton). E o Elton John, então? “Coitado”, diz Rita — “não sabia o que fazer quando aquelas mulheres deslumbradas se atiravam nos braços dele, gritando Elton Elton!” (é a vez de Rita imitar Elton John). E emenda: “Tudo, tudo comê

ira, tudo só pra fotógrafo fotografar e pôr na revista, tudo falso, uma alegria fingida”.

Muito diferente dela que, quando sobe num palco, faz caretas, borra o rosto em mil cores, se contorce, está sendo muito sincera. Está fazendo o que sente, sem preparação, sem esquemas. Não é alegre para os outros, é alegre para ela mesma. E sabe por que faz sucesso: “Eu tenho talento”, ela diz seriamente. “Eu tenho talento, posso demorar, mas chego lá.” Ou melhor, já chegou lá: seus discos nunca vendem menos de 200.000 cópias, sua agenda de shows é abarrotada. E vai ganhando admiradores: crianças, para quem ela é divertida, engraçada, alegre, mulheres, para quem é uma pessoa corajosa, capaz de atitudes firmes, inesperadas, capaz ainda de assumir essas atitudes: homens, que a vêem como um novo mito de mulher.

Rita quer todos esses admiradores. “Me preocupo em atingir a todos, por isso componho músicas para outros cantores, quero chegar perto das pessoas, seja como for.” Aliás, ela se prepara para que esse contato seja bem mais próximo, brevemente: com um novo show, *Babilônia*, ela vai percorrer o Brasil. E o que é *Babilônia*? É como se fosse um retrato, a seu modo, da cidade de São Paulo, onde nasceu, cresceu e está criando o filho. E onde ela vive uma espécie de teima, a de conseguir manter o bom humor e a cabeça fresca, apesar da cidade “séria e cinzenta”.

Mas que fique claro não ter ela qualquer queixa de São Paulo. Aqui estão seus caminhos. “Só aqui, nesta terra de imigrantes, é que pode surgir uma nova raça. E aqui que as locuções chegam primeiro, como o requêbra dos quadris de Elvis Presley e o *si-jé-je* dos Beatles.” Foi em São Paulo, também, que Rita Lee deu seus primeiros passos como artista. Filha de um dentista, descendente de índios norte-americanos, com duas irmãs mais velhas do que ela, Rita Lee teria, pela vontade do pai, carreira muito pacata: seria veterinária. “Já que ela gosta tanto de bichos, por que não?”, pergunta-me Carlos Feukley Jones, o Charles, segundo o apelido familiar, pai de Rita. “Ou então, ela poderia ser dentis-

ta, uma dentista cientista. Enfim, poderia ter uma profissão que desse a ela o direito a aposentadoria por tempo de serviço, por velhice, e não dependesse dos caprichos do gosto do público. Afinal, a qualquer momento ela pode deixar de fazer sucesso, e aí terá que forçosamente se aposentar.”

Mas Charles não é pessoa capaz de obrigar alguém a fazer o que não gosta, nem dona Romilda, mãe de Rita. E a família em peso acabou renunciando à ideia de ver a filha e irmã caçula, boa aluna no colégio, vencedora de competições esportivas na escola — sua mãe tem medalhas dessas vitórias até hoje —, com uma profissão “estável”. Mas ao contrário do que Rita às vezes gosta que se pense, ninguém a considera a ovelha negra da família, como chegou a dizer numa de suas músicas. Rita afirma, até mesmo, que os pais não falam com ela, como que revelando a desaprovção deles ao seu modo de vida. Mas é pura invenção. A única restrição que fazem à carreira da filha famosa é que ela é desgastante. “Rita trabalha demais, não tem hora para comer, o que é um perigo para a anemia dela”, comenta preocupada dona Romilda. (Essa anemia, inclusive, já levou Rita para o hospital. Ela sabe que para ajudar a resolver o problema deveria deixar de fumar, hábito que lhe tira o apetite. Mas como fazer para deixar o cigarro de lado?)

Nem mesmo a prisão rompeu a solidariedade da família à Rita. Ficaram abalados com o fato, é claro, mas encararam tudo com compreensão. Afinal, é uma forma de retribuir o apego de Rita a eles. “Não parece, mas ela está sempre preocupada conosco, com a casa. Imagine que há pouco tempo fizemos uma reforma, trocamos um piso muito antigo, e Rita ficou brava, disse que aquilo não devia ter sido mudado, que era bonito, precioso, era uma coisa da infância dela”, diz dona Romilda. E, na verdade, Rita não fica muito tempo longe da casa dos pais. Como é perto de seu apartamento, está sempre lá, com Beto e Tarcísio — ele é o único neto da família, seus brinquedos se espalham pela casa toda.

Agora, tem uma coisa que Rita Lee não é mesmo: dona de casa. Cozinhar, não sabe. Fazer compras, tam-

bém não. É “desligada”, precisa que uma secretária viva lembrando seus horários e compromissos. Se dependesse dela própria, jamais chegaria a algum lugar na hora marcada. Ah! mas também o que se pode esperar de alguém que tenha o ascendente em Aquário? (Astrologia é um dos seus assuntos prediletos.) Mas ela não se queixa, afinal é muita sorte ter esse ascendente, pois ela é de Capricórnio, e os capricornianos são muito rígidos e, se não tiverem um Aquário na vida, correm o risco de ser pessoas, no mínimo, muito chatas. Se ela acredita mesmo em tudo isso? Claro, ela tem provas de que astrologia é assunto sério. Pois não foi um astrólogo que muito antes que ela pensasse a respeito, avisou que ela ia ser mãe do Robertinho?

Não sei até que ponto Rita Lee gosta que as pessoas — o seu público — saibam que fora do palco ela é uma mulher que a gente poderia chamar de muito comportada. Que aquela imagem coibente, coberta de bróchos e cores, desaparece completamente quando as luzes dos refletores se apagam. Ela parece apreciar a ideia de que todos a considerem sempre “bem maluco”, “muito louca”, “garota engraçada”, comentários que sempre fizeram a seu respeito, desde o tempo de Os Mutantes, quando ela se fantasiava a cada apresentação do grupo. Não que queira esconder seu apego à família, sua timidez palpável. Mas, sabe como é, se todos ficam sabendo disso, não acabará “dando um gelo” — expressão de Rita — nessa imensa festa que ela armou à sua volta?

Beem, a festa parece firmemente plantada. Os participantes estão sempre atentos às solicitações da rainha. “Rock é música brasileira”, Rita provocava, num dos momentos de seu show *Refeitança*, feito com Gilberto Gil, no ano passado. “E E E E E E E E”, endossava em torno a plateia, para ódio dos críticos de Rita — eles existem, como não! —, que a consideram uma estrangeira na música brasileira. Que falem. Que é estrangeira, que tudo o que faz não passa de brincadeira. Não está preocupada. Afinal, ela é de Capricórnio. É dessas que vai, vai, até conseguir o que quer.

RITA LEE: SEXY, DEBOCHADA, CORAJOSA (Revista Nova, 1978, n 55)

Como será Rita Lee quando os refletores se apagam, ela desce do palco, tira a maquiagem, deixa de lado suas roupas cheias de brilho e vai para casa?

Nei Duclós

Ela está com a mais corriqueira calça jeans deste mundo, combinada (ou descombinada?) com uma bata roxa. Acreditem: chinelinhos com uns enfeites felpudos, como aqueles das nossas avós, estão nos seus pés. Nem sombra de riscos pretos em torno dos olhos, nem sombra de camadas e camadas de batom nos lábios. Funga feito um gatinho cansado, franzindo bem o nariz, quando percebe que esse tipo de graça faz seu filho de 1 ano muito feliz. Um único e mínimo sinal de que tenho à minha frente a figura da rainha do rock deste país - aquela mulher que compôs uma das mais conhecidas músicas do momento, a divertida Perigosa, onde afirma: "Sei que eu sou bonita e gostosa" - está nas meias que ela usa, umas meias amarelas engraçadas, estampadas, "muito loucas", detalhe que a gente espera encontrar, ou acha que combina à perfeição com Rita Lee.

Ela é alta, muito magra, tem a pele branca e olhos bem azuis. Os dentes são um pouco irregulares, e seus cabelos têm exatamente aquela densa cor de fogo que a televisão nos revela. Mas todo o resto que a televisão e seus shows ao vivo costumam mostrar - uma Rita Lee ousada, agressiva, extravagante, irreverente, debochada e sexy - não está ali, sobre o tapete macio, rolando em torno de Beto, o filho, fazendo caretas. Seus 30 anos, que parecem bem menos, não conseguem tirar dela o ar de garota travessa. Fico pensando se é possível, pelo menos, dizer que ela é, como em sua música, "bonita e gostosa". Bem, bonita, naquele conceito clássico de beleza, que exige traços bem delineados, olhos de cor rara, boca que pareça ter sido traçada a cinzel, Rita Lee não é. "Gostosa", depende do que se considere como tal - para quem achar que essa definição se encaixa perfeitamente em Fafá de Belém, e seus tantos atributos, por exemplo, também não é coisa que se diga de Rita Lee.

Mas não se pode negar: nada melhor do que descrever Rita afirmando que ela é bonita e gostosa. Ela é isso de um jeito novo, pelo seu à vontade, pela alegria que cria à sua volta, pela festa que inventa, como ela diz. Sendo mais claro: ela gosta dela mesma, ela se sente bonita e gostosa e não deixa de nos contagiar por completo.

Seus cabelos estão presos por grampos, mas a cada minuto ela os solta e torna a prender. e meio elétrica, gesticula sem parar, anda pelo apartamento. É engraçada. Me pediu um cigarro, logo no começo da nossa conversa - o seu, sempre Hollywood, havia acabado. Mais tarde pediria outro, mas então preferiu fazer a sua cenazinha: pôs as mãos para trás, os pés um pouco para dentro, como uma menina envergonhada, sacudiu os ombros e torceu um pouco a cabeça de lado: "Você poderia me dar mais um cigarro?" Diz que faz isso não para provocar riso, o que fatalmente acaba por conseguir, mas por timidez. "Fica mais fácil eu fingir que sou tímida, sendo mesmo tímida, do que ficar tentando bancar a impetuosa, a valente."

Essas impressões todas vão surgindo enquanto vamos tentando começar uma conversa mais consistente. Ela mesma diz: "Você já notou que eu não consigo falar da mesma coisa por muito tempo, que eu mudo de papo a toda hora?" Claro, quem não notaria? Assim como logo perco as esperanças de ouvir respostas diretas. Tudo sempre começa com vago "não sei", "acho que não". Mas ela supera os seus pequenos silêncios, e começa a falar. Admiração, por exemplo, ela tem pelos Beatles, claro. Quando o conjunto se desfez, ela adotou os Rolling Stones, paixão que dura até hoje. Os Stones, aliás, estão em dois posters gigantes nas paredes da sala de seu apartamento. Mas tem mais na sua lista de preferências: Dolores Duran. Para Rita, Dolores foi uma pessoa incrível: "Ela sempre me impressionou porque era uma mulher que compunha e cantava". Um certo sabor de feminismo, nas suas palavras? Sim, pode ser. Certa vez, Rita já declarou que acha os movimentos feministas "uma grande confusão, uma espécie de clube da Luluzinha, onde homem não entra, muito pretensioso". Mas acredita na emancipação feminina pelo trabalho.

E depois tem essa história de querer transformar o mundo. Sim, isso é necessário, é preciso romper essa espécie de seriedade oficial que parece aprisionar as pessoas. Mas que ninguém espere ver Rita Lee, um dia, no meio da rua, numa passeata seja lá por que for. "Não acho que isso mude alguma coisa. Acredito que ajudo muito mais às pessoas com o meu trabalho." Ela já cansou de ouvir, também, que deveria se aproximar mais dos "medalhões" da música popular brasileira, juntar o seu jeito debochado de ver o mundo com as visões desse pessoal e ver no que dá. Ah!, ela não fará isso. Por quê? Ela pensa um momento, põe a mão no peito, ri e diz: "Porque, afinal de contas, eu sou uma garota, ora!".

Mas ela sabe que, apesar de dar essa impressão, não é mais uma garota. E, embora ainda não tenha se acostumado com seus 30 anos, lembra-se de coisas que a fizeram amadurecer. Sua prisão, por exemplo. Foi em 1976. Rita estava separada de seu primeiro marido, Arnaldo, um dos

integrantes do conjunto musical Os Mutantes, com o qual ela começou sua carreira artística, doze anos atrás, e morava com a empresária com quem trabalhava na ocasião. Rita estava começando um caso de amor com um outro músico, Roberto, seu atual marido. Estava começando também uma gravidez. A vida andava animada. A casa onde Rita morava, em São Paulo, também. Era um lugar aberto, no sentido literal da palavra. Portas abertas para todos, a qualquer hora. Ninguém sabe de onde partiu a denúncia, sequer se houve denúncia, ou, enfim, o que aconteceu ao certo. O que Rita lembra com precisão é que um dia alguns policiais entraram porta adentro em busca de maconha, pó, ácido, drogas. O que houvesse. E encontraram uns restos de cigarro de maconha num cinzeiro. No dia seguinte, os jornais contavam a história da prisão: as fotos mostravam Rita, meio abatida, o corpo já revelando o começo da gravidez. Será solta, não teve culpa, não fumou, é uma vítima, mas será que é, e grávida desse jeito - eram as várias considerações que o noticiário ia alinhavando diariamente. Na verdade, Rita Lee ficaria presa durante trinta dias. Numa cela comum. com mais sete pessoas, num espaço onde se arrumariam apenas quatro. "Foi um tempo complicado. mas me ajudou muito. Tudo aquilo era uma coisa tão distante de mim, nunca pensei que passaria perto de uma prisão, e de repente lá estava eu. E eu pude ver quem são as pessoas que estão lá, todas tão parecidas com a gente", ela comenta.

Afinal, veio uma espécie de liberdade vigiada, pôde ir para casa, mas tinha que cumprir horários, obedecer como que um toque de recolher: nada de andar por aí à noite. Exceções eram abertas aos seus shows, inevitavelmente realizados em horas "proibidas" pelo regulamento que tinha.

Aí ela começou a viver a sua segunda fase de ser gente grande: esperar o filho nascer. Mas não se pense numa Rita Lee sisuda, aguardando quietamente em casa o fim da gravidez: lembro-me de uma apresentação dela na TV, nessa época, em que ela alisava ostensiva e marotamente a barriga, enquanto tentava um rebolado dos velhos tempos em que seu corpo era esguio. E então nasceu Roberto que, com o pai, hoje forma a dupla dos "dois Robertos, únicos amores da minha vida". Beto, o bebê, dá lições diárias à Rita. Ela volta à infância, pensa novamente em valores como a importância da harmonia familiar. Beto se diverte ao seu lado. Quando Rita não está em casa, ou quando viaja, ele fica aos cuidados de uma babá e da própria família de Rita - seus pais moram a poucos quarteirões de seu apartamento, no bairro da Aclimação, em São Paulo. Mas quando Rita está por perto. Beto se atira em sua direção, ofega, quer folia.

Os pais de Rita acham que ela é comportada demais!

E folia é a especialidade de Rita Lee. A qualquer hora, em qualquer circunstância. Pode ser que você já a tenha encontrado na rua e nem sequer tenha imaginado que era ela que caminhava ao seu lado. Porque, afinal, como suspeitar que aquela velhinha, toda arrumada à antiga, fosse Rita Lee? E como, meu Deus, Rita Lee pode ser uma velhinha? Porque esse é um dos muitos tipos que ela cria, e gosta tanto, e se diverte tanto. que sai por aí caracterizada. Há também a "Gina", uma solteirona muito exibida e assanhada, segundo a descrição que Rita faz dela. "Gina corre para o telefone cada vez que inventa uma música nova, só para avisar o Gilberto Gil", conta Rita. Confesso que fiquei curioso para conhecer Gina.

Quando Roberto, o marido, aparece na sala, já passa do meio-dia - ele acabou de acordar. Rita falava justamente do romance dos dois. No começo, um não ligava para o outro. Rita havia gostado do arranjo que Roberto, então guitarrista do conjunto de Ney Matogrosso, tinha feito para a música Bandido Corazón, que Rita compôs. "Mas, mesmo assim, cada um fazia pose para o seu lado", ela lembra. A aproximação foi acontecendo devagarinho até que a dupla se formou, profissional e afetivamente. Roberto não é só o marido de Rita, é também seu empresário, o guitarrista de seu conjunto, parceiro de algumas músicas. Com 25 anos, uma carreira artística que a família queria que fosse feita na música clássica, ele é o oposto da mulher. Calmo, um jeito de falar muito sossegado. Beijava Rita no rosto quando aparece e adverte, brincalhão: "Não fica inventando aí, não". Rita logo avisa que tem novidade para ele, as revistas da semana inundadas com reportagens do carnaval carioca, mulheres seminuas, de braços abertos para a câmera, gente famosa que veio ver a festa toda. Rita já havia confessado que gosta de ir ao Rio de Janeiro "curtir o beautiful people", ou seja, as pessoas da moda, os "badaláveis" ou "badalados". E foi o que fizeram, ela e Roberto, no último carnaval. Transformam-se em dois adolescentes quando contam suas peripécias. Procuraram falar com Rod Stewart, um dos iniciadores do movimento de música pop - "um snob, um chato, de origem humilde, mas que acabou se convencendo com o próprio sucesso". Viram Peter Frampton, também ídolo do mundo pop - "um boboca, andava pra lá e pra cá, meio corcunda, procurando não sei o quê" (Roberto imita Frampton). E o Elton John, então! "Coitado", diz Rita, "não sabia o que fazer quando aquelas mulheres deslumbradas se atiravam nos braços dele, gritando Elton! Elton!" (a vez de Rita imitar Elton John). E emenda: "Tudo, tudo mentira, tudo só pra fotógrafo fotografar e pôr na revista, tudo falso, uma alegria fingida".

Muito diferente dela que, quando sobe num palco, faz caretas, borra o rosto em mil cores, se contorce, está sendo muito sincera. Está fazendo o que sente, sem preparação, sem esquemas. Não é alegre para os outros, é alegre para ela mesma. E sabe por que faz sucesso: "Eu tenho talento", ela diz seriamente. "Eu tenho talento, posso demorar, mas chego lá." Ou melhor, já chegou lá: seus discos nunca vendem menos de 200.000 cópias, sua agenda de shows é abarrotada. E vai ganhando admiradores: crianças, para quem ela é divertida, engraçada, alegre; mulheres, para quem é uma pessoa corajosa, capaz de atitudes firmes, inesperadas, capaz ainda de assumir essas atitudes; homens, que a vêem como um novo mito de mulher.

Rita quer todos esses admiradores. "Me preocupo em atingir a todos, por isso componho músicas para outros cantores, quero chegar perto das pessoas, seja como for." Aliás, ela se prepara para que esse contato seja bem mais próximo, brevemente: com um novo show, *Babilônia*, ela vai percorrer o Brasil. E o que é *Babilônia*? É como se fosse um retrato, a seu modo, da cidade de São Paulo, onde nasceu, cresceu e está criando o filho. E onde ela vive uma espécie de teima, a de conseguir manter o bom humor e a cabeça fresca, apesar da cidade "séria e cinzenta".

Mas que fique claro não ter ela qualquer queixa de São Paulo. Aqui estão seus caminhos. "Só aqui, nesta terra de imigrantes, é que pode surgir uma nova raça. É aqui que as loucuras chegam primeiro, como o requebro dos quadris de Elvis Presley e o iê-iê-iê dos Beatles." Foi em São Paulo, também, que Rita Lee deu seus primeiros passos como artista. Filha de um dentista, descendente de índios norte-americanos, com duas irmãs mais velhas do que ela, Rita Lee teria, pela vontade do pai, carreira muito pacata: seria veterinária. "Já que ela gosta tanto de bichos, por que não?", pergunta-me Carlos Fenley Jones, o Charles, segundo o apelido familiar, pai de Rita. "Ou então, ela poderia ser dentista, uma dentista cientista. Enfim, poderia ter uma profissão que desse a ela o direito a aposentadoria por tempo de serviço, por velhice, e não dependesse dos caprichos do gosto do público. Afinal, a qualquer momento ela pode deixar de fazer sucesso, e aí terá que forçosamente se aposentar."

Mas Charles não é pessoa capaz de obrigar alguém a fazer o que não gosta, nem dona Romilda, mãe de Rita. E a família em peso acabou renunciando à idéia de ver a filha e irmã caçula, boa aluna no colégio, vencedora de competições esportivas na escola - sua mãe tem medalhas dessas vitórias até hoje -, com uma profissão "estável". Mas ao contrário do que Rita às vezes gosta que se pense, ninguém a considera a ovelha negra da família, como chegou a dizer numa de suas músicas. Rita afirma, até mesmo, que os pais não falam com ela, como que revelando a de-

saprovação deles ao seu modo de vida. Mas é pura invenção. A única restrição que fazem à carreira da filha famosa é que ela é desgastante. "Rita trabalha demais, não tem hora para comer, o que é um perigo para a anemia dela", comenta preocupada dona Romilda. (Essa anemia, inclusive, já levou Rita para o hospital. Ela sabe que para ajudar a resolver o problema deveria deixar de fumar, hábito que lhe tira o apetite. Mas como fazer para deixar o cigarro de lado?).

Nem mesmo a prisão rompeu a solidariedade da família à Rita. Ficaram abalados com o fato, é claro, mas encararam tudo com compreensão. Afinal, é uma forma de retribuir o apego de Rita a eles. "Não parece, mas ela está sempre preocupada conosco, com a casa. Imagine que há pouco tempo fizemos uma reforma, trocamos um piso muito antigo, e Rita ficou brava, disse que aquilo não devia ter sido mudado, que era bonito, precioso, era uma coisa da infância dela", diz dona Romilda. E, na verdade, Rita não fica muito tempo longe da casa dos pais. Como é perto de seu apartamento, está sempre lá, com Beto a tiracolo - ele é o único neto da família, seus brinquedos se espalham pela casa toda.

Agora, tem uma coisa que Rita Lee não é mesmo: dona-de-casa. Cozinhar, não sabe. Fazer compras, também não. É "desligada", precisa que uma secretária viva lembrando seus horários e compromissos. Se dependesse dela própria, jamais chegaria a algum lugar na hora marcada. Ah! mas também o que se pode esperar de alguém que tenha o ascendente em Aquário? (Astrologia é um dos seus assuntos prediletos.) Mas ela não se queixa, afinal é muita sorte ter esse ascendente, pois ela é de Capricórnio, e os capricornianos são muito rígidos e, se não tiverem um Aquário na vida, correm o risco de ser pessoas, no mínimo, muito chatas. Se ela acredita mesmo em tudo isso? Claro, ela tem provas de que astrologia é assunto sério. Pois não foi um astrólogo que muito antes que ela pensasse a respeito, avisou que ela ia ser mãe do Robertinho?

Não sei até que ponto Rita Lee gosta que as pessoas - o seu público - saibam que fora do palco ela é uma mulher que a gente poderia chamar de muito comportada. Que aquela imagem coleante, coberta de brilhos e cores, desaparece completamente quando as luzes dos refletores se apagam. Ela parece apreciar a idéia de que todos a considerem sempre "bem maluca", "muito louca", "garota engraçada", comentários que sempre fizeram a seu respeito, desde o tempo de Os Mutantes, quando ela se fantasiava a cada apresentação do grupo. Não que queira esconder seu apego à família, sua timidez palpável. Mas, sabe como é, se todos ficam sabendo disso, não acabará "dando um gelo" - expressão de Rita - nessa imensa festa que ela armou à sua volta?

Bem, a festa parece firmemente plantada. Os participantes estão sempre atentos às solicitações da rainha. "Rock é música brasileira?", Rita provocava, num dos momentos de seu show Refestança, feito com Gilberto Gil, no ano passado. "É É É É É É É...", endossava em coro a plateia, para ódio dos críticos de Rita - eles existem, como não! Que falem. Que é estrangeira, que tudo o que faz não passa de brincadeira. Não está preocupada. Afinal, ela é de Capricórnio. E dessas que vai, vai, até conseguir o que quer.

Anexo 3 - Reportagem Rita Lee trabalha em paz, publicada no Jornal do Brasil (1990).

JORNAL DO BRASIL
Rio de Janeiro - Segunda-Feira, 4 de junho de 1990

B

Ha três anos
sem dar
entrevistas,
ela mostra
como está o
próximo LP?



Rita Lee trabalha em paz

Sob o signo de uma calma que parece não ter fim, Rita Lee, 42 anos, está de volta ao mundo da música. Depois de três anos de silêncio, a cantora e compositora brasileira retorna ao cenário musical com um novo LP, "Rita Lee canta", lançado em junho de 1990. O álbum, produzido por ela mesma, traz 12 canções, algumas das quais foram compostas por ela mesma. Rita Lee, conhecida por sua personalidade forte e seu estilo musical único, retorna ao mercado com um som mais suave e intimista. Ela afirma que o silêncio foi necessário para ela se reconectar com a música e com o público. "Eu precisava de um tempo para pensar e sentir o que eu queria dizer", ela explica. O novo trabalho é considerado um dos mais pessoais de sua carreira.





Em 1972, após o fim do grupo Tropicália, Rita Lee lançou o álbum "Rita Lee canta", que marcou o início de sua carreira solo. Ela foi uma das principais figuras do movimento tropicalista e continuou a ser uma das mais importantes cantoras do Brasil. Seu estilo musical é caracterizado por uma mistura de samba, bossa nova e rock. Ela também é conhecida por sua personalidade forte e seu estilo de vida boêmio. Rita Lee é considerada uma das maiores cantoras do Brasil e sua música continua a inspirar novas gerações de artistas.

A volta ao rock'n'roll

O retorno de Rita Lee ao rock'n'roll é considerado um dos momentos mais importantes de sua carreira. Ela afirma que o rock'n'roll sempre foi uma das suas paixões e que ela sempre quis voltar a tocá-lo. "Eu sempre gostei de rock'n'roll, mas não tinha tempo para tocá-lo", ela explica. Agora, com o novo LP, ela está de volta ao cenário musical com um som mais energético e rebelde. Ela afirma que o rock'n'roll é uma música que sempre esteve dentro dela e que ela sempre quis expressá-la. "Eu sempre quis voltar a tocar rock'n'roll, mas não tinha tempo", ela afirma. Agora, com o novo LP, ela está de volta ao cenário musical com um som mais energético e rebelde.



Em 1974, Rita Lee lançou o álbum "Rita Lee canta", que marcou o início de sua carreira solo. Ela foi uma das principais figuras do movimento tropicalista e continuou a ser uma das mais importantes cantoras do Brasil. Seu estilo musical é caracterizado por uma mistura de samba, bossa nova e rock. Ela também é conhecida por sua personalidade forte e seu estilo de vida boêmio. Rita Lee é considerada uma das maiores cantoras do Brasil e sua música continua a inspirar novas gerações de artistas.

PEGUE C.R.\$ 5.000.000,00

A UNHA.

O produto Corparé é feito com carne de graxo,
 e possui conteúdo protéico de 100% de carne.
 É rico em vitaminas e minerais.
 É de fácil digestão e não contém gordura saturada.
 É um produto ideal para quem quer manter a saúde.
 É um produto ideal para quem quer manter a saúde.

Distribuidor do Corparé
 O maior e mais completo do Brasil
 de uma rede de
 lojas de todo o Brasil.

CORPARÉ

RITA LEE TRABALHA EM PAZ

Há três anos sem dar entrevistas, ela mostra como está o próximo LP

Cleusa Maria

Silenciosa, como tem estado para a imprensa nos últimos três anos, a cantora e compositora Rita Lee tem passado as madrugadas dos últimos 15 dias no espaçoso e isolado estúdio Mosh, no bairro paulista de Água Branca. Ao lado do marido e parceiro Roberto de Carvalho - com quem já ultrapassou a barreira das bodas de chumbo num casamento de 15 anos -, e de uma banda jovem, ela grava o nono disco da dupla, que será lançado em setembro, pela EMI-Odeon. A mais completa tradução de São Paulo, como foi chamada na letra de *Sampa*, de Caetano Veloso, vive, enfim, um momento sereno. A ponto de concordar em quebrar seu jejum de entrevistas desde que foi duramente atacada em críticas a seu disco *Zona Zen*: “Foram quatro ou cinco jornalistas que estão com os podres poderes. Mas aos 42 anos, a gente aprende a separar o joio do trigo. Algum tempo atrás, até caí na armadilha de tentar responder a uma crítica. Mas agora meu lado maternal falou mais alto.”

Esta foi apenas uma ligeira desafinada na conversa que se estendeu pela madrugada de quinta-feira passada, no estúdio Mosh. E Rita só entrou no assunto, quando explicava porque gostaria de estrear um show no Rio e não em São Paulo. “O Rio sempre me pega pelo colinho e eu sou órfã. Mas também tenho colinho para dar”, diz ela, assim que desce os degraus do banheiro do estúdio, onde vai retocar o batom rosado. Uma vaidade à toa, para quem continua graciosa, os olhos azuis e brilhantes quase encobertos pela franja vermelha. O corpo magricela, enfiado numa larga calça listrada, camiseta e uma camisa grande por cima, passou por uma bem-sucedida lipoaspiração, no final do ano passado. O rosto já havia levado um retoque, há cinco anos, depois que o fotógrafo Miro chamou a atenção de Rita para o olho esquerdo, que estava mais caído que o direito. Num rasgo de espontaneidade, ela tocou numa zona nevrálgica: “De tanta droga, caí e machuquei o olho. Mas falei para a revista *Amiga* que tinha sido um acidente de carro”, diz uma Rita *careta* que confessa já não precisar de artifícios para encarar a realidade.

Hoje, ela prefere ouvir a sabedoria do *I Ching*, livro que consulta tantas vezes quantas estiver precisando de uma luz. Aprendeu a deixar a vida fluir levemente, como ondas que têm seu

tempo de ir e vir - este é justamente o espírito do novo disco para o qual o produtor e marido Roberto Carvalho emprega várias vezes o mesmo verbo fluir. Rita Lee quer chegar a um ponto de parar com a análise junguiana, que vem fazendo há dois anos. E toda sua conversa é um tanto esotérica, sim: “Sempre tive um espírito hippie. Não sou mais tão *porra louca* como fui. Sou uma nova-hippie. Não há mais aquela ingenuidade, aquela vontade de jogar ácido na caixa d’água do bairro. É uma retomada mais conseqüente do espírito planetário. Hoje ninguém precisa tomar LSD, para perder o ego.” Rita, que adora o psicodélico, tem aflição de ecologista chato.

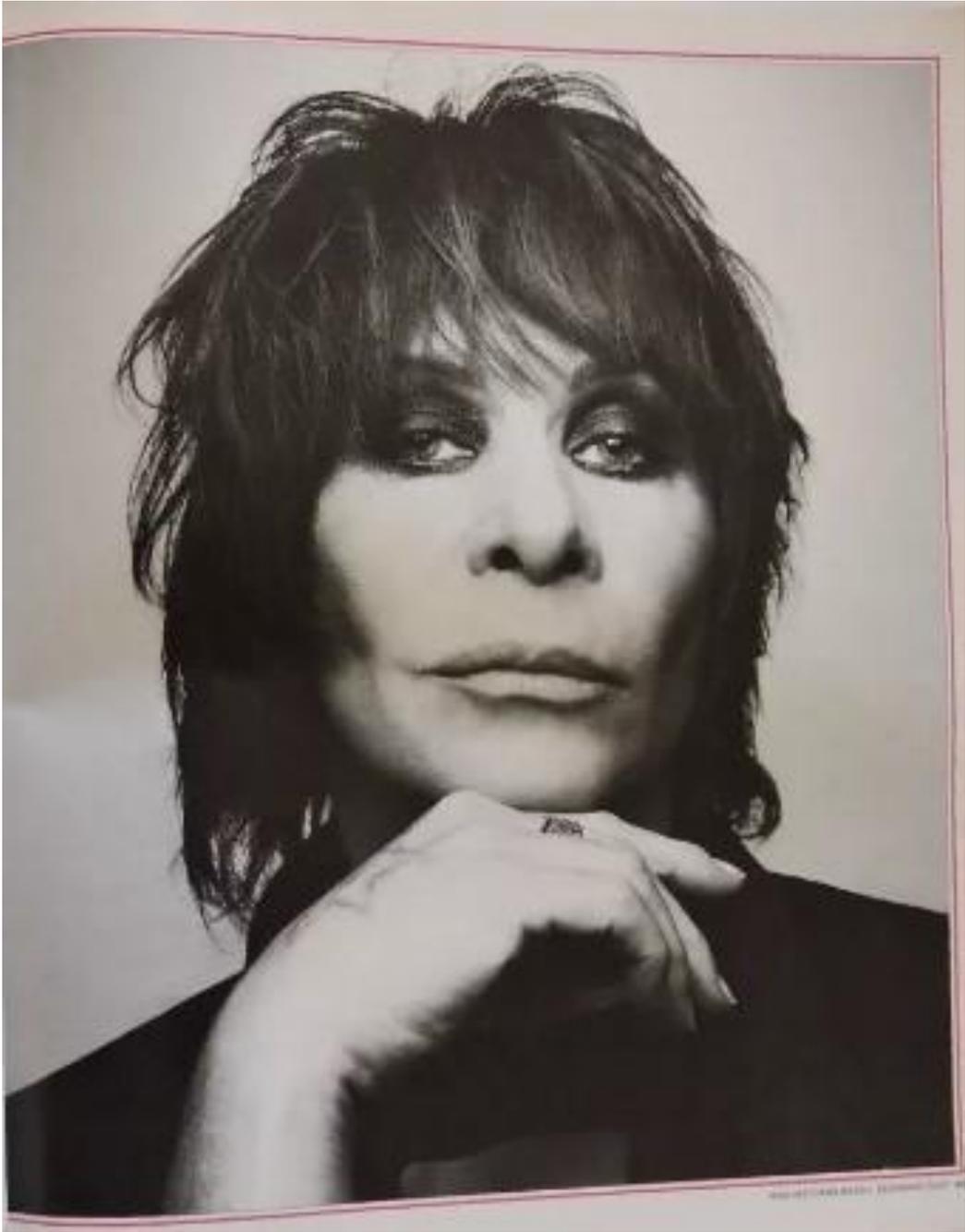
Nessa tribo, a artista inclui a sra. Paul McCartney. “Não fui ver o show de Paul, porque não ia agüentar a Linda. Aliás, tenho raiva das mulheres dos Beatles e dos Rolling Stones. Aquela japonesa Yoko (Ono) também não me engana. E a mulher do Mick Jagger, Jerry Hall, parece um travesti”, diz mais como brincadeira de fã enciumada do que de retaliação. O tom *soft* domina toda a conversa. Na proximidade dos 43 anos, que completa em dezembro, Rita não sente saudades dos seus 30 anos. Foram tempos loucos. “Eu ficava muito doida, meio inconformada, sempre me perguntando: será que tem alguém fazendo rock melhor que eu, que sempre fui a vanguarda?” Mas lá se foram esses dias em que dava uma de madrastra do espelho-espelho-meu. Sente-se menos ansiosa, mais humilde e paciente. Os filhos, Beto, João e Antônio, cresceram - têm 13, 11 e nove anos respectivamente. “Fico me vestindo de cor de rosa o tempo todo, lá em casa são quatro homens. E eu que só tinha mulheres à minha volta”, diz.

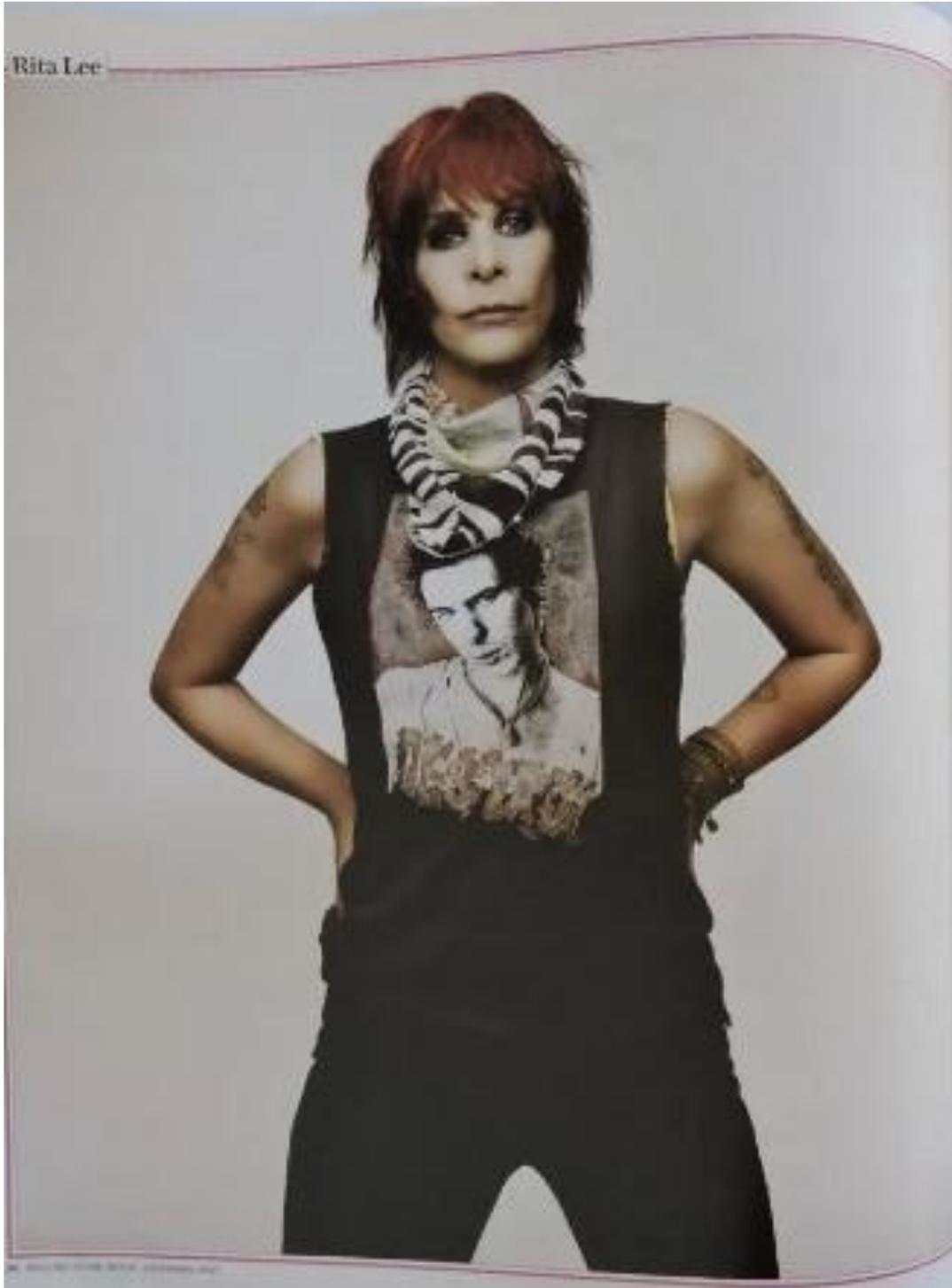
Dos 80 para cá, Rita Lee Jones foi perdendo toda a família: o pai, a mãe, a irmã, todos os tios e tias de um unido clã de imigrantes. O choque das perdas foi o que levou a cantora às teorias de Jung. “Com o tempo, comecei a ver que, agora, eu é que sou a rainha. Ser mãe é segurar a barra do filho. Ser filho é se soltar da barra da mãe. Acho que como mãe, sou uma ótima irmã”, vai se soltando Rita entre um gole e outro de vinho branco de uma das três garrafas reservadas para aquela madrugada de gravação. Além dos filhos, com os quais ela e Roberto estão quase todo o tempo (Rita Lee também tem problemas banais como o de empregadas domésticas), a artista vive envolvida com variadas *atividades curticionais*. Está fazendo a direção musical da peça *Rebeldades*, uma comédia de Cristina Nazareth, com direção de Marília Pêra e estréia paulista no dia 15. Foi convidada para participar de um episódio da série *Delegacia de mulheres*, na TV Globo, e está escrevendo o terceiro livro com o personagem infantil que criou, o ratinho Dr. Alex. “Tenho de queimar combustão. Tenho que ficar ocupada para não pensar em me matar”, comenta segundos antes de afirmar que, às vezes, se surpreende por se ver tão feliz.

“Estou numa fase gostosa, curtindo tudo o que estou fazendo Tenho tudo o que quero”, diz se encolhendo e mordendo a ponta dos dedos como uma criança. Em casa também dias melhores vieram. Roberto Carvalho está estudando astrologia a fundo e o casal vive um momento feliz. “Sempre achei que ia encontrar uma cara metade para dividir minha vida. Já estivemos bastante tempo embolados. Agora trabalhamos juntos, mas cada um tem suas atividades individuais. Somos companheiros de viagem. Tenho trabalhado muito por isso.” Dentro do estúdio, o relógio marca 1h da manhã. Rita coloca o braço sobre os ombros de Roberto, de pé à frente da mesa de som. Roberto enlaça a cintura da mulher, o som pesado da guitarra, do rock *Uma noite em Hong Kong* (primeira faixa do novo disco), dá ritmo aos passos do casal. Os dois dançam abraçados. Rita Lee não é mais a musa da vanguarda. Não é mais a rainha do rock. Talvez por isso mesmo, agora acha que é uma mulher feliz.

Anexo 4 - Reportagem “Não nasci para casar e lavar cuecas, revela Rita Lee, publicada na revista Rolling Stone (2007).







"Não nasci para casar e lavar cuecas", revela Rita Lee

Ela entrou no masculino universo do rock, quebrou barreiras na ditadura militar e trouxe revoluções, sonoras e sexuais, para a sua música. Rita Lee, a maior estrela do rock brasileiro, completa 60 anos e mostra sua infinita habilidade de criar e cantar as histórias que todos (ainda) querem ouvir

POR MARCUS PRETO

Já passam das cinco da tarde e ela chegou ao ensaio há pouco mais de 20 minutos. Sentada em uma cadeira alta, passa as harmonias vocais com as duas backings enquanto os cinco instrumentistas, posicionados em círculo e comandados por Roberto de Carvalho, tentam chegar a um acordo sobre o arranjo de uma música nova. Uma estante de metal fica a sua frente, onde estão impressas em caracteres grandes as letras de todas as canções programadas para o show que virá. Ali, ela faz algumas poucas anotações, que depois não consulta mais.

Sentado onde estou, meio de viés, só consigo ver um pouco do seu perfil e as costas. Mas não é preciso mais que isso para entender a beleza de Rita Lee. As maçãs do rosto imponentes, rosadas e levemente sardentas. Seus cabelos vermelhos de fogo. Os olhos azuis, brilhando debaixo dos óculos de grau de lentes coloridas, parecem mais serenos e adivinham tudo o que vai acontecer naquela sala. São quatro décadas de experiência, afinal. Vejo passar um filme fragmentado no fundo da cabeça que dura apenas uma fração de segundo, mas alinhava dezenas de imagens de muitos tempos, cenas da vida dela e da minha: Festival da Record, "Domingo no Parque", os discos dos Mutantes, "Mamãe Natureza", inauguração do Teatro Bandeirantes com Tutti-Frutti, Hollywood Rock, "Ovelha Negra", gravidez na prisão, a trilha sonora de Malu Mulher, minha mãe nos anos 80, "Mania de Você", clipes do Fantástico, "Lança Perfume", meus primeiros LPs, prisioneiros de um arranha-céu, Rock in Rio 1, "Bwana", aberturas de novelas, "Bossa'n'Roll", porres homéricos (dela e meus), paixões frustradas (minhas e dela), crises de choro, amores históricos. Ponho o pé na realidade e faço o filme parar.

Algumas semanas antes, recebi seu primeiro e-mail, com instruções de como poderíamos fazer esta reportagem. Os tons das suas mensagens são sempre carinhosos e o modo como sua vida está organizada atualmente transparece nesses escritos.

De: Rita Lee

Data: quinta-feira, 23 de agosto de 2007 13:09

Assunto: lee para preto

Meu filho, a gente escrevinha por e-mail uma parte da entrevista (sou bem melhor nas teclas do que falando). Mas o lado 'alma' pode ser feito na nossa casa, no meio do mato, que é onde estou morando e de onde só saio para fazer shows e volto correndo. Sei que não é muito excitante para um rapaz cheio de testosterona ficar no meio do mato com uma pobre senhora fútil como eu, mas podemos ficar lá bundando juntos, pelo menos por uma tarde, uma comidinha vegetariana. Vamos nos falando. Love you, Vovó Ritinha.

Obedeci à risca as regras sugeridas por ela e passamos semanas trocando dezenas de mensagens em pingue-pongue (ela sempre mais rápida do que eu). "É de acordo com os tempos em que vivemos. A tal da 'netspeak' que a meninada usa para se comunicar é uma taquigrafia moderna e esperta, gasta-se menos tempo para escrever o mesmo que demoraria num português 'normal'. Acho isso genial", ela admitiu depois.

Já faz algum tempo que a internet tem sido seu único meio de comunicação com a imprensa. Rita só fala com jornalistas por e-mail. Há quem diga que esse método não é o mais eficiente para entrevistar alguém, já que não vemos os olhos do interlocutor e assim fica mais difícil "jogar" com ele, desconfiar se está mentindo. Esse preceito pode valer para a maioria dos casos, mas não é garantia de nada quando a entrevistada é Rita Lee. Quando ela quer, mente e pronto - seja por e-mail, seja no cara a cara. "Vamos combinar que todo mundo mente?", lança. "Em entrevista, a coisa fica sendo ainda mais sedutora. Afinal, inventar coisas absurdas a seu respeito não é mais interessante para um jornalista do que simplesmente contar-lhe como sua vidinha verdadeira é besta?" É de se duvidar que a vida da maior estrela pop que o Brasil já produziu não renda histórias sensacionais e extraordinárias. Ela diz que não é bem assim: "Dentro deste corpo que me pertence há 60 anos já pude presenciar uma porrada de exemplos de minha burrice e mediocridade". Querendo quebrar mais um pouco a linha entre invenção e realidade, ela ainda me provoca: "Querido, inventa bastante coisa sobre mim nessa minha matéria?".

De: Pato Fu

Data: sexta-feira, 16 de novembro de 2007 15:47

Assunto: Re:

Uai... O primeiro show que vi na vida foi da Rita Lee, no Mineirinho, aqui em BH. Era a turnê Saúde, eu tinha uns 10 anos, fui com a minha vizinha que levou as filhas e sobrinhas adolescentes dela. Eu já tocava violão e fiquei impressionada com a apresentação dela: tocando, pulando, dançando, trocando de roupa. Conhecia a Rita de ver na TV, ouvir a toda hora no rádio. Nem fazia idéia que tinha existido os Mutantes, coisa que só fui saber alguns anos depois. Uma das coisas mais emocionantes pra mim foi ela ter gravado uma música do John e ter me chamado pra dividir os vocais. Nesse dia, o cachorrinho dela tinha sumido, mas mesmo assim ela foi muito bacana com a gente. Aliás, sempre é carinhosa demais. Desde que o Pato Fu apareceu, ela tem dito coisas boas sobre nós. Viva Rita, viva! Beijinhos, Fernanda Takai.

É inevitável. Uns mais, outros menos, todos os artistas brasileiros que vieram a empunhar uma guitarra a partir de meados dos anos 70, sobretudo as mulheres, foram diretamente influenciados pela música da ruiva. E se hoje o ofício de "intérprete", o predileto entre as meninas até os anos 70, deu lugar ao de "cantora e compositora", também é ela a maior entre as culpadas. "Pois é, sem querer me 'gambá', durante um tempão fui uma das poucas almas femininas brasileiras (no exterior também não existiam muitas) que compunham letra, música, arranjos e era figura de frente nos palcos da vida. Faz relativamente pouco tempo que esse panorama mudou. De uma maneira geral, as garotas brasileiras de hoje estão com a bola toda em matéria de band leaders/cantoras/compositoras."

A vocação para desbravar aquele mundo até então predominantemente masculino vem, segundo ela, desde a infância. "Não nasci para casar e lavar cuecas. Queria a mesma liberdade dos moleques que brincavam na rua com carrinho de rolimã. Quando entrei para a música, percebi que a 'tchurma' dos culhões reinava absoluta, ainda mais no rock. 'Oba', dizia eu, 'é aqui mesmo que vou soltar a franga e, literalmente, encher o saco deles'. Depois que provei a mim mesma que era capaz de conseguir as mesmas vitórias, sosseguei um pouco o facho. Principalmente depois que Roberto entrou na minha vida feito um Lancelot. Minha Guinevere pôde então exercer a função de namorada, amante e mãe. No palco, sou mais macho do que fora dele, não posso negar que minhas influências como figura de frente foram Jagger, Bowie, Tyler, Rod Stewart." E no

Brasil? "Vou começar com Carmen Miranda, que me ensinou que uma gringa pode ser a mais brasileira de todas. Caetano e Gil me apresentaram ao Brasil brasileiro e me ensinaram como fazer música em português. Tom Zé me iniciou na patafísica. Paulo Coelho me ensinou a ler tarô e a pressentir uma inspiração."

Ao contrário do que se imagina, Tom Zé não conviveu com Rita na época em que ambos empunhavam a bandeira tropicalista, no final dos anos 60. "Lembro-me de ter visto os Mutantes no dia da foto de capa do disco Tropicália e mais duas ou três vezes apenas. Nossas parcerias foram feitas através do [empresário] Guilherme Araújo, mas serviram como o anzol que me juntaria a Rita no futuro", ele conta. E segue a falar dela com orgulho. "Sua intuição sempre lhe disse que o humor e a alegria eram armas mais eficientes contra a ditadura do que qualquer pose de rock experimental", aposta. "Uma vez decidido esse caminho, ela teve a habilidade de mulher que é bem trepada. Mulher que é bem trepada lava a roupa sorrindo. Uma Rita bem trepada em um país que vive na mão de ditadores lava a política com um humor fino e cortante e resulta em uma música gostosa de cantar. A geração que chegou aos 13 anos no final dos anos 70 talvez seja uma das mais felizes: eles não viveram os horrores da ditadura, mas logo na saída pegaram essa artista reagindo àquele horror. O produto da reação tornou-se a música que essas criaturas passaram a ouvir nos shows, dançar nos bailinhos, a fonte daquela liberdade sexual."

Muito antes de se tornar o brasileiro que mais livros vendeu pelo mundo, Paulo Coelho foi parceiro da ruiva em seis ótimas canções. Sua preferida é "Cartão Postal", mas as que fizeram mais sucesso foram "Esse Tal de Roque Enrow", do álbum Fruto Proibido (1975), e, sobretudo, "Arrombou a Festa", lançada em compacto de 1977 que imediatamente venderia 200 mil cópias. Os dois chegaram a morar juntos na casa da rua Pelotas, na Vila Mariana, para onde ela se mudou depois de sua saída dos Mutantes. E esboçaram um romance. "Achava que a Rita tinha muito a me acrescentar.

Nascemos no mesmo ano. Quando me disse que tinha um quarto para mim na casa dela, eu fui. Tínhamos personagens diferentes: o meu se chamava Roberto e o dela Marina. Eram nossos alter egos, que conversavam muito. Em cada momento que a gente estava junto, a inspiração aparecia. Compúnhamos de duas maneiras: separados, com fita cassete, e pessoalmente. Nosso trabalho era perceber o que estava a nossa volta e traduzir sob a forma de música", conta o mago, pelo telefone, de Paris.

Os processos criativos dela são os mais variados, mas é certo que é nas madrugadas que se sente mais inspirada. "Cole Porter se inspirava e inspirava cocaína, mas acho que Beethoven nunca fumou baseado. Eu sou uma 'creature of the night' por natureza, é na calada dos telefones e do corre-corre da casa que eu mais presto atenção na vida", ela explica. Se bem que, no verão, viro borboleta e acordo cedo pra tomar o sol que não faz mal para as minhas sardas. Mas meu exercício predileto é dormir, sempre trabalhei muito nos sonhos, até aprendi a andar de bicicleta quando era criança. Tenho um bloquinho e um gravadorzinho ao lado da cama para anotar as coisas que o santo dita quando estou nos braços de Morfeu. Sabe uma música que compus dormindo? 'Baila Comigo'."

Paulo coelho acompanhou de perto alguns dos capítulos mais traumatizantes da vida da ruiva naqueles anos 70: os momentos de adaptação fora dos Mutantes, em 1973, e o episódio de sua prisão, três anos depois, por porte de maconha. "Rita passou bravamente por essas duas transições", ele recorda. "Não era fácil parar de trabalhar com os Mutantes, em que ela contava com toda uma estrutura, havia todo um mito. Encarar a prisão, então, foi pesadíssimo." O mago acredita que foram exatamente esses episódios adversos que os aproximaram. "Essas partes mais tenebrosas das nossas vidas acabaram se tornando pontos de identificação. Ao mesmo tempo em que ela tinha saído dos Mutantes, minha parceria com Raul começava a complicar muito em termos pessoais. E eu não sabia fazer nada a não ser escrever, fazer letra de música. Tempos depois, quando ela foi presa, também nos identificamos. Era um momento de repressão, e as pessoas que não tinham passado por essa experiência de prisão se afastavam das que tinham, ninguém queria criar caso com política."

Em agosto de 1976, com um filho de 3 meses na barriga, a ruiva estampou as manchetes em toda a imprensa nacional: "Presa Rita Lee com maconha". "Minha família soube que eu estava grávida pelos jornais, depois que fui presa. Fiquei uma semana no Deic, um mês no hipódromo feminino e um ano em prisão domiciliar. A semana no Deic foi o pior momento de todos. Havia um carcereiro japonês que entrava na cela, mijava no chão e jogava baldes de cocô para que ninguém pudesse sentar. No hipódromo, a coisa foi mais branda, apesar dos interrogatórios diários. Depois de um mês lá, fui julgada e condenada a um ano de domiciliar, com guarda na porta e o escambau. A vontade de fugir de Alcatraz era grande, mas minha barriga era maior. Até hoje, quando vejo um camburão, as pernas balançam."

Ela conta que tinha acabado de estrear o show do disco Entradas e Bandeiras no Teatro Aquarius quando aconteceu a detenção. "Uma colega de cela chamada Mendonça, um 'cavalheiro' que me cedeu sua cama por conta do meu estado interessante, até fez uma piada dizendo: 'Ô, Rita Lee, tu deu tanta bandeira que acabou entrando!'. Mendonça pendurava no varal da cela suas cuecas samba-canção, muitas vezes lavadas por mim em agradecimento por ter me cedido sua cama de baixo do beliche", lembra. "Uma noite, os presos políticos mandaram um violão para que eu fizesse serenata, foi cena de filme. Também compus um rock chamado 'X21', que era o número do nosso xadrez. Era um tipo de 'Jailhouse Rock', só com os nomes das minhas colegas e seus crimes correspondentes. Mas a música foi censurada e nunca cheguei a gravar."

De: Rita Lee

Data: terça-feira, 28 de agosto de 2007 14:43

Assunto: Re: preto para lee

Não escuto nada dessas porcarias que fiz. Minha Lua em Virgem só vê os defeitos, e como não posso voltar atrás para mudar nada, prefiro não escutar mesmo. Em todos os discos tem coisa boa e ruim, pelo menos nos meus. Quando quero colocar uma música no show, tenho que descolar a letra e tento lembrar a música de cabeça, mas Roberto sabe tudo de todas as fases e me dá um help.

Ela sempre gostou de dizer que não acha muita graça no repertório que construiu nestes 40 anos de estrada. Inconformado, forço um pouco a barra, de alguma coisa ela tem que gostar. "Tá bom, vai. Entre as minhas mais de 400 composições, tem umas dez das quais modestamente me orgulho de ter feito: 'Mania de Você', 'Orra Meu', 'Lança Perfume', 'Doce Vampiro', 'Caso Sério', 'Coisas da Vida', 'Obrigado Não', 'Flagra'... Ah, sei lá, meu!" Não deve ser por acaso: entre as oito canções citadas acima, apenas uma, "Coisas da Vida", não pertence a sua parceria com Roberto de Carvalho. A história dos dois tem raízes profundas.

Ela conheceu o marido em 1975, quando ele fazia parte da banda de Ney Matogrosso. Dois anos depois, o guitarrista já constava na ficha técnica de Refestança (disco que a ruiva dividiu com Gilberto Gil pouco depois de sair da cadeia) como um dos membros do Tutti-Frutti, banda que a acompanhava desde o ano seguinte a sua saída dos Mutantes. Roberto foi tomando conta do pedaço e, pouco mais de um ano depois, o Tutti-Frutti estava desfeito. "Formamos uma dupla

dinâmica de verdade. Há 31 anos, trabalhamos a quatro mãos, não sabemos o quanto dele é meu e o quanto de mim é dele. Roberto é um maestro do bom gosto, da harmonia requintada, um instrumentista impecável. Já eu sou um pára-raio do inconsciente coletivo que não sabe cantar nem tocar nada e se mete a besta", ela define.

O disco de estréia da dupla, nas lojas em 1979, foi o maior sucesso da ruiva até ali, emplacando quase todas as faixas nas rádios, a começar pela balada-de-pós-trepada "Mania de Você". Na foto de contracapa do LP, ela aparece grávida do terceiro filho, Antônio, escorada em Roberto, que toca sua guitarra. Tom Zé considera esse álbum um marco da sexualidade brasileira. "Ele foi responsável pela educação sexual daquela época, com suas letras sexo-pedagógicas criadas pelo fato de Rita ter encontrado um marido tão fantástico como Roberto de Carvalho. Nunca vi uma pessoa se apaixonar tanto pelo pau de um namorado a ponto de tecer loas constantes e repetidas em tudo que cantava", diz o tropicalista. E segue a viagem: "No futuro, as moças podiam até reivindicar ter um pau como o que ela teve. A ciência, quando se tornar útil para o povo, vai estudar o pau de Roberto de Carvalho, criar pênis iguais e pôr no mercado. Toda moça haverá de dizer: 'Também quero o meu igual'. Como as coisas que a ciência produz são, no princípio, muito caras, o Governo Lula, que é muito preocupado com os impostos, iria taxá-los muito alto, como taxa os automóveis. Os sociólogos até diriam que os pênis da marca Roberto estavam criando problemas na economia familiar, mas imediatamente a associação dos pais iria fazer uma declaração na primeira página dos jornais dizendo: 'Não, para minha filha quero o melhor!'."

Mas os fãs dos discos dos mutantes e do Tutti-Frutti, amparados por parte da crítica musical, não receberam a mudança causada por Roberto com os mesmos bons olhos de Tom Zé. "Os mais burros diziam que ele estava dando um golpe para aparecer às minhas custas", ela conta. "Entre nós dois, Roberto e eu, não rolavam saias-justas. Sabíamos o potencial um do outro. O que enchia o saco era gente de fora dando opiniões babacas e tentando semear a discórdia. Eles ladravam e nós dois desfilávamos."

O desfile de sucessos foi aumentando progressivamente. E, na mesma proporção, o assédio descontrolado das pessoas em sua volta. A pressão foi pesada demais para a cabeça da estrela. "Eu era uma Xuxa acuada pela fama", ela lembra. "Aquilo me fazia sentir solitária pra caramba. Quem se aproximava era para roubar minha alma. Eu, que já enchia a cara com tudo, comecei a entornar legal. Diziam que eu havia tentado o suicídio, que estava com leucemia, que Roberto me

dava porrada, y otras cositas. Vivía entrando e saindo de hospícios, mas nunca parei de compor. Quem segurou a barra dos meninos foi Roberto."

Nessa primeira fase, a dupla rendeu nove LPs, com resultados um tanto diferentes em termos de qualidade. Se em 85 veio à luz o brilhante Rita e Roberto, cinco anos depois chegaria burocraticamente às lojas o fraco Rita Lee e Roberto de Carvalho. O álbum dava a impressão de que trabalhar em dupla por tanto tempo tinha mecanizado o processo criativo. O gesso precisava ser quebrado. "Realmente isso aconteceu", ela faz o mea culpa. "Sempre acontecia quando, por contrato, tínhamos que entregar um último trabalho. Como não havia o menor tesão, a gente copiava a gente mesmo sem o menor pudor. Até usávamos uma expressão engraçada para definir esses momentos: eis mais um sucesso do funcionalismo público musical."

Em 1991, afastada de Roberto, a ruiva partiu para a estrada. Era a primeira vez sem a retaguarda do marido em 14 anos, e isso lhe causava uma insegurança tremenda. Na arte, se saiu muitíssimo bem: produziu o caprichado Bossa'n'Roll, show acústico levado a dois violões no qual relia de maneira delicada e inteligente uma parte significativa da própria obra. O projeto se tornou o embrião nacional da série de álbuns desplugados que viraria o carro-chefe da MTV anos depois.

As críticas dos especialistas ao trabalho eram as mais favoráveis em anos, mas nada disso serviu para espantar os fantasmas que a assombravam na solidão da estrada. Arrumou uma companhia: a bebida. "Até então, eu tinha repulsa a beber, álcool era uma droga careta. Meu avô, meu pai e minha irmã mais velha eram alcoólatras. Nunca achei que poderia virar uma até experimentar o barato rápido que a bebida dava, e ainda tinha a vantagem de você nem ser presa por encher o rabo. Ainda misturava com calmantes, baseado, pó e o que pintasse pela frente. Volta e meia eu entrava em coma e tinha que ir para o hospital fazer lavagens estomacais e tomar soro. Minhas entradas e saídas das clínicas, que eu chamo carinhosamente de hospícios, eram para desintoxicar e botar a cabeça no lugar", recorda. "Faz dois anos que estou limpa. Sei que essas doenças não têm cura, o lance é ficar no controle da situação, o que é bastante difícil, principalmente com álcool, que é superfácil de descolar. Geralmente, quando alguém vem me oferecer bebida, já digo na chincha que sou alcoólatra. Mas tem sempre aquela situação do cara inconveniente insistir dizendo: 'Vamo lá, Ritinha! Sei que tu é chegada nos birinaits, tá fazendo gênero comigo?'. É um clichê na vida de roqueiro encher a cara, ser preso, fazer escândalo, morrer de overdose, entrar e

sair de hospício, virar doente terminal, ufa! Puxa vida, a única droga que uso hoje é Marlboro. Será possível que não vão me deixar em paz nunca?"

- "Roberto, vê se essa empada é de cadáver?"

- "Não é, Rita, são as suas, de palmito."

- "Nunca se sabe. Come pra mim, vê se tem cadáver."

Ela coloca na minha boca uma das empadinhas que estão no bufê do estúdio em São Paulo e foca seus olhos azuis nos meus, esperando a resposta. Dou uma dentada e vejo os pedaços de palmito. Digo isso a ela.

("Ai, graças a Deus, gosto tanto de empadinhas...")

Rita não come carne - ou cadáveres - há cerca de 20 anos. Diz que é uma questão de respeito à vida dos animais. "Mas adoro tirar bifés dos meus dedos, quanto mais sangrentos mais meus caninos ficam felizes."

A atriz Marisa Orth conta uma história que alinha com um só ponto toda essa filosofia vegetariana da ruiva: "Lembra daquele caso do canibal alemão que queria comer uma pessoa - gastronômica, eu digo - e colocou um anúncio nos classificados de um jornal procurando candidatos? Ouvi aquela notícia e fiquei chocadíssima. Pois a Rita nem se abalou. Pra ela, isso acontece todo dia e ninguém percebe, já que ela não vê a menor diferença entre comer carne de gente e carne de bicho. Quando me explicou isso, botou a mão na minha coxa e disse: 'Se eu posso comer a pata de uma vaca, por que não poderia comer uma fatia dessas 'coxona'?'".

Desde que não mora mais em São Paulo (mudou-se para uma cidade próxima, a pouco mais de 30 km da capital paulista), Rita pôde ter de volta o clima de mata que seu histórico natureza sente falta. E ganhou espaço para a bicharada. "Tenho quatro gatos, quatro cachorros, três ratinhos, quatro tartarugas e 30 carpas. Preciso me segurar para não levar para casa os bichos que encontro no caminho", reconhece.

Também ficou mais acentuada sua falta de vontade de botar o pé na rua. Não tem aberto exceção nem para ir ao cinema, coisa que jura que gosta mais de fazer do que de ouvir música. "A gente baixa uma caralhada de filmes pela net, eta maravilha moderna essa. Assistimos aos blockbusters e às podreiras também. Dos filmes novos, gostei do 23, com Jim Carrey, e do Syc-ko, do Michael Moore. Dos meio velhos, gostei do Perfume. E dos antigões, adorei rever Modern Times. O escurinho do cinema é fundamental, mas morando no meio do mato, é mais prático

baixar tudo e assistir com meus bichos. Com todas essas modernidades, tem sido difícil sair de casa. Mas, como não sou filha do Antonio Ermírio, preciso trabalhar para pagar minhas contas."

Marisa diz que acha essa reclusão completamente normal, já que estamos falando de uma das maiores estrelas do Brasil. "A Rita é muito famosa, muito personagem e muito inconfundível. E tem muito maluco que gosta dela. Parece que ter isso tudo é muito bom, mas vai sair na rua para você ver. As pessoas te invadem. Ela mora dentro do parangolé dela e eu entendo isso. Está com cada vez menos saco para as pessoas e tem todo o direito", conclui.

De: Zélia Duncan

Data: quinta-feira, 15 de novembro de 2007 19:35

Assunto: Re: o amor é imprevisível

O primeiro disco que, a pedido meu, ganhei de aniversário nesta vida foi de Rita Lee e se chamava Fruto Proibido. Era uma revolução a cada nota, a cada sílaba, um jorro de atitude, seqüestrando uma cabeça pré-adolescente e um país inteiro. Anos depois, esbarro pela primeira vez com a ruiva num estúdio em São Paulo, onde eu mixava a faixa 'Lá Vou Eu', dela e Luis Sergio Carlini, que invadiu o Brasil e nos aproximou de alguma forma. E vivemos momentos muito bacanas. Carinhos, parcerias, risadas, gravações e declarações. Mas nada me dava a pista de que, depois ainda, eu viria a cantar com os Mutantes por um ano e pouco, numa viagem linda e maluca, que não posso deixar de considerar parte de minha homenagem a Rita nesta vida. Eu me sentia um pouco guardiã de um posto que só pode ser dela. Hoje, meus e-mails não alcançam mais a musa. Mas meu pensamento é contra anti-spam e sempre voa até minha amada em Sampa, pra dizer o quanto o mundo precisa dela aqui! Viva Rita Lee! A música brasileira te agradece! Beijos, Zélia.

Desde que foi expulsa dos Mutantes, em 1972, a ruiva nunca mais quis saber da banda que a lançou. E também nunca precisou disso. É óbvio que o aprendizado absorvido nos seis anos em que esteve ali (e nas seminais Six Sided Rockers, O Konjunto e O Seis, avós dos Mutantes) foi decisivo para que se tornasse quem se tornou, mas, uma vez fora, fez sua história seguindo outro caminho. E foi mais reconhecida pelo público pelo sucesso obtido nessas novas empreitadas (com Tutti-Frutti, com Roberto de Carvalho) do que pelo passado mutante. Muito por conta dessa ruptura bem-sucedida, fez questão de não participar do meteórico revival da banda, entre

2006 e 2007. "Nunca tive a menor dúvida de que 'a volta dos que não foram' não daria muito pano pra manga. Sempre fui avessa a essa coisa pobre de revival, esse caça-níquel sem vergonha de quem não tem coragem de partir para outros mares nunca d'antes navegados", ela alfineta. "Entendo que quem nunca viu Mutantes se lambuzou no melado. Afinal, as músicas do repertório eram todas do meu tempo. Senti foi um grande alívio de não estar lá revivendo o que, para mim, já estava morto e enterrado."

O tema "revival" é delicado quando estamos falando de uma artista que teve o apogeu de seu sucesso nos musicalmente rentáveis anos 80 e hoje é obrigada a se adaptar a um mercado fonográfico destroçado, que exige incansáveis (e cansadíssimos) discos ao vivo e não dá nenhum valor para material inédito. Quão frustrante deve ser para um artista fértil como a ruiva ver sua produção recente não alcançar mais o grande número de ouvidos que um dia atingiu? "Juro que não é frustrante", ela responde. "O mais gratificante é compor, é ouvir uma música em primeira mão, mesmo que apenas meia dúzia de pessoas possam dar valor. É natural que o vulcão da minha juventude não espalhe tanta brasa como antes, mas a fumacinha ainda está lá, o vulcão não está adormecido, apenas menos exuberante. Entendo perfeitamente esse lance de neguinho só gostar das músicas antigas de artistas com mais de 40 anos de estrada. Quando vou assistir aos Rolling Stones, até curto um pouco as novas, mas a-d-o-r-o as antigonas. E se eles não tocarem '(I Can't Get No) Satisfaction', I can't get no satisfaction either!"

Uma semana antes do fechamento desta matéria, ela passou mal durante um show no Rio de Janeiro. Nada muito grave, mas o público sempre fica assustado, já que conhece de cor seu passado de doidona. Ela diz que toma seus cuidados. "Estamos diminuindo bastante a quantidade de shows, porque, apesar de a minha cabeça continuar com 17 anos, meu corpinho de 60 num güenta tanta porrada. E dói dormir em hotel, comida que você não sabe quem preparou, viajar de avião, encontrar gente que fica tirando foto sua no celular sem pedir permissão... Preciso de pelo menos uns dias para recuperar as energias. O lance é que eu reclamo muito de tudo até pisar no palco, a partir de então, tudo vira a delícia de sempre. Sinto o mesmo tesão de 40 anos atrás."

De: Rita Lee

Data: segunda-feira, 24 de setembro de 2007 17:42

Assunto: Re: foto

Orra meu, já chorei pra dedéu nessa minha vidinha besta. Desde criança, quando volta e meia me sentia uma bostinha total, desenvolvi uma boa estratégia para não ficar com pena de mim por mais do que 5 minutos: a auto-esculhambação. Por outro lado, tiro um bom partido de crises existenciais tipo 'eu prefiro ser feliz ou ter razão?', e outras tantas que entram pelos sete buracos da minha cabeça oca. Porrada tomei a vida inteira, mas, como tropicalista da gema, estou cagando e andando para quem me detesta e continuarei fazendo o que me der na telha.

Ela não é uma personalidade do tipo "quem não ama odeia", muito menos do tipo "ah, por mim tanto faz": todo mundo vai com a cara dela. Por isso, soa um bocado imprevisto saber que ela sente existir gente que a detesta. "Essa sensação eu carrego desde pequena", ela diz. "Sempre fui persona non grata na escola. Quando comecei na música, diziam que eu era uma gringa riquinha fazendo rock imperialista. Quando saí dos Mutantes e parti para carreira solo, os manos torciam para minha derrota. Com Roberto, fui taxada de traidora do rock porque entrei no pop, na bossa, no bolero. Sobrevivi todos estes anos com críticas duras ao meu trabalho. O que me faz tocar o barquinho adiante é o público que sempre me prestigiou e continua enchendo meus shows."

No último dia de 2007, ela completa 60 anos - dois terços deles registrados como história para qualquer interessado na música feita no Brasil. Mas não acha que as datas redondas mereçam ser comemoradas. Mais modéstia? "Não, é que eu tenho bode dessas comemorações com data marcada e detesto fazer aniversário. Desde criança, sempre achei insupórtabou. O meu aniversário acontece no Réveillon, então nunca tive uma festa só para mim. E sempre vinha um pão-duro com um presente só na mão dizendo: 'Este aqui é de Natal e aniversário'. Dãã..."

Mas o tempo parece rodar diferente agora. Às vezes, ela tem a impressão de que os relógios de hoje funcionam mais rápido do que os de 20 anos atrás. "Mas prefiro essa metamorfose ambulante do que aquele tempo em que um sucesso do Roberto Carlos durava três anos", brinca. Quanto a sua música, ela diz que a produção não pára. "Estou com umas 40 letras para serem musicadas. Quem quiser me musicar, tamos aí! Outro dia, eu e o Beto, meu filho mais velho, fizemos juntos uma que se chama 'Nóia' e morremos de rir, porque ela é cruel com gente que en-

che o saco do próximo. Escrevi uma letra chamada 'Divagando' para uma levada trance que João, meu filho do meio, está produzindo. Como você pode perceber, estamos quase chegando a ser uma família 'Leema'."

Há dois anos, essa família cresceu. Beto deu à ruiva sua primeira neta, Izabella. Em uma das nossas primeiras conversas por e-mail, perguntei qual era a sensação de ser avó. Depois fui perceber que é esse o assunto que faz sua boca encher de água com mais abundância entre todos os outros.

De: Rita Lee

Data: sexta-feira, 31 de agosto de 2007 13:46

Assunto: Re: ritz

Bicho, se eu soubesse que ser avó era tão genial eu nem teria sido mãe, hahaha... Izabella, minha Ziza, é uma sagitariana que não veio ao mundo a passeio. Quando Beto me contou que estava grávido, eu disse: 'Lá vem ela, Miss Brasil 3000!' Eu nunca tive uma filha, a diferença começa pela higiene da xerequinha, bem diferente da dos pirulitos. As roupinhas são mais graciosas. Ziza é vaidosa e dengosa, é falante pra caramba, gatinha manhosa. Ela é atenta e curiosa, aprende rápido, adora uma palhaçada. Tô de quatro por ela.

Assim que o recebi, pensei que o e-mail acima poderia cair bem como desfecho desta matéria, já que define perfeitamente o estado de espírito atual da vovó roqueira. Mas os dias foram passando e nossas conversas trouxeram outros finais, todos eles bastante significativos. Acabei optando por este que transcrevo em seguida. Pelo simples fato de sentir nele que o filme que correu no fundo da minha cabeça enquanto olhava o perfil da ruiva no ensaio ainda não está completo. E pode nos render mais trilha sonora para novos porres homéricos, paixões frustradas, crises de choro, amores históricos e tantas outras cenas espetaculares.

De: Rita Lee

Data: domingo, 19 de novembro de 2007 17:47

Assunto: Re: último

Ah, querido... Hoje, sou uma vovó alegre que escolheu morar no mato para ter mais qualidade de vida. Vem me ver que cê vai sentir como nunca estive tão feliz em toda a minha vida. Feliz pra

caramba. Feliz, but I still can't get no satisfaction, and I like it, like it, yes I do. Se a gente ficar satisfeita, é melhor morrer, né não? Beijos eternos, Ritz